

Ajudar Portugal!...



Restos do quadricentenário Carvalho de Fiães consumido em parte pelo fogo e uma das atrações de quem visita o Mosteiro Cisterciense como aconteceu no dia 1 de Julho aos amigos da Rota Cisterciense

Neste tempo de horror
Que agora estamos a viver,
Sintamos na alma o fervor,
A vontade de ajudar, de fortalecer.

O nosso auxílio é precioso
Para quantos estão a sofrer,
Com a teimosia do fogo
Que insiste em prevalecer.

Finalmente, após extinto
Qual fénix das cinzas renascida,
Brotará uma nova vida
Para o povo, de paz, assaz faminto.

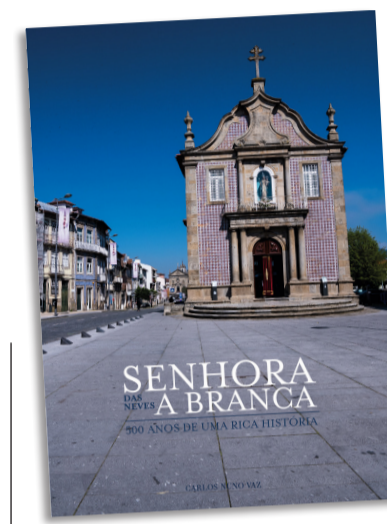
Louvemos a todos quantos
Se empenharam em lutar,
Arriscando a própria vida
Para a dos outros preservar!

Armanda Urze, Vila
21.06.2017

Lançamento do livro Senhora das Neves/a Branca

500 Anos de uma rica história

de Carlos Nuno Vaz



págs. 30/31

As marchas de S. João continuam a ser uma aposta cultural

pág. 9



35 Anos da marca Soalheiro, sempre na vanguarda da inovação

pág. 7

3ª Edição do Alvarinho Wine Fest, em Lisboa foi um sucesso

pág. 23



Dia Mundial dos Pobres ou os pobres como um recurso

pág. 2

Uma vida singular conto de Olinda Carvalho

pág. 12

Jovens Melgacenses unidos pela política

pág. 8

Melgacenses e Galegos convivem em Rebordechán

pág. 8

Fronteiriços com recheado programa de verão

pág. 10

Dois párcos de S. Fagundo de Melgaço

pág. 13

Aveira e Castro promovidas na Gala da RTP de 30 de Julho

pág. 14

Aquivo Municipal à distância de um clique

pág. 17

Na vanguarda da aplicação para smartphones visando a promoção de Monção

pág. 19

É de origem melgacense a última marca que sabe fazer o famoso café português

págs. 24/25

Eleições em França e em Inglaterra

pág. 27

Da cidade do Cabo à ilha de Zanzibar

págs. 31/32



Farmácia Gonçalves

f/FarmaciaGoncalves.Melgaco

farmagoncalves@sapo.pt

Rua de Galvão, s/n | 4960-549 Melgaço

Mais que uma Farmácia...

Crie já o seu Cartão Cliente e conheça todas as suas vantagens!

Venha conhecer os nossos serviços.

☎ 251 418 183



António Melo Fernandes de Castro e Sousa

Os pobres não são um problema: são um recurso para viver a essência do Evangelho - 95

No dia de santo António, o Papa Francisco brindou-nos com uma Mensagem instituindo a I Jornada Mundial dos Pobres. Será no 33º domingo, na semana antes da festa de Cristo Rei. Este ano é no dia 19 de Novembro.

Estamos perante um texto admirável e profundamente interpelador: «O amor não admite alibis.. sobretudo quando estamos chamados a amar os pobres». Aliás, foi o serviço aos pobres que distinguiu as primeiras comunidades cristãs. São Tiago encarregou-se de nos questionar: «De que serve dizer que se tem fé, se se desonram os pobres?» Se a fé não é seguida das obras, é uma fé morta. (Tg, 2, 5-6. 14-17)

Ao longo da história, o Espírito Santo fez com que aparecessem homens e mulheres que, com o seu amor real e concreto aos pobres, levaram os cristãos e a Igreja a fixar o olhar no essencial. E estes escreveram páginas e páginas onde transparece a generosa «fantasia da caridade». Entre todos, sobressai Francisco de Assis, que decidiu ir a Gúbio «para estar juntamente com os pobres». E ali descobriu que, o que antes até lhe causava repugnância, o tinha levado a sentir «doçura de ânimo e do corpo. Este testemunho manifesta a força transformadora da caridade e do estilo de vida dos cristãos».

Não bastam as experiências fugazes de contacto com a pobreza, embora importantes para sensibilizar para as necessidades de tantos irmãos e a descoberta das injustiças que as causam. Tais experiências devem levar «a um verdadeiro encontro com os pobres, fazendo com que a partilha generosa se torne um estilo de vida. De facto, a oração, o caminho do discipulado e a conversão encontram na caridade que se faz partilha a verificação da sua autenticidade evangélica. E deste modo de viver derivam a alegria e a serenidade de ânimo, porque se toca com as mãos a carne de Cristo. Se realmente quisermos encontrar Cristo, é necessário que toquemos o corpo chagado dos pobres... O Corpo de Cristo, partido na sagrada liturgia, deixa-se encontrar na caridade partilhada nos rostos e nas pessoas dos irmãos e das irmãs mais débeis». Não em vão São João Crisóstomo nos advertia que não faz sentido honrar o Corpo de Cristo eucarístico com paramentos de seda e descurar o outro Cristo que, no pobre, está aflito pelo frio e a nudez.

«Nós somos chamados a estender as mãos aos pobres, a encontrá-los, o olhá-los nos olhos, a abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que destrói o cerco da solidão. A sua mão estendida para nós é também um convite a sair das nossas certezas e comodidades e a reconhecer o valor que a pobreza constitui em si mesma».

Não esqueçamos que, para os verdadeiros discípulos de Cristo, a pobreza é antes de mais uma 'vocaçãõ a seguir Jesus pobre'. É um caminho de seguimento de Jesus e com Jesus, um caminho que conduz à felicidade do Reino dos Céus. Pobreza significa um coração humilde que sabe acolher a própria condição de criatura limitada e pecadora, para superar a tentação de onipotência que nos dá a ilusão de sermos imortais. A pobreza é uma atitude do coração que nos impede de pensar em acumular dinheiro, de pensar na carreira e no luxo como objectivos de vida e condições de felicidade. «Pelo contrário, é a pobreza que cria as condições para assumir livremente as responsabilidades pessoais e sociais, não obstante os próprios limites, confiados na proximidade de Deus e sustentados pela sua graça. Assim entendida, a pobreza é a medida que permite avaliar o uso correcto dos bens materiais, e também o viver de modo não egoísta e possessivo as relações e os afectos». Isto ensina-o o Catecismo da Igreja Católica nos números 24 a 45.

É difícil, no mundo de hoje, identificar de maneira clara a pobreza, porque ela tem muitos rostos: dor, marginalização, abuso, violência, torturas, prisão, guerra, privação da liberdade e da dignidade, ignorância, analfabetismo, emergência sanitária, falta de trabalho, tráfico de seres humanos, escravidões de vários tipos, exílio, miséria, migração forçada. «A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças abusados por interesses vis, esmagados por lógicas perversas do poder e do dinheiro. É um elenco impiedoso e incompleto das diversas formas de pobreza causadas pela injustiça social, pela miséria moral, pela avidez de uns poucos e a indiferença generalizada».

A resposta a tudo isto só pode vir de uma nova visão da vida e da sociedade, reagindo à cultura do descarte e do desperdício, com a cultura do encontro, descobrindo quão decisivo é que saibamos viver com o essencial e abandonados à providência divina. O Pai Nosso é a oração dos pobres. O pão que se pede é para todos, o que implica partilha, participação e responsabilidade comum. Nesta oração, experimenta-se a exigência de superar todas as formas de egoísmo para aceder à alegria do acolhimento recíproco.

Carlos Nuno

Tempo de férias... tempo de parar?



De descansar, sim. Se o parar significar ficar em casa todo o dia, promovendo, exclusivamente a le-targia perante qualquer atividade ... definitivamente, não!

O tempo da pausa letiva do Verão aproxima-se e, para a maioria das crianças e adolescentes, o findar do ano escolar acontecerá brevemente. É um momento, nesta fase, já bastante expectado, ora porque o tempo estival chegou (crê-se) para ficar, ora porque a proximidade das provas finais de aferição e de avaliação assim o fazem perspetivar.

E depois das aulas terminarem? Em muitos casos, os pais, ainda não em férias, e, muitas vezes sem suporte familiar próximo, já têm esta reposta globalmente preparada: atividades de ocupação em tempo de férias. Esta opção, desde que caracterizada por diversidade de atividades e aposta em componentes culturais, constitui uma forma, benéfica e produtiva, de promover o referido descanso das componentes escolares/letivas, de promover o contacto com outros grupos de pares (desafiando, assim, as competências sociais) e novos contextos, e de, ao mesmo tempo, contrariar a tendência para a passividade, para a centração nas tecnologias, que muitas crianças e adolescentes procuram obter nesta fase de pausa, estruturando os dias em casa.

De qualquer modo, existirão, obviamente, situações, em que por motivos económicos, geográficos, de disponibilidade de serviços neste âmbito da ocupação dos tempos de férias, estas atividades não estejam tão acessíveis à criança, ou que, exista, de facto, a escolha parental de a criança permanecer com familiares, durante o tempo das férias escolares. Neste caso, é, de facto, fundamental, que os adultos que coordenam o quotidiano de férias destas crianças, o façam com primazia da autonomia individual, do desporto, da leitura e de atividades que façam a criança sair da sua zona de conforto. Nada de difícil e, na maioria das estratégias, de carácter gratuito:

- Estabelecer à criança um tempo de leitura diário, que não tem que ser necessariamente em casa: pode ser no parque, numa biblioteca de rua, em baixo da sombra de uma árvore. Registrar numa tabela o número de páginas que a criança leu, colocar questões sobre a leitura, motivar a vinda de um novo livro. Elogiar os progressos e a motivação! Se a criança tiver no adulto um companheiro de leitura, que constitua um modelo atitudinal nesta área, melhor ainda.

- Programar visitas a museus, monumentos, exposições, com a criança. Existem visitas a preços

muito convidativos, ou mesmo dias em que as mesmas são gratuitas. Preparar, previamente, o que vão ver, ler sobre a local, o artista, o museu. Aproveitar as visitas guiadas também é uma boa aposta. Fazer um cartaz com os locais a visitar nas férias pode ser amplamente motivador!

- Apostar na atividade física! Caminhar, correr, andar de bicicleta, pela frescura da manhã, ou no final da tarde. São atividades gratuitas, ao ar livre e, em muitas localidades, com ótimas condições para a sua prática.

- Promover a autonomia funcional da criança e envolvê-la em tarefas domésticas em que possa colaborar. A valorização da colaboração, da organização, e da eficácia, em tarefas variadas como arrumar o quarto, cozinhar (dentro do apropriado para cada idade, claro), tratar de animais, limpar, regar plantas, ou comprar o pão autonomamente, promove a responsabilização individual.

Esta temática é deveras importante, mais ainda no período da adolescência, em que o apelo do tempo diário, inteiramente disponível para o telemóvel, tablet e afins, é deveras atrativo. Além das estratégias acima descritas, facilmente adaptáveis para estas idades, muitas autarquias têm já

disponíveis bancos de voluntariado jovem. Algumas universidades têm, também, programas de férias, baseados na experiência direta com os cursos que disponibilizam, promovendo um conhecimento sobre os seus currículos, bem como sobre os exemplos de profissões associadas a cada um. Incrementam, deste modo, o desenvolvimento vocacional do adolescente.

Sónia Vaz
in Revista Sim

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:

redacao@vozemelgaco.pt
director@vozemelgaco.pt
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Site: www.vozdemelgaco.pt
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes
João Martinho Silva – Melgaço
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Aldício Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção
Manuel Félix Igrejas – Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Brasil
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadele Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Chaviães
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Ramiro Lima Cerqueira – Melgaço

Membro da:
AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;
4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de "A Voz de Melgaço"

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E
EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

As ruas floridas de Melgaço



Os tapetes voltaram a 'florir', nas ruas de Melgaço. A 15 de Junho assinalou-se o Corpo de Deus, e as associações e moradores das ruas onde tradicionalmente passa a procissão, abraçaram a missão de enfeitar a calçada.

Mantendo os espaços habituais, desta vez a meteorologia não estragou o trabalho dos grupos que a cada ano procuram surpreender pela forma e materiais com que decoram o espaço que lhes é concedido.

AS cores e os padrões foram a opção dos grupos para este ano, como comprovam as imagens.

Para ver estas ou outras imagens relativas a eventos do mês de Junho, visite a página Facebook do jornal "A Voz de Melgaço"

João Martinho



Quatro pilotos melgacenses em Lousada

Os pilotos melgacenses participantes do Campeonato Nacional de Drift voltaram à pista para garantir os lugares cimeiros da competição.

Nesta segunda prova, realizada no Circuito de Lousada nos dias 3 e 4 de Junho, a equipa melgacense ia reforçada com mais dois concorrentes, mas o desaire de um dos jovens pilotos acabou por deixar o confronto com os líderes da categoria Semi-Pro para outra data.



Os melgacenses Paulo Nunes e Francisco Ranhada ficaram em 2º e 4º lugar, respectivamente; enquanto Fábio Cardoso e Sérgio Marques ficaram-se pelos Oitavos-de-Final desta competição. Sérgio Marques viu agravada a sua primeira incursão no CND quando, por "erro de precisão", perdeu o controlo do carro, provocando danos irreparáveis ao veículo após capotamento.

"Eu saí ileso, mas o mesmo não aconteceu com o carro, que ficou completamente destruído. Um erro de precisão numa curva levou-me a sair da pista e ao entrar na terra o carro entrou em descontrolo total. Fui em direcção as barreiras da pista e foi aí que se deu o capotamento do carro", conta Sérgio Marques.

Dos pilotos do Top 5, Francisco Ranhada diz-se estimulado para a recuperação, embora falhe a próxima prova deste CND 2017. "Esta segunda prova do CND foi de extrema importância para o campeonato, houve uma "caravana" enorme de pilotos – cerca de cinquenta, entre as duas classes – o que demonstra que o campeonato está para ficar. Houve bom público e acima de tudo excelentes espectáculos numa pista muito técnica que privilegia as aptidões de cada piloto", refere o participante melgacense.

"A nível pessoal sinto-me bastante realizado, pois considero que a minha prestação foi bastante positiva. Consegui ir às finais e alcançar um 4º lugar da geral, o que me fez subir imenso na classificação do Campeonato, onde me encontro actualmente na 5ª posição", explica ainda o entusiasta dos motores.

Sobre a continuidade no campeonato, Francisco Ranhada assume que falhar a prova em território algarvio, marcada para o final de Julho, poderá ser prejudicial para os seus intentos de ficar no top 5 da geral, mas promete voltar em força em Leiria (Setembro) e no Estoril (Dezembro). "Darei o melhor para tentar garantir o máximo de visibilidade aos meus patrocinadores, que neste momento são uma peça fundamental no meu 'programa'".

Sobre os imprevistos, só há memória dos piores: "Foi o triste acidente do Serginho, foi muito triste para todos nós ver um piloto amigo, da terra, a deitar o carro ao lixo... Fiquei bastante abalado na verdade", observou.

AS competições do CND com a presença dos pilotos melgacenses voltam em Setembro e nós daremos nota dessa participação local no inédito campeonato.

João Martinho



ESTHETIC SMILE
HEALTH CARE

CARTÃO CONSULTA
CUSTA MENOS
SORRIR MELHOR



INFORME-SE E ADQUIRA PARA
BENEFICIAR DE PREÇOS ESPECIAIS
E VANTAGENS EXCLUSIVAS
DURANTE TODO O ANO

ESTHETIC SMILE a fazer
25 Melgaço
anos a sorrir
1992 - 2017 Tel.: 808 215 415

Participe do CONCURSO SEMANAL 25 anos
ESTHETIC SMILE - MELGAÇO.

Durante o ano de 2017 todas as sextas-feiras às 10:00hs da manhã será Sorteado 1 VALE SORRISO no valor de 25€ em tratamento dentário.

E um Cartão Consulta ESTHETIC SMILE.

Participe através dos telefones 00351 251096072 Ou 808215415
Ou inscreva-se presencialmente na Clínica.

O Resultado do Sorteio será publicado nas redes sociais e o vencedor contactado pela empresa.

RESTAURANTE "O Adérito"



Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS






MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

"HABEMUS VINUM" Festival de Vinho Verde em Amarante

Chegado ao continente, para um período de férias, não quis perder a oportunidade de me deslocar a Amarante, onde decorreu um evento durante três dias (16, 17 e 18 de Junho) para promoção de vinhos verdes dessa região, a par de outras iniciativas, como palestras, demonstrações de show-cooking, iniciativa louvável da UVVA (Universo do Vinho Verde de Amarante), com o apoio da Câmara Municipal de Amarante.

O espaço escolhido foi o bonito Claustro do Convento de São Gonçalo, onde em três espaços do seu interior estavam montados os stands, os quais se encontravam dispostos num ambiente bem decorado. Infelizmente, só estive presente no último dia (domingo), não podendo fazer um juízo muito avaliado do que lá se passou, nos dois dias anteriores, com um programa vasto, onde se incluíam "conversas" sobre vinhos verdes, e foram apresentadas as últimas novidades dos produtores presentes. Aliado a isso, o extremo calor que se fazia sentir, acabou por desmobilizar alguns produtores que já não marcaram presença. Os produtores presentes ainda tinham a preocupação de encher taças com gelo, de modo a terem os seus vinhos frescos para prova.

Contudo, e segundo rezava o programa, foram debatidos assuntos sobre o vinho verde, nessas conversas, tais como: "as castas internacionais no Vale do Tâmega", "vinhos de alta altitude e baixa altitude na região", "O aparecimento dos novos vinhos na região de Basto", "Castas autóctones – Tradição ou Modernidade?", para além de sessões de "showcooking", com a presença de alguns chefes gourmet.

Considero estas iniciativas de promoção vinícola interessantes, pois acabam por atrair visitantes fora da região, permitindo desse modo dar a conhecer e a provar o que de bom a região pode oferecer nessa matéria. Torna-se, é necessário programar estas iniciativas de feição a não colidirem com outras do género, e também a escalarem datas não coincidentes, de modo a não haver atropelos de regiões vnicas, e não cair na tentação, no exagero destes eventos.

Tive oportunidade de provar alguns vinhos, mas não pretendo aqui fazer qualquer comentário da avaliação dos mesmos. Provei um ou outro que me agradaram, mas o que mais me chamou a atenção, foi verificar a menção a alguns rótulos de vinho verde



da casta "Alvarinho". Depois de provados, sente-se algo relacionado, sim com o "alvarinho", mas temos também a sensação de faltar "algo" no conjunto. Isso, levava-me a considerações que agora não vêm para o caso, que é a defesa que tenho mantido em relação à casta. A divulgação desta casta genuína de Monção e Melgaço, noutras regiões vai acabar por trazer efeitos nefastos para os verdadeiros alvarinhos da região. Eu penso que isso já se está a sentir. Para além deste aspecto, os inúmeros ensaios do cruzamento da casta alvarinho, com outras castas de vinho verde, que muitos produtores de vinho verde estão a fazer, acaba por "mascarar" e tentar fazer uma mais valia desses vinhos por eles produzidos.

Acho que se está a correr riscos com essas experiências, lançando um pouco a confusão para o consumidor final não esclarecido, que ao aderir a essas modas, deixa de conhecer a casta própria dessa região. Para tal, tem contribuído também alguma comunicação social especializada nos vinhos, a dar ênfase a algumas marcas, numa clara demonstração de que existem lobbies fortes no sector.

É claro que o vinho não escapa também às modas, e isso verifica-se nalgumas marcas muito faladas (mesmo muito caras), muitas delas que depois acabam por cair no esquecimento. Tenho verificado que grande parte de consumidores e

apreciadores de bom vinho me exclamam com grande frequência: "existem tantas marcas de vinhos hoje que, me deixam baralhado"!

Como nota positiva da minha deslocação a Amarante, foi verificar a presença do stand do Ayuntamiento de Medina del Campo, da vizinha Espanha, onde pontifica a região vnicica de Rueda. Aproveitaram não só para dar a conhecer a casta de vinho mais difundida na região, o Verdelho, mas dar a conhecer as potencialidades turísticas de Medina del Campo. Com grande profissionalismo ofereciam numa saca, vasta informação: uma brochura, mapas e guias com a vasta oferta que essa região possui no tocante ao seu património artístico, cultural e gastronómico, para além de dois vouchers, para a Semana Renascentista que terão lugar de 17 a 20 de Agosto, naquela cidade, com entradas gratuitas para o Museu, viagem turística no comboio e bilhete gratuito para uma atracção dedicada a crianças; e tudo isto com grande qualidade gráfica. Muito profissionalismo nesta atitude, a qual deveríamos imitar. Ainda temos muito que aprender nesta área. Estamos com muita sorte no tocante ao turismo que nos entra pelas portas dentro, mas em muitos aspectos "ainda não fizemos o trabalho de casa".

António Jorge Tavares
Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

REFLEXÕES ESPIRITUAIS

"Eduquemos as crianças e não precisaremos de castigar os Homens."
(Aulus)

Estaremos a educar da melhor forma?

A educação atual está numa fase em que prima pela competitividade a todos os níveis.

Vivenciamos uma educação onde se chega a situações que não sabemos quem é o educando e quem é o educador. De pai para filho, o educando começa desde cedo a educar. Vemos crianças que logo após aprenderem as primeiras palavras, já marcam o seu território e poder, defrontando-se com pais maleáveis e sensíveis, onde apenas agem de forma sentimental e deixam de lado o agir racional, através da razão.

Aonde leva este tipo de educação? Qual o futuro destas crianças?

Este tipo de educação apenas faz com que as crianças cresçam num ambiente de egoísmo, de poder, do ter, do possuir, que as levará a chocarem com uma sociedade onde será necessário a cooperação para sermos felizes e estarmos integrados com nós mesmos, com o nosso interior.

Vivemos um Mundo de ilusão e esquecemo-nos do Mundo real: o Mundo interior.

Temos que descobrir os valores que estão dentro de nós.

Educação requer firmeza! Firmeza nas palavras, nas ações, nos caminhos a seguir.

Quando não somos firmes, somos maleáveis, tornando-nos os brinquedos das crianças.

A firmeza educa a criança, levando-a a ser obediente, a estar atenta, a seguir o caminho que achamos o melhor.

As crianças que todos os dias nascem têm um mundo interior magnífico, uma força e capacidades acima da média atual. A nós compete-nos conseguir retirar de dentro delas o que há de melhor.

O desenvolvimento intelectual tem que andar sempre de mão dada com o desenvolvimento moral.

Para cada criança existe sempre uma solução.

As crianças são como as árvores de fruto: têm que ser "podadas" desde cedo para quando crescerem darem bons frutos, caso contrário, poucos frutos darão, devido aos ramos que não foram podados...

Henrique da Silva

Desabafo...

Sinto-me tão só com a tua ausência
Há dois anos que vivo em penitência,
Na luta para prosseguir a vida
Sem o teu abraço como sólida guarida!



Foram tantos os anos partilhados
Que é difícil conseguir-me habituar
À falta do teu olhar e dos sorrisos estouvados,
Até dos leves atritos que soa amainar

Só eu sei, quão forte é o meu lamento
Como grita a minha alma cá por dentro
Porque tu nunca mais vais regressar

Sinto que ainda vai sobejar o tempo
Até se atenuar este desalento
E esta nova fase da vida tolerar...

Armanda Urze, Vila
21.06.2017

A produção escrita de António Luís Vaz

CIVILIZAÇÃO EM PERIGO – Capítulo X

Fidelidade ao Mestre (1ª Parte)



Depois da profissão religiosa, no convento de Nossa Senhora de Atocha, em Madrid, pelos anos de 1612 ou 1613, Frei João de S. Tomás foi enviado a Alcalá de Henares, onde ia passar o resto da vida, se exceptuarmos o último ano e mês.

Ensinou primeiro filosofia, depois teologia, durante 17 anos, no convento da ordem e, em 1630, sucedia, na cadeira de Véspera, ao dominicano Pedro de Tapia, que fora promovido à de Prima, na universidade de Alcalá. Com a elevação deste ao episcopado, em 1641, passa a reger a cadeira de Tapia, onde o veio surpreender a escolha de Filipe IV para seu confessor.

Começa agora a acção intelectual mais profícua, mais eficiente, mais ampla.

Situa-se na galeria dos célebres dominicanos espanhóis, sendo o último desses mestres famosos, que se chamaram Francisco de Vitória, Domingos Soto, Melchior Cano, Bartolomeu de Medina e Domingos Bañez.

A história da filosofia denomina-os «Restauradores da Escolástica», pois a levantaram do abismo em que se afundara, corrigindo-a no método, actualizando os problemas a debater, integrando-a na sua época e até por haverem ensinado os primeiros jesuítas, os quais, de mãos dadas com os dominicanos, iam dar-lhe novo impulso.

Lembre-se Pedro da Fonseca, os Conimbricenses, Molina, Suarez, Vasquez, Bento Pereira e outros.

Os dominicanos são, em verdade, os pioneiros da Escolástica no período imediatamente anterior e, a par com os jesuítas, no momento que vai correndo.

O primeiro é Francisco de vitória, lente de Salamanca, «*clarus scientia theologica, clarius methodo quam inauguravit, clarissimus discipulis et fructibus quos per illos retulit*».⁽¹⁾

Homem do seu tempo, emaranhou-se nos grandes problemas coevos: eliminou as questões inúteis da Escolástica, obrigou a teologia a recorrer às fontes – os protestantes propunham a Bíblia como única regra de fé e, baseados nela, sustentavam heresias estruturalmente opostas ao ensino tradicional... –, substituiu, nas aulas, a *Summa* de Lombardo pela de S. Tomás e lançou os alicerces

de vários problemas de direito natural, que vingaram em Trento e que Suarez desenvolveria ao máximo.⁽²⁾

Cabe-lhe, na verdade, o nome de «fundador dos direitos das Gentes».⁽³⁾

Domingos Soto, aríete implacável dos terministas, continuou a investigação ética, esmerilhando as questões do Direito Natural, no seu *De Iustitia et Iure*.

Melchior Cano, profundamente revolucionário, sacudiu o jugo das maravilhas inúteis da Escolástica e deu-nos uma obra clássica, o *De Locis Theologicis*, das mais notáveis da Renascença. Pós, face a face, questões nitidamente enquadradas na tradição escolástica e factos, dados, noções carreadas pela filosofia moderna. Insistiu no estudo das ciências naturais, da física, da crítica, da história e das línguas, chegando a sustentar uma posição perfeitamente racional, mas um tudo nada arisca para inteligências menos abertas... Era a seguinte: – em matéria científica, a razão é independente e pode discordar das maiores autoridades humanas. Queria chamar a atenção de alguns coevos para a excessiva escravidão ao pensamento de S. Tomás.

Domingos Bañez é o fundador do Neo-tomismo, segundo a opinião de alguns. Celebrizou-o a controvérsia entre dominicanos e jesuítas acerca das relações da graça com a liberdade, tão discutida na época e ainda hoje interessantíssima nas escolas de teologia.

Último elo da cadeia, Frei João de S. Tomás dá novo surto à especulação. É um marco miliário entre a velha e a moderna filosofia: ponte de passagem entre ambas, cinge-se à primeira, ignorando sistematicamente a segunda nas obras que nos legou.

Religioso austero, humilde, metido na concha de uma excessiva modéstia, Frei João de S. Tomás dedicou-se entranhadamente à verdade, a ela sacrificou tudo, por ela se bateu «cobrindo um vestido de guerra de tecido grosseiro, tingido em pele de cabra».⁽⁴⁾

Esta nota bélica dá-nos o clima espiritual da inteligência contemporânea. Uma vez lente de filosofia e teologia, sentiu-se preso a um dever – o mais santo e agradável de todos: batalhar pela pureza da doutrina contra o inimigo.

Era o espírito de cruzada: luta defensiva, raras sentinelas aper-

tando-se na cidadela investida por todos os lados, abrasados em fogo, cheios de sede, não contando sequer com a lealdade e a sinceridade dos maiores amigos.

Que eram a França, a Alemanha, a Inglaterra, os Países Baixos, a Suíça, a própria Itália no panorama da época? Mereciam confiança à Igreja?

Que estava a germinar em França, debaixo do patrocínio de entidades cuja fé não podia ser posta em dúvida, cuja santidade estava por igual fora de qualquer suspeita?

Que frutos viria a dar o cartesianismo? Venhamos em que não é arrojo dizer-se que os peninsulares tinham de combater contra os próprios amigos, filhos das mesmas crenças.

E aguentaram pelo espaço de dois séculos...

Ainda não foi posta em relevo a acção dos Peninsulares na restauração da Escolástica, acaso por serem peninsulares, sobretudo por ficarem atrás dos Pireneus, escarpa de separação entre a Europa e a África no conceito de muitos... Entretanto urge fazer justiça, salientando o esforço cultural que eles representam a bem da tradição filosófica europeia.

O próprio Jacques Maritain, acaso por desconhecer o trabalho dos jesuítas, nomeadamente Suarez, não faz avultar o papel revolucionário dos Escolásticos da Península. Salienta Frei João de S. Tomás, chegando a afirmar que seria outro o rumo do pensamento, se vingasse interessar os meios cultos da Europa mais profundamente que Descartes: tão

alto pairava a inteligência do célebre dominicano.⁽⁵⁾

No entanto e posto seja notável – acaso mais que o esforço dos jesuítas... – o trabalho cultural dos dominicanos, não podemos esquecer os homens que nessa data brilharam na Península, desde Coimbra a Alcalá e, através da Europa, desde Roma a Vilna.

O Colégio Romano solicitava constantemente os melhores sábios espanhóis a fim de manterem viva, na Cidade Eterna, a chama da Escolástica.⁽⁶⁾

Podemos acaso ignorar Francisco de Toledo, o «*Prodígio*», professor do Colégio Romano e de cujo «*Curso*» se fez o texto obrigatório da Companhia? E Luiz de Molina, o da *Ciência Média*? E Gabriel Vazquez, o «*Agostinho Espanhol*»? E Bento Pereira, o homem «*sacrorum librorum solertissimus, dissertissimus, eruditissimus explanator*»?

E leonardo Léssio, professor em Lovaina, mas discípulo do P. Suarez, em Roma? E o italiano Cosme Alemani, professor de filosofia e teologia em Milão, a quem teve como professores, no Colégio Romano, senão aos P. es Suarez e Vasquez, ambos jesuítas espanhóis?

E João de Lugo, que ensinou pelo espaço de 20 anos, em Roma, no Colégio Romano? E Rodrigo de Arriaga, professor de teologia em Praga? E outros? E Outros?

Que seria da ciência filosófico-teológica da Igreja neste período sem os peninsulares? Onde estão os nomes europeus que mais se distinguiram, que os não tivessem como professores ou que se

avantajassem de modo a serem considerados de mais valor intelectual que os Escolásticos da Península?

Façamos justiça aos peninsulares – verdadeiros titãs do pensamento – e dêmos-lhes o lugar a que por justiça têm direito...

Aliquis

⁽¹⁾ HURTER, *Nomenclator*, t. 2, col. 1369.

⁽²⁾ ASTRAIN, *Historia de la Compañia de Jesus en la Asistencia de España*, 4, pg. 62.

⁽³⁾ SUAREZ concorreu, sem o saber, para fomentar o espírito de independência entre nós: foi, inconscientemente, quer-me parecer, o arauto do pensamento revolucionário jurídico, preparatório da revolução.

⁽⁴⁾ Os folhetos de João Pinto Ribeiro denunciaram-no e não é outra, aliás, a ideia directriz das Cortes de 1641. Cf. MANUEL MÚRIAS, *O Seiscentismo em Portugal*, *idem*, ps. 60-61.

⁽⁵⁾ *Introduction a la Théologie de Saint Thomas*, Jean de Saint-Thomas, tradução e notas de M. Benoît Lavaud, O. P., Paris, 1928, pg. 435.

⁽⁶⁾ *Congresso do Mundo Português*, vol. VI, Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de História da Monarquia Dualista e Restauração (IV Congresso), tomo I, 1.ª secção, Domínio Filipino, Jean de Saint-Thomas, de Jacques Maritain, pg. 199.

⁽⁷⁾ O Colégio Romano foi sempre fiel à Escolástica, ainda nos períodos de maior crise. Cf. *Historia de la Filosofía*, D. DOMINGUEZ, S. J., *idem*, pg. 432.

Luís Vaz

Os nossos amigos

É com verdadeira satisfação que anunciamos o nome de mais um abalizado jornalista que passa a colaborar connosco. É o Dr. António Costa Guimarães. Assina um texto sobre as eleições em França e no Reino Unido. Todos teremos muito a lucrar com os seus textos.

O Dr. Justino Xavier, natural do Ribeiro e advogado em Braga, pagou já 2018 como amigo. O mesmo fez Abel Rodrigues Alves, de Valença, e o Augusto de Jesus Pires. De Braga, em relação a 2017. A professora Elisa Augusta Marques Gonçalves, a residir nos Arcos de Valdevez, saldou já a assinatura de 2018.

Mas se tivéssemos mais amigos tão generosos como o Joaquim Pinto Machado, natural de Riba D'Ave e a residir no Porto, poderíamos acometer outros voos. Aqui fica bem explícito o nosso agradecimento.

A todos os assinantes que procuram ter a assinatura em dia, o nosso obrigado pela ajuda que nos dão, evitando trabalho e despesa desnecessários. Aos que têm 2, 3 e até mais anos em atraso, aqui fica mais uma vez o nosso apelo para que colaborem connosco pondo-se em dia, pois só assim poderemos cumprir as nossas obrigações e olhar com esperança o futuro. A nossa boa vontade manifesta-se em não suspendermos o jornal aos atrasados, a não ser que nos comuniquem que não desejam continuar como assinantes. Não nos temos sentido mal com esta confiança que pomos nos nossos assinantes. São pouquíssimos os que não cumprem com as suas obrigações, embora com atraso.

Alvarinho distinguido no Festivinhão

O vinho Alvarinho Terras de Real, de Melgaço, foi o vencedor na categoria dos brancos Selecção do Ano 2017, do concurso "FESTIVINHÃO'17".

O concurso decorreu no laboratório da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes seguindo as regras da OIV Organização Internacional da Vinha e do Vinho.

Foram premiados dez vinhos, revelados em jantar de Gala no dia 16 de Junho que decorreu na Estação Vitivinícola Amândio Galhano, propriedade da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

"Apesar de a maioria ser vinhos do Vale do Lima, achamos interessante a inclusão do nosso Alvarinho. Não o nosso vinho como marca, mas acima de tudo a sub-região. Temos Vinhão, mas concorremos apenas com o branco. Não achamos de bom-tom ir para a terra conhecida pelos tintos concorrer como o nosso. E foi a melhor escolha, esta distinção foi recebida com muito orgulho para nós e para os vinhos de Melgaço, sobretudo porque houve outros vinhos da Sub-região a concurso que não conquistaram esta distinção", realçou Anabela Sousa a este jornal, após a revelação dos vencedores.

O anúncio dos vinhos premiados abriu a edição de 2017 do Festivinhão – Festival Enoturístico de

Arcos de Valdevez, realizado nas ruas do centro histórico da Vila de Arcos de Valdevez nos dias 16, 17 e 18 de Junho.

No dia de apresentação dos vencedores, Vítor Correia, Vice-presidente da Associação dos Vinhos de Arcos de Valdevez e responsável pela organização, enalteceu a importância de "falar de vinhos ensinando a escolher" e da relação dos vinhos com a gastronomia.

Privilegiando a montra dos vinhos tintos Vinhão, para o qual há um prémio específico, a organização abriu o espaço de expositores a vinhos de outras proveniências. Em 2017, o certame duplicou o número de expositores, devendo-se em parte à presença de produtores de fora do concelho. "A maior representação, além dos produtores locais, é curiosamente do concelho vizinho de Monção. Vamos ter produtores de Alvarinho, mas também de Baião, do Cávado e do Ave", observou Vítor Correia.

O estímulo dos tintos parece não passar indiferente aos investidores, que apostam na plantação ou activação de marcas para avançar de novo o sector.

Arcos de Valdevez tem onze produtores activos, seis dos quais membros da Associação de Vinhos arcuense e dois em processo de adesão, mas também no terreno se sente a tendência crescente, como

esclarece Vítor Correia. "Do ano passado para este ano, a área, aumentou quase 20%. Está a haver um incremento muito grande de plantação. A maioria são produtores que já estão instalados noutras regiões e que estão a vir instalar-se em Arcos de Valdevez. Existe área disponível, existe terreno e as condições que o território de Arcos de Valdevez tem são muito aliciantes. A exposição do município é a Sul, o que dá logo um benefício grande relativamente a graduação alcoólica, e o solo é mais ou menos homogéneo, predominantemente granítico, que dá uma característica comum, uma certa mineralidade aos vinhos".

Características que, segundo o Vice-presidente da Associação dos Vinhos de Arcos de Valdevez, estão a cativar novas plantações com dimensão. "Um produtor de Viana do Castelo está a plantar 23 novos hectares", notou.

"Comemorar o Vinho Verde é único no mundo, não há em mais nenhum lado. Mesmo que alguém do outro lado do mundo quisesse fazer Vinho Verde não conseguiria. Poderia ser com as castas, mas não era Vinho Verde de certeza absoluta. É essa diferenciação que o nosso território tem", considerava por sua vez Manuel João Esteves, presidente da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

João Martinho



VENCEDORES FESTIVINHÃO'17:

Prémio	Classe	Vinho	Localidade
GRANDE PRÉMIO	VINHÃO	CERQUEIRAL VINHÃO 2016	Arcos de Valdevez
Vinho de Arcos de Valdevez do Ano	Tinto	CERQUEIRAL VINHÃO 2016	Arcos de Valdevez
Vinho de Arcos de Valdevez do Ano	Branco	CASA DOS BORRALHAIS LOUREIRO 2016	Arcos de Valdevez
Vinho de Arcos de Valdevez do Ano	Rosé	CERQUEIRAL ROSÈ 2016	Arcos de Valdevez
Vinho de Arcos de Valdevez do Ano	Espumante de Vinho Verde	CASA DOS BORRALHAIS ESPUMANTE BRANCO BRUTO 2016	Arcos de Valdevez
SELECÇÃO DO ANO 2017	Tinto	CERQUEIRAL VINHÃO 2016	Arcos de Valdevez
SELECÇÃO DO ANO 2017	Branco	TERRAS DE REAL ALVARINHO 2016	Melgaço
SELECÇÃO DO ANO 2017	Rosé	ADEGA PONTE DA BARCA ROSÉ 2016	Ponte da Barca
SELECÇÃO DO ANO 2017	Espumante de Vinho Verde Branco	ADEGA PONTE DA BARCA ESPUMANTE DE LOUREIRO BRUTO	Ponte da Barca
SELECÇÃO DO ANO 2017	Espumante de Vinho Verde Tinto	ADEGA PONTE DA BARCA ESPUMANTE DE VINHÃO BRUTO 2016	Ponte da Barca

Um breve sobre... um Deus de Amor

Nos meados do mês de junho o nosso país viveu o drama e a tragédia de um grande incêndio que vitimou dezenas de pessoas e desalojou outras tantas. No meio de toda esta calamidade, surgem as perguntas: onde está Deus? Não poderia Deus ter evitado tudo isto? É isto que Deus nos deseja?

Realmente não é fácil ser confrontado com estas perguntas. Nenhum de nós tem a resposta na ponta de língua. Nenhum de nós pode afirmar com certeza absoluta se estas são ou não as perguntas certas e adequadas a colocar.

No meio de tanta dor, de tanto sofrimento, como responder a estas perguntas? Proponho evitarmos a tendência de responder logo à pergunta. Meditemos. Pensemos. Procuremos realmente qual a resposta a dar.

Muitas vezes, quando somos confrontados com alguma adversidade difícil de superar, temos a tendência de só darmos importância a essa adversidade e esquecermos todas as coisas boas que encontramos até chegar a essa adversidade e até mesmo depois. Queremos uma resposta justa e direta de maneira a podermos justificar a tal adversidade, e de algum modo, o nosso insucesso frente a essa adversidade. É próprio do ser humano ser assim.

Mas então a solução é não fazer perguntas? Não, claro que não. A solução é fazer perguntas, e muitas! E como responder corretamente a todas essas perguntas? Não sabemos, mas podemos tentar.

Dizemos que Deus é Amor, que é Pai de misericórdia. Então um Deus que é Pai deixa morrer dezenas de filhos seus numa estrada, encurralados pelo fogo e pelo fumo? Não. Deus não os deixou morrer sozinhos. Ali, naquela fatídica estrada, Deus morreu com cada uma das vítimas. Deus está presente em cada cadáver que foi recolhido pelas autoridades, em cada carcaça de carro completamente queimada, em cada hectare de floresta perdido. Porque Deus ama-nos tanto que se sacrifica diariamente por nós e connosco! Ele chegou ao extremo de enviar o Seu próprio Filho, Jesus Cristo, para se tornar humano, para mostrar claramente e sem equívocos que Deus nunca nos abandona e que se sujeita ao sofrimento humano por amor. Porque Deus poderia muito bem não se interessar. Mas chegar ao ponto de dar a própria vida pelo homem, isso significa um interesse extremo, um interesse que tem que ser comandado pelo amor, pela compaixão.

Há quem diga que os homens tem que sofrer porque Jesus também sofreu na Cruz. Nada disso. Jesus sofreu na Cruz porque os homens sofriam! E Deus quis mostrar que Ele sofre connosco, morre connosco. Mas o ciclo não acaba aqui. Da mesma maneira que a vida também não acaba com a morte. Acaba uma vida física, mas começa a vida junto de Deus, a vida mais importante. Porque Deus morre connosco para nos ressuscitar com Seu Filho, e é nessa medida que Ele nos salva da morte. O problema é que nós não vemos, não refletimos para além da morte física. Deixamo-nos ficar pela aparência, quando Deus está na essência e não na aparência. A aparência pode dar-nos muitas soluções, a essência dá-nos a solução.

Além disso, Deus também está presente naqueles bombeiros fatigados que deram e dão as suas vidas para combater os fogos. Está presente em todos aqueles que partilharam os seus bens com as vítimas. Está presente na onda de caridade que se gerou no nosso país. Está presente naqueles que ficaram feridos. Está presente naqueles que ficaram com a mágoa de perderem familiares e amigos. Porque Deus chora com cada filho que sofre. Porque Deus é o Deus da vida, e todos os que morreram para nós vivem para Ele, pois ressuscitam com Ele e através Dele.

Onde está Deus? Está a abraçar no Seu seio todos aqueles que morreram nesse trágico incêndio e Ele ressuscitou por Seu Filho. Porque a grande salvação que Deus nos pode dar é essa: ressuscitarmos para depois vivermos eternamente junto Dele. E Ele no-la dá gratuitamente. E é aí que Deus exerce toda a Sua presença, toda a Sua misericórdia: chamar a Si um homem, frágil, pecador, para o instalar no Seu seio misericordioso, divino e perfeito.

Rogério Rodrigues

Na irreverência dos 35 anos, a marca Soalheiro continua a experimentar coisas novas



Aos 35 anos, Soalheiro volta-se para as origens e vai aos sítios onde foi feliz. Volta às primeiras vinhas, ao vinho sem filtragem e sem sulfitos, à criação de canções, à fotografia e ao tempo em que havia tempo para provar com entusiasmo tudo o que vinha à mesa como se fosse a primeira vez.

No ano em que completa 35 anos enquanto marca, as iniciativas são muitas para dar nota da sua vitalidade. Em jeito de lembrança – talvez porque sejam dos que não gostam de aparecer nas festas de mãos a abanar, mesmo que a festa seja a sua – lançou um vinho que vai para a garrafa tal como veio da terra.

O Soalheiro Nature Pur Terroir (a ler-se em francês) é um Alvarinho sem mais. Sem filtração e sem adição de sulfitos (vulgarmente designado sulfuroso). Um risco, dirão alguns. “O que conseguimos é um vinho completamente diferente”, considera o enólogo e um dos rostos mais reconhecidos da família Soalheiro. “O sabor já não estará na nossa memória porque já não teremos essas referências, mas o grande objectivo deste vinho biológico é trazer algum conhecimento diferente ao mundo dos vinhos. É

um vinho que alguns poderão amar ou não”.

Lançado no mês de Junho, a diferença será o conceito natureza a cem por cento em todo o processo, da terra ao copo, mas quisemos saber como é este vinho no momento da prova e como garantir a qualidade na garrafa, a partir do momento que sai para o mercado. “O sabor é completamente diferente dos outros Soalheiros. Não tem a parte frutada tão vincada, enquanto o Soalheiro é caracterizado pelo perfil aromático, o Nature não tem”, explica o enólogo. Sobre a ausência de sulfitos, que tem por missão conservar e evitar a oxidação, Luís Cerdeira indica apenas que foi na adega (a na altura da vindima) que se utilizaram “técnicas diferentes” para que o néctar tal como sai da videira seja estável.

Uma música para saborear, com Alvarinho em fundo

Mas neste momento de comemoração e com a festa a estender-se pelo ano todo, “as atenções vão centrar-se na viticultura, na enologia, no Alvarinho e no nosso território”.

O vinho e a fotografia: No espaço de provas da Quinta de Soalheiro, sobranceiro ao Rio Minho, uma exposição de fotografias do concurso promovido pela marca tem agora lugar nas paredes da sala. Há ainda outras imagens e



Maria Palmira Cerdeira



António Luís Cerdeira



Maria João Cerdeira



Lúcia Barbosa



Jorge Esteves



Margarida Fernandes



Daniel Alves



Sara Canais



Luís Gonçalves



António Garelha



Edmundo Vasques



Flávio Esteves

uma colecção de postais com as fotografias mais marcantes feitas na quinta.

O vinho e a arquitectura: Uma publicação sobre a arquitectura contemporânea portuguesa ligada ao vinho destaca a Quinta de Soalheiro pela simbiose entre o edifício da adega e o território.

O vinho e a música: Algo “inédito” no mundo dos vinhos, lançar uma música. Já está criada, será lançada com um vídeo. “É uma

que esta música seja associada ao Soalheiro, mas a letra não refere uma única vez a marca. É apenas uma música agradável de ouvir. A nossa ideia é, tal como no vinho, proporcionar o prazer a quem disfruta do nosso vinho”, esclarece Luís Cerdeira.

A história do Soalheiro tem mostrado o seu arrojo ao longo dos anos, desde 1982. Em 1995, a marca lançava o espumante de Alvarinho, ainda longe vinha a moda

universo Soalheiro. Presente em 27 mercados internacionais, foi a vontade de ir mais longe que levou os vinhos da Sub-Região até ao Japão, o que se verificou num inusitado ‘casamento’. “É um mercado que está a crescer e neste momento já é um mercado sério para nós. É mercado de futuro, mas também é preciso seriedade para lá estar, porque os japoneses são muito exigentes”, explica Luís Cerdeira.

No entanto, é no mercado mais



música que traz algo que é o nosso conceito, que envolve a família, a nossa equipa, todos quantos trabalham aqui na adega e são todos de Melgaço. Somos uma adega de melgacenses para o mundo”, diz António Luís Cerdeira. “Todos aqueles que a cada dia nos ajudam a ser um pouco melhores, são os nossos provadores”.

Assim reza a canção, quando o refrão soa:

“Não é preciso ter para ser, Não é preciso ver para crer, Acredita sempre em quem diz, Que é fácil ser feliz”

No cavaquinho, Zezé Fernandes dá notas discretas de Minho a uma canção que promete soar bem em qualquer canto do mundo. E como a música cantada em português está na moda...

“Não vamos ter apresentação oficial, a música é das pessoas. O Soalheiro é das pessoas que o bebem, nós não conseguimos beber todo o vinho que produzimos. A ideia é chegar àquelas pessoas que não chegávamos. Queremos

dos espumantes e o novo perfil de consumidor. “Se calhar fomos os percursos do espumante de Alvarinho, mas o nosso papel não é ficarmos exclusivos e únicos, é também abrir horizontes para que possamos crescer em conjunto”.

O primeiro Alvarinho com barreira, lançado em 1997, ou a mudança de imagem, em 2005, eram sinais de que o perfil de quem bebe estava a mudar. “Hoje temos cada vez mais pessoas apreciadoras de vinho e de algumas das nossas dimensões, como o Soalheiro Granit, mais mineral, que tem uma acidez muito maior, não se limitam ao perfil do Soalheiro Clássico, que é mais consensual. Diria que houve uma evolução do gosto das pessoas, mas nós também evoluímos em termos de estratégia de apresentação destas dimensões e as pessoas reagem melhor a essa novidade”, nota o enólogo.

Desde as primeiras vinhas, plantadas em 1974 – e que ainda hoje dão nome a um vinho com esse nome – muito mundo veio ao

exótico que os vinhos Soalheiro parecem ter caído por medida: “A gastronomia deles é muito fácil para o Soalheiro porque é muito baseada em peixe”.

Por fim, os números por detrás de todos estes mercados. 12 pessoas em permanência, colocam no mercado 300 000 garrafas de vinho Soalheiro, nos seus diversos perfis e lotes. A produção é proveniente de 10 hectares próprios e de 40 hectares em parceria com cerca de 70 produtores de Monção e Melgaço. Uma parceria que, esclarece Luís Cerdeira, não teme desvalorização do seu produto.

“Nós achamos que a valorização de quem produz a uva tem de ser sempre feita. Só se produz uma uva com qualidade se a pessoa tiver um bom retorno de preço. O nosso conjunto de produtores penso que está contente com a nossa estratégia, e a estratégia do Soalheiro é para continuar, que é valorizar quem produz a uva”, considera Luís Cerdeira.

João Martinho



Jovens melgacenses unidos pela política

Juventude Socialista e a campanha discreta



À segunda, será de vez: Cerca de trinta jovens entre os 19 e os 30 anos de idade quiseram que a política em Melgaço não fosse apenas assunto para os políticos estabelecidos nem só para as discussões de café. Aproveitando a activação da célula jovem do partido em Melgaço, há poucos anos, a nova juventude parece ter condições para garantir que vai estar por cá mais tempo.



João Silva, presidente da Juventude Socialista (JS) de Melgaço, diz que este contributo dos mais novos, que lidera há pouco mais de um ano, "tem mais gente por cá".

Com a saída de jovens do concelho, acabando por ir estudar para outras localidades, a actividade política do grupo acabaria por desintegrar-se face às novas etapas e interesses. No entanto, há ainda uma geração enquadrável que está por cá e quer fazer coisas novas. "Também temos estudantes que estão fora e que vêm aos fins-de-semana, que é quando marcamos as reuniões, para termos o maior número de participantes, mas também temos muita gente que está cá todos os dias", esclarece João Silva.

O plano próprio de actividade política, este ano mais cauteloso e ponderado, não é para já o mais forte de um grupo que no seu primeiro ano de exercício já realizou iniciativas solidárias com os bombeiros com relativo sucesso, ou até mesmo palestras de âmbito político.

A esta altura, o calendário prevê ainda uma acção de replantação de árvores numa área ardida do concelho, algo que só ocorrerá em Outubro ou Novembro, segundo o líder da JS local. Essa campanha a favor da reforestação será contudo a última acção prática da direcção de João Silva, uma vez que no final do corrente ano completará a idade máxima permitida para este organismo jovem, 30 anos.

A camada jovem da política local diz ter "uma relação boa com o poder local. Tanto com o partido como com a Câmara Municipal e executivo. Estamos dispostos a ajudar", frisa João Silva.

Mas como é a mobilização política junto dos mais jovens, numa altura em que as atenções se dispersam entre causas? "A política hoje em dia não entra em todas as casas. Há muitas ideias negativas em relação à política", observa o presidente da JS melgacense, defendendo os seus. "Os jovens que temos são participativos, activos, tentam estar sempre por dentro daquilo que é o assunto do momento".

O tema quente deste ano será as Autárquicas, mas para já a JS local não prevê qualquer plano próprio relativamente a essa eleição. Admitem apoiar o candidato nomeado e aguardar que o favoritismo, que admitem estar do lado do candidato do PS, o actual líder da autarquia, se traduza em vitória. O mérito estará "naquilo que fez" no últimos quatro anos, mas também uma fase positiva para os indicadores do país. "As coisas estão a ser feitas e a acontecer a bom ritmo. O país começa a estimular-se para avançar no bom sentido", nota João Silva.

O que sabem sobre o candidato do PSD em Melgaço para estas autárquicas, Vítor Cardadeiro? "Não conheço bem. Conheço apenas de nome".

Ainda não começou a campanha. Muito ainda virá aí, antes da corrida às urnas, no início de Outubro.

João Martinho

Rebordechán juntou galegos e portugueses no alto do Castrinho

Convívio recorda os castros e as mouras encantadas

É sob a carvalheira, na área de um pequeno castro, que a comunidade de Rebordechán, freguesia galega de Crecente (Galiza), se junta para um almoço que é também um convívio com história.

No Castrinho (ou Castrinho, para que também fique o nome tal como se escreve em galego) a cada ano se reúnem galegos e alguns portugueses para celebrar a tradição. Este ano, a festa foi a 24 de Junho, quinze dias depois da Noite da Moura, outra das grandes festas daquela comunidade galega.

Paulo Vasquez, Ramón Pérez e Manuel Adriano Gomez, da Associação de Rebordechán que organiza estas festas, explicam algumas das pitorescas tradições festivas numa terra que já foi território de quatro castros, alguns deles pequenos, mas que deixam bem vincada a presença de um povo que vivia em aglomerados fortificados um pouco por toda a península.

Porque os hábitos castrejos tinham também uma forte componente de lenda, a Noite da Moura, festividade que antecede o "Xantar



no Castrinho", é também toda ela uma ode à história de um povo, com algumas passagens caricatas, como se descreve. Começamos pela encenação.

"No terreiro onde fazemos a festa era um castro. Fazemos a encenação como se fosse a eira de um castro, rodeia-se o cenário com ramos de árvores. Começa com uma mulher por cada castro a levar as ervas mágicas de São João para que o feiticeiro, o bruxo dos castros, as queime e diga as suas palavras. Depois sai a Moura dos castros [uma dançarina] que, com a sua dança faz, com que apareça uma cabra. Então sai a Moura da eira e entra uma cabra", descrevem os responsáveis da Associação. Mas os encantamentos não ficam por aqui e, não fosse a generosidade caprina, ainda o jogo manteria as mesmas regras.

Marcadas no chão da eira, estavam umas quadrículas com números, nos quais cada pessoa poderia apostar. Mas voltemos aos encantamentos e às voltas da cabra largada na eira.

"Por encantamento, as caganitas da cabra, transformavam-se em pepitas de ouro, e onde ela deixasse as 'pepitas' (no quadrado numerado), pagávamos o peso das caganitas em valores de ouro. Mas



depois a cabra cagava muito e o ouro era caro, então agora, o peso que dá em decigramas, é o número que atribuímos em rifa", explicam Paulo Vasquez e Ramón Pérez.

Novos tempos, novas tradições. A do Castrinho, quinze dias depois da Moura, tem como principal objectivo reunir as gentes da freguesia e vizinhos de Melgaço, que tem participado num evento que vai já na nona edição. "Este dia é mais para provar o polvo e os petiscos. Cada um traz a sua merenda, repartimos e passamos aqui um bocadinho", explica Paulo Vasquez.



Outro dos apontamentos festivos que reúnem o povo em convívio é o Cantar dos Reis. "Começamos alguns, poucos, e acabamos 60 ou 70 a cantar os Reis. Vamos juntando, casa a casa, esteja frio ou chuva, começamos às quatro e meia da tarde e acabamos às duas da manhã na última casa, com uma Queimada".

Rebordechán, com cerca de 50 habitantes permanentes durante o ano, transforma-se a cada momento de festa. "Mais de 50% é gente que vem de fora. Somos seis irmãos, o único que vive aqui sou eu, mas os outros vem todos e trazem as famílias, os filhos, os netos", conta-nos um dos organizadores.

A tradição também ajuda, segundo as pesquisas históricas galegas: "Em Rebordechán temos quatro castros. Nos castros comia-se bem e faziam-se boas festas".

Júlio César Pérez, Presidente da Câmara de Crecente, marcou presença no convívio da comunidade de Rebordechán e sublinhou o espírito "popular" e "genuíno" da festa que junta convivas locais e mesmo de São Gregório, com quem a localidade galega tem estreitos laços.

"Estamos rodeados de famílias de São Gregório que são comuns com moradores de Rebordechán, afinal, estamos a cinco minutos de

distância e há laços familiares também", observou o autarca.

A relação de proximidade que tem sido trabalhada pelos moradores de fronteira é já o mote deste intercâmbio festivo entre a associação de Rebordechán e de São Gregório, mas o autarca galego frisa que, de momento, a relação entre populares é mais franca do que entre órgãos autárquicos.

"A Câmara de Crecente sempre teve boas relações com a Câmara de Melgaço. Somos duas câmaras que limitamos e dentro de um mês vamos juntar-nos. E espero



que Melgaço não nos tenha mudado as fronteiras, porque teremos as medições de fronteira", brinca Júlio César Pérez, referindo-se ao encontro anual de reconhecimento de fronteira, que este ano terá lugar em Crecente.

Crecente, terra de agricultura e 'Albariño', conta hoje com cerca de 2300 habitantes, divididos pelas 11 Freguesias do concelho. A área social, cujos centros de apoio a idosos criam cerca de 80 postos de trabalho directos, assim como o turismo, são alguns dos principais motores económicos da localidade.

As casas de turismo rural, a recuperação de pesqueiras, através de apoios do Turismo das Rias Baixas, que também permitirá criar miradouros, são algumas das apostas de um território que, não fosse o culto do "pulpo", nem nos aperceberíamos que estávamos do lado de lá do rio.

"Temos que continuar a trabalhar em conjunto, mas a relação entre as pessoas é maravilhosa. Todo o crecentino que vai a Melgaço sente-se bem pelo bom-trato que tem recebido. Eu conto sempre a história de Inês Negra, mas hoje há união, e de Melgaço recebemos sempre muito carinho", esclarece o autarca de Crecente.

João Martinho

Passos Coelho diz que Vítor Cardadeiro tem o perfil certo para gerar valor aos recursos do concelho



Numa visita inesperada à região alto-minhota, o ex-Primeiro Ministro e presidente do Partido Social Democrata, Pedro Passos Coelho acabaria por passar em Melgaço para dar apoio ao actual candidato da direita à Câmara Municipal de Melgaço, Vítor Cardadeiro.

Em visita de poucas horas ao município, o líder nacional do PSD visitou o espaço das Termas do Peso e veio até à praça melgacense. Nesta visita 'relâmpago', Passos Coelho deixou palavras de apoio a Vítor Cardadeiro, considerando que é possível inovar e concretizar, mesmo quando não está nas mãos do autarca a capacidade financeira de fazer acontecer.

"Melgaço precisa de mudança. Vítor Cardadeiro é um homem que conhece a região, é um economista e gestor muito experiente", sublinhou o líder nacional do PSD, referindo que a falta de dinâmica económica não é exclusivo de Melgaço, mas dá exemplos onde por possível inverter a tendência. "Vítor Cardadeiro é a pessoa ideal para trazer esse perfil de autarca, de alguém que possa acrescentar aquilo que já aqui está. Do ponto de vista dos recursos naturais e endógenos, ninguém duvida que Melgaço tem todas as condições para poder florescer, agora é preciso fazer acontecer", defendeu.

Atrair investimento e os empreendedores é também consequência do trabalho do líder autárquico, segundo Passos Coelho, um exercício que pode colocar o interior do país "na moda".

"Não são os presidentes de Câmara que podem fazer os investimentos directamente, mas tem um papel muito importante nesse processo. E isso vê-se muito bem quando olhamos para um concelho que tinha os mesmos problemas, com recursos endógenos à espera de ser valorizados. O Fundão é um concelho que está na moda e tem uma dinamização fantástica", observou.

Não esperando "facilidades" na corrida distrital pelas autarquias contra as lideranças socialistas, Passos Coelho diz que é possível "ampliar" o resultado conquistado pelo partido há quatro anos.

João Martinho

As marchas populares saíram à rua "Vitalidade" e liberdade criativa numa noite que juntou os melgacenses

Na noite de 24 de Junho a tradição voltou a cumprir-se e Melgaço não deixou passar a noite de S. João sem comemorar nas ruas a época festiva.

Quatro marchas das associações e instituições locais, nomeadamente a secção de patinagem do Sport Clube Melgacense, "Melgaço em Patins"; o Centro de Actividades de Tempos Livres da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço; a Associação Noites Gaiteiras e a Casa do Povo de Melgaço, foram as estrelas da noite e do desfile que percorreu as ruas entre a rotunda do chafariz da Calçada e o Largo Hermenegildo Solheiro, frente aos Paços do Concelho.

Reunidas em torno do largo da praça municipal, as marchas foram esperando a sua vez para apresentarem as suas coreografias, cantigas e poemas perante centenas de pessoas que saíram à rua para aplaudir o empenho dos marchantes.

Com temas devidamente cuidados, desde o Rio Minho, aos Aguiardos de Lisboa, passando pelos áureos tempos da rádio [Melgaço, por sinal] as quatro marchas destacaram-se pelas coreografias, pelas cores garridas dos trajes, pela juventude dos integrantes da maior parte dos grupos e pelo espírito sanjoanino que invocaram na praça mais a Norte do país.

Este poderá ser o novo fôlego para a tradição melgacense nas marchas populares, pois para além do disciplinado e irrepreensível trabalho do grupo da Casa do Povo de Melgaço, também as crianças e jovens do grupo Melgaço em Patins, do Sport Clube Melgacense, mostraram que há vontade em participar e mostrar a sua criatividade.

As crianças da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço e a Associação Noites Gaiteiras, como entidades com mais anos de assiduidade ao evento, realçaram por sua vez os temas que são ou forma de importância para a comunidade.

"Além de serem mais, cada uma [das marchas] trazia mais gente. Houve um empenho maior das organizações em trazer mais gente e mais qualidade àquilo que apresentou. Foi uma noite com muita qualidade", destacou o presidente da Câmara Municipal de Melgaço no final do espectáculo.

"Dá-me um certo gozo ver este crescimento nesta dinâmica das marchas de São João. O envolvimento cada vez maior das associações é sinal de vitalidade, de dinamismo, de que as pessoas se soltam e querem criar de forma sadia coisas interessantes. Fico muito satisfeito com o resultado do que se fez este ano, e que possamos crescer mais, ano após ano", adiantou ainda o autarca melgacense, notando que a aposta agora deve centrar-se em trabalhar um "elemento diferenciador" que capte mais gente para este espectáculo popular.

Sobre a participação das associações locais, Manoel Batista diz que a iniciativa de subsidiar quem queira participar irá continuar, mantendo o incentivo para que as marchas se mantenham. No entanto, apesar de todas as associações serem convidadas a participar, reconhece que nem todas tem vocação para enquadrar esta festa popular.

"Algumas associações que não vem porque não faz parte da forma de estar deles, embora tenham um trabalho muito interessante ao longo do ano e façam um trabalho



meritório. Não é por isso que são menos interessantes, mas claro, todas aquelas que tenham interesse em participar, nos apoiaremos e temos todo o interesse em que venham", ressaltou o autarca.

João Martinho

PIZZARIA Du Michelys RESTAURANTE

INOVAÇÃO É O QUE NOS DISTINGUE!!

T. 251 403 058

Av. Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

Associação "Os Fronteiriços" com programa cheio para o Verão

Interacção com comunidade galega dá estímulo à associação de Cristóval

Depois de um período de interregno, a Associação Recreativa e Desportiva "Os Fronteiriços", de Cristóval, retoma um calendário de actividades que promete animar o Verão dos associados portugueses e galegos. A nova direcção, encabeçada por António Sousa, assume-se "mais dinâmica" e com planos para os próximos tempos.

No dia 18 de Junho, em almoço convívio onde a desgustação gastronómica era dedicada à Lampreia do Rio Minho, mais de uma centena de convivas participou na iniciativa local que chamou à mesa uma grande parte de vizinhos da Galiza. Estes são, contudo, grande parte da comunidade associativa dos "Fronteiriços", associando-se e participando em iniciativas onde apenas o convívio é o mote associativo.

"Estamos a angariar novos sócios, que são sobretudo os vizinhos espanhóis. Temos cerca de cem sócios e provavelmente setenta destes elementos são espanhóis", diz-nos o presidente da associação, António Sousa.

Tal proximidade traduz-se por isso na vontade de colaborar noutras ideias. "Ainda há dias falei com uma associação de Padrenda para fazermos uma peça de teatro em conjunto sob o tema do contrabando. Já temos agendada a reunião para discutir esse assunto",

revela o presidente d' "Os Fronteiriços".

No início do segundo mandato, António Sousa diz que está já nos planos "uma série de trabalhos a nível da recuperação do espaço exterior", mas as ideias vão sendo elaboradas à medida da liberdade financeira, como esclarece o responsável. "Este ano já fizemos algum investimento em equipamento musical. Estamos a pagar mensalmente, mas temos um acordo com a pessoa que nos vendeu o equipamento".

Com um passado marcado por algumas dificuldades financeiras no palmarés, a associação diz que quer tentar reerguer a sua actividade com capitais próprios, sem recurso à verba municipal para as associações. "O ano passado a autarquia ajudou-nos muito com o IMI. Agora tentamos nós resolver isto, sem bater muito à porta da Câmara, que também tem as suas limitações", reitera António Sousa.

A nível local, o presidente da associação, que é também presidente da junta de Freguesia, diz que não irá mobilizar qualquer apoio para este organismo. "Quero deixar a Junta de lado, para não haver confusões", frisa.

Quanto a iniciativas, Julho e Agosto prometem ser de actividade para a associação. O programa continua já a 8 de Julho, com En-



contro de concertinas na Sede da Associação, e a 22 de Julho com ida à Quinta da Malafaia, para aquele que é já conhecido como um dos grandes arraiais minhotos.

Para o mês de Agosto, "Os Fronteiriços" querem levar os associados em visita a Bragança e Mirandela, no dia 2. Pouco depois, nos dias 5 e 6 do mesmo mês, a Festa dos Emigrantes, na Sede associativa, contará com "grande churrascada".

Ainda a 12, alguns elementos

da associação participarão na peça de teatro a levar a efeito na Festa do Emigrante, incluída na programação do Melgaço em Festa, promovido pela Câmara Municipal de Melgaço. O período alto do programa de Verão contará ainda com uma excursão a Aveiro, no dia 22 de Agosto.

Perante a oferta, a associação fronteiriça diz-se estimulada pela interacção com o intercâmbio com outras associações do país e mesmo da Galiza, mas lamenta a pouca

participação da comunidade local. "Eu gostaria que a comunidade local comparecesse a estes convívios, são todos bem-vindos, mas parece-me mais complicado. Nós colocamos cartazes e tudo, mas as pessoas não vêm".

Ainda assim, aos interessados em participar nas actividades que aí vêm ou para qualquer esclarecimento adicional sobre a associação, deverá ligar para os números 933449887 ou 251414457.

João Martinho



Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, mini-bar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com



TOURS & ATIVIDADES



Camping de Lamas

Canoagem
Rapel
Slide
Canyoning
Kart Cross
Arvorismo
Escalada

GPS: 42.036032 - 8.194294

geral@montesdelaboreiro.pt • (+351) 251 466 041

MEMÓRIAS (XIV)

O crime na Baixa da Banheira

Naquele dia fui visitado, logo pela manhã, por dois elementos da Polícia Judiciária do Porto: um Agente e um Chefe de Equipa. (Naquele tempo, Inspector só era o licenciado). Andavam atrás de uns indivíduos que naquela noite tinha matado um comerciante na Baixa da Banheira. Pretendiam que se a Guarda soubesse de alguma pista comunicasse com eles que iam dar uma volta pelo Distrito, mais concretamente a Arcos de Valdevez.

À tarde, estava eu a almoçar - morava numa casa anexa ao Quartel - vieram dizer-me que na zona das Tróias, nos subúrbios da vila, havia um barulho de ciganos, mas no quartel só estava disponível o motorista. Imediatamente me desloquei com o motorista ao local indicado, e qual não foi o meu espanto, dou de caras com o Zé que se encontrava ainda esmurrado. Este cigano era já meu conhecido de havia bastante tempo. Pertencia a uma família que parava muito pelo concelho (chegara a ter uma barraca durante alguns anos em S. Pedro da Torre por detrás do campo de Futebol e eu tentara, com a Câmara arranjar-lhes uma casa para que pudessem fixar-se). Quando iam para Melgaço onde tinha uma irmã sepultada, montava arraial no Santo Cristo, um monte do meu pai, onde tinham construído uma barraca de madeira. A filosofia de meu Pai era a de que enquanto os ciganos estivessem em terreno seu a segurança da Quinta estava assegurada...

* * *

Não consigo lembrar-me das razões invocadas para a sarrafusca, mas lembro-me que me disse, num jeito de vingança: estes indivíduos, sabe o senhor, foram os assassinos de um comerciante na Baixa da Banheira e encontram-se em Ferrol del Caldilho.

Da posse desta informação, entrei de imediato em contacto com aqueles agentes da judiciária, diligenciando junto da Polícia Espanhola (o meu amigo Tomás Rebordinos muitas vezes chamado a Madrid para colaborar em casos de especial complexidade pelo seu extraordinário faro policial) o necessário apoio para se deitar mão aos assassinos e trazê-los para o nosso País. Isto, porém, teria que ser feito com a maior cautela e a PIDE não podia aperceber-se do movimento. Assim, naquele dia, fez-se a passagem, o mais discreta possível, e eles lá foram devidamente certificados, até Ferrol del Caldilho, onde a polícia da direcção do Mosquera, (outro investigador célebre na Galiza) deitou a mão ao referido "gangue". Depois, passaram a fronteira com a mesma descrição e seguiram para o Porto, não sem antes subirmos à Pousada de S. Teotónio onde tive o gosto de oferecer-lhes uma bebida, nomeadamente ao Inspector Doutor Alfredo de Sousa que foi mais tarde Presidente do Tribunal de Contas e Provedor de Justiça e que tinha sido meu condiscípulo em Braga no Liceu Sá de Miranda. Mas aqui começou também a ligação entre as duas polícias que ainda hoje se mantém. Eu fizera apenas o meu papel de agente de ligação. Decerto, o mais importante, mas nada mais do que isso. Como, aliás, era apanágio dos homens que nesse tempo serviam a GUARDA...

Alberto Pereira de Castro

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEM. 969 065 676

Oração, Orar, Rezar

Na nossa linguagem religiosa é comum utilizarmos regularmente a palavra "oração". Mas será que limitamos a definição de "oração" às fórmulas que pronunciamos, como por exemplo a Avé Maria ou o Pai Nosso, ou sabemos o seu verdadeiro significado? Em breves palavras, tentarei, numa linguagem simples e direta, trazer até nós toda a dimensão que envolve a oração.

Primeiramente, refiro que nesta breve reflexão vou utilizar o termo "orar" e o termo "rezar" de forma igual, centrando-me no termo "oração" como ponto de partida e de chegada para os termos "rezar" e "orar". Por isso, neste texto, quer utilize um ou outro, o objetivo, significado e intenção é o mesmo.

O termo "oração" provém do substantivo latino *oratio*, que significa fala, discurso, linguagem. Assim, podemos afirmar que a oração é uma conversa, um discurso tu-a-tu diretamente com Deus. E tal como falar é uma condição vital para a vivência diária de um ser humano na sociedade em que vive, a oração é absolutamente necessária para a vida espiritual. É como a respiração que permite que a vida dentro de nós se desenvolva. Na oração atualiza-se a fé na presença de Deus e do seu amor. Fomenta-se a esperança que leva a orientar a vida para Ele e a confiar na Sua providência. A oração é a base da nossa relação com Deus. Como seria possível relacionarmos-nos com uma pessoa se não falássemos para ela? Se não contactássemos com ela como poderíamos confiar nela? Com Deus é exatamente a mesma situação.

E de onde será que surgiu esta necessidade de contato com Deus através da oração? Vejamos o que nos dizem os Evangelhos: Jesus orava sempre, em todas as ocasiões, no templo ou sozinho, à noite, de madrugada, no silêncio ou no meio do povo. Inúmeras passagens referem que Jesus estava a orar, ou que subiu a um monte para orar. E todos os grandes acontecimentos da vida de Jesus foram sempre precedidos de oração. Até na Cruz, Jesus orou ao Pai, utilizando as palavras do Salmo 22....

Jesus, mesmo nos momentos mais atribulados, ou stressantes como se diz atualmente, parava sempre para orar ao Pai Celeste. Mesmo no meio do povo, mesmo no meio dos discípulos Ele orava. E o seu exemplo inspirou tanto os seus discípulos que eles lhe pediram para Jesus os ensinar a orar. E o que é que Jesus lhes ensinou a orar? O Pai Nosso. A mais bela oração cristã, que condensa todas as outras orações que possamos fazer, pois nela se encontra tudo o que precisamos de pedir ao Pai do Céu.

Contudo, não podemos limitar-nos a rezar sempre o Pai Nosso, pois um dia acabaríamos de entrar numa espécie de rotina que deixaríamos de saborear as palavras que dizemos ou pensamos ao rezarmos o Pai Nosso. Sim, as orações são para serem saboreadas, meditadas, ditas e sentidas pelo coração e não simplesmente pela boca.

A oração pode ser vocal (audível), mental (pensada), contempla-

da (meditada). Pode ser igualmente individual ou comunitária. Pode ser regulada (através de orações e fórmulas pré-concebidas e decoradas, como o Pai Nosso) ou espontânea (como uma conversa informal, deixando o coração falar e as palavras aparecerem espontaneamente).

Por vezes, a oração é um diálogo que brota facilmente, inclusive acompanhado de gozo e consolo, do fundo da alma; mas noutros momentos - talvez com mais frequência - pode necessitar de empenho, concentração e paciência. Podemos então afirmar que a oração também depende do nosso estado emocional. Sim, porque a oração, como já referi, é para ser sentida pelo coração, deve ser uma libertação de sentimentos, isto é, devemos colocar na oração exatamente aquilo que sentimos naquele preciso momento, tal como um desabafo que fazemos a Deus. A oração cristã é, por isso, uma oração filial. A oração de um filho que, em todo o momento - nas alegrias e nas dores, no trabalho e no descanso - se dirige com simplicidade e sinceridade ao seu Pai para colocar nas suas mãos os sentimentos e problemas que experimenta no próprio coração, com a segurança de encontrar n'Ele compreensão e acolhimento; mais ainda, um amor que dá sentido a tudo.

Terminado, hoje em dia, mais do que nunca, precisamos de rezar, de

orar. Quer seja na Igreja, quer seja em casa ou no trabalho, quer seja sozinho ou no meio de uma multidão, nós precisamos de orar com o coração. Acostumemo-nos a conversar com Deus. Ele toma sempre a iniciativa que é dar-nos o Seu Amor. Nós só temos que responder dando-lhe o nosso amor, as nossas aflições, os nossos medos, etc. Ele tudo escuta. Tudo entende. Tudo percebe. Só precisamos mesmo de falar, de abrir o nosso coração ao Deus que é Pai, que é Amor.

Rogério Rodrigues

AGENDA DE JULHO DE 2017 DA DIOCESE DE VIANA DO CASTELO

Dia 02 - Peregrinação Diocesana ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Minho - Serra d'Arga.

Dia 03 - S. Tomé, Apóstolo - Festa.

Dia 03 a 11 - Novena a S. Bento - S. Bento do Cando - Gavieira.

Dia 04 - Santa Isabel de Portugal - Memória.

Dia 11 - S. Bento, Padroeiro da Europa - Festa.

Dia 15 - S. Boaventura, Doutor da Igreja - Memória.

Dia 17 - 71º Aniversário Natalício de D. Anacleto Oliveira, Bispo de Viana do Castelo.

Dia 18 - Beato Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo - Memória.

Dia 22 - Santa Maria Madalena - Festa.

Dia 23 - Ordenação Presbiteral do Diácono Vítor Rocha, na Sé de Viana do Castelo (15h30).

Dia 25 - S. Tiago, Apóstolo - Festa.

Dia 29 - Santa Marta - Memória.

Dia 31 - Santo Inácio de Loyola - Fundador da Companhia de Jesus - Memória.

GAZETILHA

Quem nos acode?!...
Quem nos há-de acudir?!...

Não há palavras que descrevam o Inferno vivido por terras de Pedrogão Grande!... Como é possível ter acontecido o que aconteceu?!...

Perante tanta perda e tanta dor o povo olha consternado a miséria que se estende ao redor de Pedrogão e que se estende por Castanheira de Pera, Góis, Pampilhosa da Serra, Figueiró dos Vinhos!...

O cheiro a terra queimada entranha-se e a desolação toma conta de quem tudo perdeu e não sabe como recomeçar!...

Não há "cantilena" que suavize o negrume que tomou conta de quem sobreviveu!... Que podemos nós perante uma Natureza revolta que sem dó nem piedade mostrou o que é um fogo à solta?!...

Todos os anos Portugal assiste a fogos devastadores que "ceifam" vidas e destroem o nosso Património Florestal de uma forma cruel e sem sentido!...

O Estado não tem protegido os seus como deveria!... Com tantos milhões e milhões gastos chega-se à conclusão que talvez tocando os sinos a rebato o sinal de alarme fosse mais eficaz!...

Os "maiorais" que vivem nos grandes centros de decisão esquecem-se de quem vive na e da interioridade!...

A caça ao voto está próxima!... Então que sirva de alguma coisa.

Não precisamos de "um cinzeiro à beira mar plantado"!...

Precisamos de um Povo que viva com a dignidade a que tem direito!...

Os Portugueses têm sido sugados até ao "tutano"!... É uma população envelhecida que vive no Interior que tem custeado o "sem rei nem roque" dos impostos que se têm lançado!... Como pode esta gente de bem (que nem tem dinheiro para comer e por isso semeia e planta para colher...) pagar tanto e nada receber em troca?!...

Mais uma vez a culpa parece morrer solteira!...

Agradecemos, enquanto podemos, aos Bombeiros e outras Forças Vivas que, sem mãos a medir, deram tudo por tudo para que a desgraça não fosse ainda maior.

Neste momento as Forças da Marinha são uma presença que dá força e esperança a quem "renasce" das cinzas.

Quem nos acode é a solidariedade.

Quem nos devia acudir era o Estado no seu todo sem "partidarismos" nem burocracias.

Álvaro Carvalho

Uma vida singular

A primeira vez que foi à capital foi um choque. Todo o seu ser foi tomado de pasmo perante a grande urbe. O que mais a impressionou foi a "onda verde" que regulava o trânsito nas ruas mais centrais. Sabia da existência de semáforos mas a primeira vez que os visualizou parecia-lhe estar mergulhada num sonho, uma história de ficção científica, um romance de Júlio Verne. Depois foi a experiência do metropolitano, aquele comboio debaixo da terra, rápido e barulhento e cheio de gente a acotovelar-se, que a conduziu do Rossio a Entrecampos. O resto do percurso até à Faculdade de Letras onde se realizava o exame de admissão, fê-lo a pé, a prima e a Ivone sempre a chamarem-lhe a atenção para o que iam cotejando: a estátua dos Combatentes, a avenida dos Estados Unidos e a 28 de Maio, os cafés Nova Iorque e Granfina, o Itau, o colégio Pio XII, o jardim do Campo Grande, a Biblioteca Nacional, as livrarias e a galeria 111, a avenida do Brasil e em frente, finalmente, a Alameda da Universidade, o destino tanto aguardado. O complexo universitário era grandioso mas não tinham tempo a perder, os desenhos do Almada no frontispício da Faculdade de Letras eram lindos mas não dava para ficar a admirá-los, estavam em cima da hora da chamada para a primeira prova. Parecia um boi a olhar para um palácio, disse-lhe a Ivone.

Entre a escrita e a oral a tia não lhes deu liberdade para alargar o conhecimento da cidade, tinham de estudar e de ajudar em casa, ela tinha muitos trabalhos em acabamentos, tinha prazos a cumprir com as clientes, ou elas iam procurar noutro lado. Não faltavam modistas na Damaia e em qualquer bairro de Lisboa e arredores, eram mais que muitas, quem tivesse jeito e bom gosto nem precisava de ter aprendido.

O dia a dia mas sobretudo as noites naquele espaço tao acanhado encheram-na de angústia, não demorou muito a sentir que os horizontes de liberdade que a capital lhe prometia eram anulados pela exiguidade do seu espaço próprio, que, na realidade, era nenhum. As três assoalhadas onde se acotovelavam durante o dia tornavam-se à noite num dormitório onde só os tios tinham alguma privacidade. O outro quarto, que era o da costura, era para os rapazes e a ela deram-lhe a escolher o sofá ou o colchão ao lado do mesmo e na passagem para a cozinha. Não imaginara que em tão poucos dias iria sentir saudades do dormitório do colégio com as camas alinhadas umas ao lado das outras ou do quartinho do lar que dividiu durante dois anos com a Júlia. Sentia-se oprimida em casa da tia Isilda e sabia que não o podia mostrar, recebiam-na de favor,

as casas na cidade eram pequenas para pessoas da sua condição e abrirem-nas aos familiares da província que necessitavam era de apreciar.

Conseguiu uma bolsa, as notas eram boas e um padre amigo da família deu a ajudinha tão característica daqueles tempos no nosso país. Mudou-se para uma residência na 5 de Outubro com a Avenida de Berna. Dava para ir a pé para a faculdade, sempre poupava algum dinheiro nos transportes. Era algo incómodo quando chovia, mas haveria de descobrir que o clima em Lisboa era amigo de quem precisava de se deslocar a pé. Havia raparigas do país inteiro e das colónias. Destas algumas levavam uma vida tão simples e frugal como ela e outras passavam modelos de roupa e sapatos com que ela só podia sonhar, já que a magra mesada que recebia para pouco mais dava do que o estritamente necessário. Quando o pai lhe escrevia e lhe mandava uma nota de dez ou vinte dólares era uma festa e permitia-se qualquer pequena extravagância, como ir ao cinema ou ao teatro ou comprar um livro não obrigatório.

Nunca ninguém percebeu ao tempo por que motivo deixou a Cândida a segurança da residência estudantil e foi viver para um quarto. Para a avenida do Brasil, mais perto da faculdade e com mais privacidade para estudar, o ambiente de farra do lar não era para ela, foi a justificação que deu a quem lha pediu. A sua saída coincidiu com a interpelação de duas estudantes angolanas pela polícia. Passaram pelos calabouços do Governo Civil e ao fim de dois dias soltaram-nas. O interrogatório não deu em nada mas todas sabiam que se davam com outros africanos simpáticos dos movimentos de libertação. Na residência não havia ninguém que desse nas vistas, todas achavam que ou a política era perigosa ou não queriam saber, pelo menos era o que era dado constatar, porque muita atividade contestatária era feita na sombra. A Francisca e a Margarida voltaram para o lar e a reação das companheiras foi muito diversa, as origens de classe e sobretudo a simpatia pela frontalidade das duas foi notória. A Cândida não tugiou nem mugiu e no final do mês saiu do lar. Começou a correr o boato, pelo menos foi assumido como tal pelas colegas mais chegadas, de que a Cândida era informadora da PIDE.

Começaram os protestos contra a má qualidade da comida na cantina e a Cândida, que aí amesendava ao almoço e ao jantar de segunda a sábado, raramente se via e a horas irregulares. Não gostava de se meter em confusões, dizia, estava na faculdade para estudar, até percebia que quisessem comer bife todos os dias, mas pelo preço que pagavam, não se podiam queixar. Estes comentários causavam sorrisos ama-

relou ou epítetos de reacionária, só isso. Ela não se importava e sabia que a sua fama de aluna distinta funcionava como uma espécie de escudo.

Igualmente na faculdade, onde a agitação não era tão grande como noutras escolas, mas onde os "gorilas" impunham mais do que respeito, não fora a "clientela" maioritariamente feminina, a Cândida ainda passava mais despercebida do que antes. Lembro-me de um dia, numa aula prática, um ilustre professor que ficaria na História como Homem, Cientista e Pedagogo perguntar por ela. Coisa rara! Os professores, em geral, não queriam saber dos estudantes quanto mais dar nota da sua ausência. Isto aconteceu porque a Cândida era das alunas que mais se distinguiu, nunca faltava e as suas intervenções primavam pela inteligência e o sentido de oportunidade. A discipulação que a caracterizava no convívio social desaparecia dentro da sala de aula. A prima não soube dar explicações ou não quis. A aluna voltou e a assiduidade também, mantendo a sua discipulação e sempre sem se envolver em confusões.

Chegou a madrugada gloriosa e nos dias que se seguiram a faculdade transformou-se num espaço de festa para a maioria dos estudantes e professores. Ao tempo, de imediato, ninguém refletia ainda sobre o que poderia perder ou se haveria algo a perder; só a alegria e a participação massiva no espaço público e na transformação imperavam. A Cândida desapareceu de cena. Não seria prejudicada, porque a passagem de ano com as notas das frequências só a beneficiava, ela foi das poucas que não teve passagens administrativas a qualquer cadeira. Foi o último ano que o seu nome constou das pautas. Parece que levou sumiço e ninguém deu pela sua falta, verdade seja dita, outros interesses e valores de erguiam.

Era da PIDE! A prova o facto de ter desaparecido, concluir-se-ia quando alguém notou a sua ausência no início do ano letivo seguinte. Conclusão rápida e sem provas, muito comum por aqueles dias também. Como quem desaparece se esquece, foi o que se passou com a Cândida. E a explicação para a sua saída de cena só se tirou a limpo vinte anos mais tarde, num encontro de antigos alunos que se reuniram para festejar isso mesmo, o fim do curso. Ou a nostalgia do tempo que passou e não volta mais?

As jovens esguias e de cara lavada onde estavam? E os poucos barbudos de jeans sujas e desbotadas que "reinavam" como se evoluíssem num imenso harém digno de reinos de contos maravilhosos? Elas revelavam a usura do tempo em rugas mal disfarçadas, toilettes elegantes visando esconder como



podiam refegos e papos fruto do tempo, riam alto e davam gritinhos de pseudo descontração, abraços e beijos repenicados... Eles primavam pela ausência de cabelo e barrigas proeminentes (a moda dos ginásios e das corridas várias vezes por semana ainda não tinha chegado).

A Ivone tinha notícias de mais do que uma das ausentes e matou a curiosidade sobre o que de facto levava a Cândida a desaparecer de cena. Parvoíce! Da PIDE? Sabia que o rumor circulara quando ela deixou a faculdade mas não havia um pingão de verdade nessa atoarda!... A verdade era muito mais inverosímil do que isso, ia muito para além do que as cabeças maldosas de quem inventava essas palermices podia conceber. A Cândida estava comprometida desde a escola primária e tinha simplesmente ido embora para se casar. A sua discipulação e isolamento faziam parte da promessa que tinha feito ao namorado da infância e adolescência. A família nem queria ouvir falar dessa aliança e pensava que com o curso superior outros horizontes se lhe abririam, conheceria alguém por Lisboa e haveria de esquecer aquela infantilidade de ficar noiva aos dez anos.

Fizeram o exame de admissão ao liceu ao mesmo tempo, ela era a melhor aluna da aula das raparigas, ele o melhor da dos rapazes e o professor levou-o a exame na esperança de convencer os pais a deixá-lo seguir os estudos, teria um futuro brilhante, assegurava o professor Pereira, era a cabeça mais brilhante que lhe tinha passado pelas várias escolas onde ensinara. Só a Cândida prosseguiu, o "namoradinho"

ficou por ali mesmo e aos treze ou catorze anos emigrou. Foi ter com o pai à Venezuela mas antes ele e a Cândida fizeram um juramento: guardariam fidelidade e quando atingissem a maioridade e não precisassem de consentimento dos pais casar-se-iam e ficariam juntos para sempre. Um conto de fadas!

Ela desapareceu da faculdade precisamente quando fez vinte e um anos. Ele mandou-lhe dinheiro para tratar do passaporte e da viagem e ela só informou a família quando tinha tudo tratado. A mãe até ficou de cama com o desgosto mas a decisão da filha era irreversível. Foi ter com o rapaz à América do sul, onde ele tinha tudo organizado para a receber de acordo com o estatuto dela. Era administrador de uma grande herdade, aos vinte e poucos anos era obra! Perdeu-se uma professora talentosa para a faculdade, teria sido esse o seu percurso natural seguramente. Ganharam os filhos dos empregados da fazenda do marido e das redondezas: criou uma escola com creche, jardim infantil e primária. Formou ela própria pessoal para garantir o funcionamento de tudo e depois de assentar passou à alfabetização de adultos. É considerada uma espécie de santa muitas milhas em redor da terra que escolheu para viver e que a acolheu como se caísse do céu.

E pouco mais se disse, satisfeita a curiosidade malsã, seguiram-se outros mexericos mais prosaicos, o passado ditava que se exibissem muitas fotos, sobretudo de rebentos talentosos, belos, extraordinários. Que mãe não considera os seus filhos o cúmulo da perfeição?

Olinda Carvalho

SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES



TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

Dois párocos de S. Fagundo de Melgaço – 1360

É possível que o título deste breve artigo leve os leitores mais novos a interrogarem-se onde ficava esta paróquia melgacense, de que hoje nem sequer o orago é conhecido. Para os mais interessados esta e outras oportunidades contribuirão para conhecerem melhor a história do nosso Concelho e das freguesias ou paróquias que o integravam.

Simplificando a resposta à pergunta sugerida, adiantamos que a freguesia de S. Fagundo era uma das três existentes, ao longo da Idade Média e até ao terceiro quartel do século XVI, na sede do concelho de Melgaço e junto das muralhas do castelo, conhecidas pelos seus oragos ou titulares das igrejas paroquiais: Santa Maria da Porta, situada dentro das muralhas, Santa Maria do Campo, fora de muralhas, do lado sul, que tinha como sede a actual igreja da Misericórdia, e, finalmente, S. Fagundo, a noroeste do castelo, cuja sede estaria nas proximidades da Fonte da Vila.

Três freguesias com suas igrejas paroquiais num espaço não concentrado, sabendo-se da crise demográfica a que Melgaço não ficou isento, apenas seria compreensível por respeito à tradição e à longevidade das mesmas.

Depois do Concílio de Trento, encerrado em 3 de Dezembro de 1563, a cuja terceira e última fase assistiu e na qual participou activamente o arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que muito gostaríamos de ver canonizado, na sequência do conhecimento directo desta e de outras situações pastorais existentes em Melgaço, que se impunha corrigir, extinguiu as paróquias de Santa Maria do Campo e de S. Fagundo, integrando-as na de Santa Maria da Porta, que ainda hoje não abrange uma área muito vasta, nem tem população excessiva.

Quanto à de S. Fagundo, perdeu-se o conhecimento do local exacto da implantação da igreja paroquial e a memória dos clérigos designados para a orientação dos seus fiéis. Para isso terá contribuído o facto de a região de Entre Minho e Lima, que – desde a célebre divisão diocesana realizada, em Lugo, em 569, sob a presidência de S. Martinho de Dume, arcebispo de Braga e metropolitano de toda a Galécia sueva, promulgada pelo rei Miro – também designado Teodomiro –, ter

permanecido integrada na diocese de Tui, até 1381, e só após algumas vicissitudes, ter passado para a Arquidiocese de Braga, em 1514.

Conhecemos as circunstâncias em que se processou essa transferência, incluindo a de alguns livros de registo, até então, utilizados na chancelaria episcopal de Tui, que, devidamente autenticados, passaram para a chancelaria arquiépiscopal bracarense. Entre eles, embora desnecessariamente, veio também para Braga um códice pergamináceo, com os registos das *confirmações*, isto é, das cartas de nomeação e *confirmação* dos presbíteros e, eventualmente, de outros clérigos, incumbidos da acção e do governo pastoral das diversas paróquias, à medida que iam vagando, pelos mais diversos motivos ou por transferências decididas pelo bispo Tui, que, de 1351 a 1385, foi D. João de Castro, da conhecida família dos «Castros», com extensões em Portugal. Trata-se do códice n.º 314 do Arquivo Distrital de Braga, cuja publicação está a ser ultimada.

A informação anunciada em epígrafe encontra-se no registo n.º 234, datado de Tui, em 10 de Setembro de 1360, integralmente em latim, que vamos expor nas suas linhas gerais, de forma a identificarmos os dois párocos de S. Fagundo – Melgaço, publicando-o na íntegra, a fim de respondermos à eventual curiosidade dos mais interessados.

Pelo teor deste documento, ficamos a saber que, em 1360, o reitor ou pároco de S. Fagundo de Melgaço era Martim Gil (*Martinus Egidii*), que foi transferido para a igreja ou paróquia de Santa Maria de Pantom, na diocese de Orense, com plena anuência do bispo de Tui, D. João de Castro. Impunha-se, por isso, preencher a vaga aberta pela saída de Martim Gil. Aqui surge uma informação inesperada, quanto ao padroado desta freguesia melgacense, que pertencia ao bispo de Tui e ao Mosteiro de S. João de Longos Vales, cada um destes padroeiros com direito de apresentação sobre metade do benefício, cabendo, no entanto, ao bispo o direito de decidir sobre a idoneidade do candidato proposto pelo outro padroeiro e de proceder à necessária confirmação.

Estas as disposições canónicas inerentes ao direito de padroado, de que o prelado diocesano era guardião e lhe competia observar.

Como é compreensível, em relação ao clérigo apresentado pelo Prior e Convento do Mosteiro de S. João de Longos Vales, além de não o ter identificado nem mencionado o motivo da falta de idoneidade para assumir as funções de pároco – opção compreensível, inerente ao sigilo episcopal –, limitou-se a afirmar que apesar de lhes pertencer o direito de apresentação para metade deste benefício, não apresentaram pessoa idónea – *«presentaverunt persona minus idonea»* – não o tendo aceite.

Nessas condições, considerou o direito de apresentação do Mosteiro de Longos Vales ineficaz e, a título devolutivo – *«iure devoluto»* –, por esta vez somente, passava a pertencer-lhe também o direito de apresentar para a metade do mosteiro agostinho de Longos Vales. Como lhe pertencia o direito de apresentar para a outra metade, podia apresentar e confirmar, de pleno direito, o novo pároco de S. Fagundo, que passou a ser o padre Lourenço Domingues, natural de Melgaço, que, na data acima referida, investiu nessas funções, de acordo com as formalidades do estilo, reiteradamente expressas no citado códice das *Confirmações*, a publicar brevemente.

A decisão tomada pelo bispo de Tui, D. João de Castro, que sabemos ter passado por diversas localidades do Entre Minho e Lima, em funções pastorais, como Fontoura, S. Pedro da Torre, S. Paio de Paderne (actualmente, designada apenas, S. Paio), Orada, Corujeiras, Mazeado, Merufe, Ganfei, Friestas e Viana, revela mais um ponto de ligação entre o Mosteiro de S. João de Longos Vales e Melgaço, além da já conhecida colaboração na construção das muralhas do nosso castelo.

Dada a possibilidade de muitos leitores não terem um conhecimento directo do que ainda resta do antigo mosteiro agostinho de S. João de Longos Vales, como os de Paderne e de Refojos de Lima, dependente de Santa Cruz de Coimbra, em contraponto, com os mosteiros beneditinos e cistercienses, outrora existentes no Alto-Minho, apresentamos a sua vista, colhida de nascente, com a preocupação de evidenciar a riqueza da arte românica, patente no exterior da ábside da primitiva capela-mor da igreja deste importante mosteiro minhoto, seguida do indispensável apêndice documental.



Mosteiro de S. João de Longos Vales, visto de nascente.

N.º 234

1360, Setembro, 10 - Tui

D. João, bispo de Tui, dado que o mosteiro agostinho de S. João de Longos Vales não apresentou pessoa idónea, confirmou ao presbítero Lourenço Domingues a paróquia de S. Fagundo de Melgaço, vaga pela transferência do último reitor, Martinho (Martim) Gil, para Santa Maria de Pantom, na diocese de Orense.

C - A D B, *Registo geral*, n.º 313, fl. 18-18 v.

«**Sam Fagundo episcopi**

Noverint universi quod nos Iohannes Dei et Apostolice Sedis gracia episcopus Tudensis vacante ecclesia Sancti Facundi prope castrum de Melgaço nostre diocesis per promocionem Martini Egidii olin rectoris eiusdem ad ecclesiam Sancte Marie de Pantom diocesis Auriensis cuiusquidem ecclesie sancto Facundi presentacio colacio et institucio et medietatis ipsius ad nos solum et in solidum dignoscitur pertinere alterius vero medietas ad nos iure devoluto pertinet pro eo quod prior et conventus monasterii Sancti Iohannis de Longovares Ordinis Sancti Agustini dicte nostre diocesis ad quos ipsius medietatis presentacio pertinebat presentaverunt persona minus ydonea et de iure suo presenti hic (*sic*)¹ vice potestate presentandi ad dictam medietatem predictam ecclesiam Sancti Facundi sicut predicatur vacantem cum omnibus iuribus et pertinenciis suis videlicet medietatem ad nostram presentacionem aliaque medietate iure devoluto Laurencio Dominici dicti loci de Melgaço presbitero conferimus titolatam et ipsum per birretum nostrum presencialiter investimus de eadem curam et regimen ipsius ecclesie Sancti Facundi in spiritualibus et temporalibus eidem plenarie comitendo reservato tamen dictis priori et conventui iure presentandi et in posterum ad dictam medietatem dicte ecclesie quando vacare contingerit. In cuius rei testimonium has nostras patentes literas sibi fieri mandavimus per notarium infra scriptum et sigili nostri apensione muniri. Datum Tude decima die mensis Septenbris Era milesima quadringentesima presentibus Alfonso Gundisalvi archidiacono de Miñor, Iohanne Gundisalvi, Iohanne Petri, Iohanne Fernandi canonicis Tudensibus, Fernando Petri notario eiusdem et aliis testibus ad premissa».

¹ Devia ser *hac*.

José Marques

Uma explicação

Esta edição de A Voz de Melgaço só foi impressa no dia 3 de julho, por atrasos no envio de alguma colaboração que inviabilizou que o jornal fosse impresso no dia 30, sexta, a tempo de ainda ir para os CTT e estar a ser distribuído na segunda dia 3 ou terça dia 4. Só quem trabalha directamente com o jornal sabe o pequeno milagre que foi incluir toda a colaboração nas 32 páginas.

Pedimos desculpa a alguns habituais colaboradores por os seus textos ficarem para a edição de agosto. Cremos que não perdem a atualidade. E permitiram incluir outros textos que se referem mais à atualidade concreta de Melgaço.

Branda da Aveleira e Castro Laboreiro nas 7 Maravilhas de Portugal®

Gala de 30 de Julho abre as votações para a categoria Aldeias Remotas



Melgaço recebe a 30 de Julho a Gala das 7 Maravilhas de Portugal® – Aldeias. O Município Mais a Norte de Portugal tem duas aldeias a concurso: Branda da Aveleira e Castro Laboreiro, as únicas candidatas no Norte de Portugal na categoria de Aldeias Remotas. Serão 7 Galas eliminatórias por categoria e 49 aldeias a concurso.

Branda da Aveleira foi o local escolhido para acolher a Gala que mostrará as potencialidades das aldeias melgacenses.

Em cada Gala estará uma categoria a votação e são 49 aldeias a concurso, divididas em 7 categorias (7 aldeias por categoria). Os portugueses poderão votar na sua aldeia favorita durante o decorrer da gala, através de um telefonema para um número a designar minutos após o início da Gala. As Galas, com duração média de duas horas, serão emitidas em directo pela RTP todos os domingos de Julho e Agosto a partir das 21 horas.

A primeira Gala é no dia 9 de Julho, em Santa Clara a Velha (Aldeias Ribeirinhas); segue-se Paderne (Aldeias Rurais) a 16 de Julho; Azenhas do Mar (Aldeias de Mar) a 23 de Julho; Branda da Aveleira (Aldeias Remotas) a 30 de Julho;

Podence (Aldeias Autênticas) a 6 de Agosto; Monsanto (Aldeias Monumento) a 13 de Agosto; e a 20 de Agosto nos Açores (Aldeias em Áreas Protegidas), em Porto Martins, na ilha Terceira.

No dia 27 de Agosto a RTP emitirá um programa de 'Best of', sobre as 14 finalistas apuradas nas Galas anteriores e dá início a uma semana inteira de votação até ao domingo seguinte. As 7 aldeias eleitas são conhecidas a 3 de Setembro, no Piódão, na Declaração Oficial das 7 Maravilhas de Portugal® – Aldeias.

As performances artísticas das Galas vão retratar, de forma abstracta as vivências, a diversidade, a essência, a beleza e o orgulho pelo território português.

"Estas Galas vão viver de um grande trabalho audiovisual, desenvolvido no último mês e meio, com peças de três minutos sobre 49 aldeias de Portugal Continental e ilhas, e de momentos artísticos de grande qualidade, com uma componente cénica adaptada a cada região do país", considera Luís Segadães, presidente das 7 Maravilhas.

Como funciona o concurso 7 Maravilhas de Portugal® – Aldeias

As candidatas a 7 Maravilhas de Portugal® – Aldeias são or-

ganizadas em 7 categorias e as 7 vencedoras serão apuradas pelo maior número de votos, uma por categoria, não podendo ser eleitas mais do que três aldeias por região.

As categorias são: Aldeias-Monumento; Aldeias de Mar; Aldeias Ribeirinhas; Aldeias Rurais; Aldeias Remotas; Aldeias Autênticas; e Aldeias em Áreas Protegidas.

Todo o processo de eleição das 7 Maravilhas de Portugal® – Aldeias será auditado pela empresa internacional de auditores PwC. O projecto conta com o apoio institucional do Gabinete do Ministro Adjunto, do Ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural, da Secretária de Estado do Turismo, da Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, do Turismo de Portugal, da Unidade de Missão para a Valorização do Interior, ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e Florestas, do Centro Nacional de Cultura, do Instituto de História Contemporânea, da Federação Minha Terra, e da Associação Portugal Genial.

As 7 Maravilhas de Portugal® – Aldeias são patrocinadas pela Iki Mobile, primeira marca portuguesa de telemóveis em cortiça. A Kia é o Carro Oficial do projeto, acompanhando este roadshow por todo o país.

A 30 de Julho é dia de Melgaço na RTP

Com duas aldeias na categoria aldeias Remotas na corrida, Melgaço garante, a 30 de Julho, uma tarde e noite de franca promoção na programação da RTP. A emissão do canal público estará naquele dia em Castro Laboreiro, onde fará a emissão da tarde, e à noite estará na Branda da Aveleira, de onde emitirá a Gala de apresentação das aldeias a concurso e abrirá as votações.

Uma promoção que o autarca de Melgaço garante ser, por si só, uma vitória. "Quando surgiu a possibilidade de candidaturas a esta iniciativa, o município fez o trabalho que tinha de fazer e candidatou três aldeias: Castro Laboreiro, Branda da Aveleira e Branda de Mourim".

"Agarramos a oportunidade de trazer até nós uma das Galas, a 30 de Julho, mas também um programa da RTP em directo ao longo do dia, transmitido a partir de Castro Laboreiro, para que uma e outra aldeia tenham a possibilidade de comunicar-se durante todo esse dia", explica Manoel Batista.

Esta aposta expressiva do município na promoção do território tem custos, mas também benefícios que o presidente da câmara melgacense considera justificarem

o investimento. "Trazer a Gala até cá é um investimento que tem custos para o município, mas consideramo-los um investimento. É também de notar a colaboração dos agentes do território, quer da Branda da Aveleira, quer de Castro Laboreiro, que têm sido incedíveis em agarrar esta oportunidade e em estar com o município, colaborando e patrocinando também esta Gala".

Para já, fica o apelo a que todos os melgacenses votem "em massa" naquela que considerarem a melhor aldeia melgacense candidata nesta categoria.

"Teremos a oportunidade de levar pelo menos uma delas à final, que acontecerá no início de Setembro, mas se por ventura não acontecer, julgo que a vitória já estará alcançada, que é a promoção", observa ainda Manoel Batista.

Recorde-se que Melgaço concorreu com três aldeias, em várias categorias: Branda da Aveleira – Aldeia Remota e Aldeias Autênticas; Castro Laboreiro – Aldeia Remota e Aldeias em áreas protegidas; e Parada do Monte – Aldeias autênticas e Aldeias rurais. Foram apresentadas 446 candidaturas de 332 aldeias das 7 regiões do país.

João Martinho

CLÍNICA DE OTORRINO
LARINGOLOGIA
Dr. Monteiro Marques

Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598

hospital particular
viana do castelo
258 808 030

www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756

MIRACASTRO ALBERGARIA
CASTRO LABOREIRO
Tel. 251 460 020
Fax 251 460 029

Albergaria
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

Restaurante
Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

Especialidades:
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobremesa típica.

José Eduardo de Freitas, devoto de Santa Rita e amigo do padre Carlos

Mais uma vez o encontrei em Santa Rita, quer no Domingo, dia 4, quer na segunda, dia 5, acompanhado da esposa. Natural do Telheiro, em Rouças, cedo rumou a Lisboa e por lá foi singrando, constituindo família e tendo empregos que lhe permitiram construir a sua casa na aldeia da naturalidade da esposa e viver com muita dignidade.



Este ano ofereci-lhe o livro que meu tio padre Júlio publicou em 1996 com textos do Aldomar, vulgarmente denominado, literariamente, como Mário. O José ficou gratamente surpreendido ao ver que, afinal, ele tinha conhecido o Mário e tinha ido várias vezes a casa dele levar correspondência do padre Carlos para o Mário e trazendo dele para o padre Carlos. Recorda que foi por ele amavelmente recebido, perguntando-lhe se queria comer alguma coisa, ao que o Zé Freitas respondeu agradecendo, mas dizendo que ia almoçar com o padre Carlos. Recorda ainda que o Mário, ao despedir-se, e vendo que ele tinha uma prótese de pau numa das pernas, lhe disse para ter cuidado a fim de não cair e, quem sabe, partir a perna. Disse-lhe para dar cumprimentos ao padre Carlos e que sabia que ainda havia de voltar lá várias vezes, como de facto aconteceu. E não só em Prado, onde chegou a ir duas vezes numa semana, como noutros locais, por exemplo Chaviães, Gave e até Cristóval. E fez o percurso sempre a pé, mas nem por isso disse ao padre Carlos que não ia fazer o recado que lhe pedia.

Escreve o Zé Freitas: «Eu sempre fui um amigo do padre Carlos, e ele ajudou-me no que podia».

Obrigado Zé Freitas pela tua amizade e a tua dedicação. Passados mais de 60 anos, ainda recordas o bem que te fizeram e a que tu procuraste corresponder.

É bem certo o aforisma popular: «é de bem nascidos ser agradecidos». Mais que o dinheiro e as posses materiais, conta e vale o bem que praticamos. Ser agradecidos é uma das maiores virtudes humanas. Não fosse o sacramento da Eucaristia o sacramento da nossa acção de graças a Deus pelas maravilhas operados por Cristo em nosso favor e continuamente renovadas.

Que feliz que é quem descobre a riqueza da Eucaristia e a frequenta com verdadeiro sentido de fé e alegria, e não para apenas cumprir uma obrigação.

Obrigado Zé Freitas por me proporcionares belas recordações.

Carlos Nuno

O País continua a arder todos os anos!

1. As minhas primeiras palavras, são de pesar para os familiares e amigos, das pessoas mortas e desaparecidas nos trágicos incêndios que assolaram o país interior, em cinco concelhos – Pedrógão Grande (onde teve o seu incício), Figueiró dos Vinhos, Alvaiázere, Penela e Góis, com principal incidência, para aqueles que ficaram “encurralados”, EN 236-1(onde 47 perderam a vida), totalizando até ao momento em que escrevo, em 64 mortos, 254 feridos, e ainda alguns desaparecidos.

As imagens do fogo devastador que tudo consumia, perante a impotência dos bombeiros e habitantes que o combatiam, ficarão para sempre na nossa memória, assim como os rostos de desespero dos seus habitantes que perderam familiares e os seus parcos bens. Essa impotência, também nos afecta a nós todos. Não pretendo agora, lembrar essas imagens de horror, mas sim, referir tudo aquilo que tem saído na comunicação social e dito em alguns canais de televisão, pela incúria, inépcia, falta de responsabilidade dos actuais e anteriores membros dos governos, num “passa –culpas” por tudo aquilo que ao longo de tantos anos não fizeram. É vergonhoso. Claro que é muito melhor, estar bem sentado nas cadeiras dos ministérios, do que andar a palmilhar o terreno duro do monte.

Todos nós sabemos que o interior está esquecido há tantos anos; que no interior do país, é onde vivem os mais velhos e mais pobres, carenciados de tudo; onde os jovens fogem para as cidades do litoral; onde os meios de comunicação são escassos, servidos por más estradas; onde tantas aldeias estão inseridas na paisagem, sem qualquer ordena-

mento, etc.etc.

Claro que, um fogo com estas proporções medonhas (cuja origem é ainda desconhecida), mas temos sabemos que todos os anos acontecem, sempre pelo verão. Pergunto: porque não se faz antes a prevenção, de modo a acautelar essas consequências?

2. Tem sido revelado pela comunicação social que, a Protecção Civil se encontra em reestruturação! Não podiam arranjar melhor altura, para mudarem os comandos distritais, na altura dos incêndios, e o resultado está à mostra: não actuou como devia. A GNR não fez o que devia, impedindo a circulação a tempo na estrada fatídica; os meios de comunicação que existem, através mesmo de satélites não funcionou como devia; até mesmo viaturas pertencentes ao Siresp (uma participação PPP, entre o Estado e duas entidades ligadas às comunicações), nunca chegaram a funcionar, etc.etc. Um caos perfeito esta inépcia, onde poderemos acrescentar os projectos de limpeza, para além do estudo dos grupos de trabalho do senhor Ministro Capoulas Santos que segundo parece se encontram nas gavetas do seu ministério. Que dizer?

Gostaria de lembrar que anteriormente as nossas estradas tinham grupos de trabalho (os cantoneiros) que procediam a limpeza em pontos críticos, minorando assim o risco de incêndios nas bermas das estradas. O que vemos agora: as bermas cheias de mato e caruma, para além de garrafas plásticas que a falta de civismo dos condutores lançam para as bermas, pontas de cigarro, num “cocktail” explosivo, dando origem a incêndios.

Porque dispensaram os guardas florestais, elementos qualificados para a salvaguarda e preservação da nossa floresta? Porque deixaram de fazer a extracção de resina nos pinheiros, como antigamente se via, primeiro com uns pequenos copos de barro, e depois com sacos plásticos? Claro que agora um pinheiro abundante em resina, é um melhor pasto para as chamas. Perguntas simples que, mereciam uma resposta das entidades responsáveis.

3. Deixei para a este último ponto, a visita que o senhor Presidente da República fez ao local da tragédia (onde foi o primeiro a chegar), depois a de António Costa, e da ministra do MAI, Constança Urbana de Sousa, fizeram ao local. O PR mostrou-se preocupado e foi solidário com as populações; o papel dos segundos, era menos confortável, já que se lhes podem pedir responsabilidades do acontecimento. Recordo aqui, aquando do desastre da ponta de Entre-os-Rios, arrastando para a morte muitas pessoas, o ministro da Administração Interna, Jorge Coelho, na altura, apresentou a sua demissão, num gesto pouco habitual no nosso país, mas com prática noutros países aquando de tragédias que levam, a negligência das tutelas que ministram.

Passaram exactamente 7 dias, onde estas três personagens, apresentavam sorrisos e muita boa disposição, na parada militar do 10 de Junho, na Foz, e no dia 17 se confrontavam com uma situação bem diferente.

Agora, fala-se em inquéritos, e os nossos políticos esgrimem já argumentos de isenção para o mesmo, esquecendo-se de duas coisas muito importantes: a primeira é que são deputados nomeados pelos partidos (que já estiveram nos governos), a inquirir os outros membros que se encontram a governar; a outra questão, e talvez a mais importante, é que todos nós sabemos que a maioria desses inquéritos acabam sempre, por a culpa morrer solteira. Em nada...

Tenho é pena daqueles que partiram e deixaram na dor os seus familiares.

António Jorge Tavares

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

ARTES *Centro de Artesanato*

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes_rosamaria@hotmail.com



Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Transladações para todo o País
e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369

Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

O passado de Melgaço estava todo Arquivo Municipal estará à distância de um

Há mais de 600 metros lineares de arquivo histórico de Melgaço e, se nos permitem a ousadia, muito pouca gente sabe o que ali se guarda. Por outras contas, há mais de meio quilómetro de documentos que contam a história do concelho e o trabalho de descoberta do passado ainda não terminou.

Elsa Rodrigues, Técnica Superior do Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Melgaço, chegou em 2001 e apanhou a história em caixas. As obras de recuperação do edifício dos Paços do Concelho tinham terminado há pouco tempo. O espaço estava a estrear, mas os documentos que nos trazem informações do passado estavam a ganhar, pó, humidade, fungos e bichos, uns em salas vazias, outros em estaleiro.

Para que hoje o processo de consulta de documentação, alguma com mais de 500 anos, tenha por base alguns cliques para saber onde está ou mesmo para ser consultável online, foi necessário submeter milhares de documentos a um processo minucioso de recuperação documental.

Actualmente já são consultáveis digitalmente mais de 250 000 imagens de documentos, cujo alojamento implica 11,6 terabytes em

servidor. Em termos de imagem fotográfica, os números são mais contidos, mas poderá crescer se houver colecções particulares para recuperar. "No arquivo fotográfico temos já 25 000 imagens digitalizadas e ainda temos mais algumas, mas estimamos este ano digitalizar tudo o que temos em papel", esclarece a Técnica responsável pelo Arquivo Municipal.

De que forma se poderia consultar os documentos antigos do concelho antes de 2001? Pois desenganem-se os investigadores, que o processo não era glamouroso. "Até essa data havia arquivo espaço, não havia era serviço de arquivo nem ninguém que estivesse à frente como responsável. As coisas estavam desorganizadas e não havia ninguém com formação para o fazer. Havia apenas uma pessoa que abria e fechava a porta, no caso de ser necessário consultar algum documento, ia-se para o meio da confusão, ia-se vendo".

Divido às obras de intervenção do edifício municipal, o arquivo dividira-se em dois. "Uma parte estava no Estaleiro Municipal e outra na biblioteca. Os livros mais antigos, como era o caso do foral e outros, tinham sido salvaguardados, embora não estivessem disponíveis para consulta, nem sequer tratados. O serviço tal como está hoje,



nasceu com a minha chegada e a reabilitação do espaço", esclarece Elsa Rodrigues.

O processo foi moroso e com percalços. "Foi abrir caixas, retirar documentos e começar a organizar por séries, cronologicamente. Tiveram todos que ser limpos e alguns estiveram em quarentena, porque tinham fungos e bichos. Foram descritos em bases de dados, porque na altura não havia software destinado ao catálogo".

Do Foral de Melgaço ao pergaminho e às Provisões Régias de Castro Laboreiro

Entretanto foram chegando

mais documentos: Das escolas do concelho, da extinta Guarda Fiscal, depósitos de instituições. São resmas de papéis, mas é a meca de quem quer traçar um perfil rigoroso do que era a vida melgacense desde há mais de 500 anos.

O documento mais antigo (e sumptuoso, diríamos nós) é o Foral de 1513. Depois, há um enorme hiato temporal no arquivo municipal que só outras entidades particulares poderão ajudar a complementar. Só em 1672, "com as provisões régias de Castro Laboreiro", volta a haver história. "As primeiras actas, por exemplo, são de 1799", explica a arquivista.

"A documentação do Dr Augusto César Esteves, que nos foi doada, tem muita documentação de particulares, das antigas gerações de Melgaço que ainda instituíam vínculos, tinham Quintas muito grandes e onde nasceu aquilo que nós conhecemos", revela ainda.

Marcado pela emigração, o fluxo de melgacenses para o mundo não era um fenómeno da ditadura. Os melgacenses sempre olharam para o mundo com curiosidade de ver o que há para lá dos vinhedos. "Temos uma série documental riquíssima, que são os Termos de Identidade de pessoas que pretendiam obter passaporte para emi-



Excelente terreno para construção com 4000m² de área, com possibilidade de construção de 4 lotes, com bom acesso. Boa localização e boa exposição solar. Bom investimento.
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M022/2016



Morada V3 bem localizado com terreno de cultivo, garagem, aquecimento central a gasóleo e vidros duplos. Bons acessos e boa exposição solar.
Bela, Monção

[79.300€] MNC006/2017



Apartamento T2 mobilado com terraço fechado de 25m² localizado no centro da Vila.
Vila e Roussas, Melgaço

[65.000€] M013/2017



Morada V4 de r/c e andar mobilada e equipada, possui terraço, garagem com capacidade para 4 carros. Moradia com três frentes, com compartimentos amplos. Excelente localização.
Vila e Roussas, Melgaço

[96.980€] M023/2016



Terreno agrícola com 2400m² com boa localização e bons acessos.
Alvaredo, Melgaço

[Sob Consulta] M006/2017



Excelente Moradia V4 em pedra com 3 suites, cozinha equipada, vidros duplos, aquecimento a gasóleo e caixilharia com rutura térmica. Possui jardim, pomar e garagem espaçosa. Área total: 730m²
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M001/2017



Fantástico Duplex no centro da Vila de Melgaço, com área total de 327m², áreas amplas, cozinha equipada, sala de estar com lareira e recuperador de calor, garagem privada, bom negócio.
Vila e Roussas, Melgaço

[130.000 €] M043/2016



LOTAMENTO VISTAS DO MINHO
- Lotes para construção de Moradia;
- Áreas entre 1000 e 1200m² de terreno;
- Com todas as infraestruturas;
- Projeto de licenciamento incluído;
- Vistas Únicas;
- 1 minuto da vila.
Cortes, Monção

[65.000€]

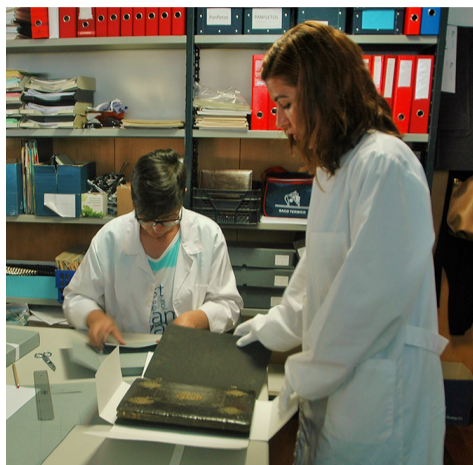


CONCEITO CHAVE NA MÃO
3 Dormitórios
2 WC's
Cozinha Equipada
Sala Estar
Sala Jantar
Garagem 2 carros
Lavandaria
Armários Embutidos
Ar Condicionado
Acabamentos de Qualidade
105.000 €



Rua Dr. António Durães, nº65 r/c Dto, 4960-522 Melgaço | telfs: +351 251 418 322 | www.ukubo.com | info@ukubo.com AMI: 9383

em caixas velhas clique já a partir de Julho



grar. Esses Termos identificam a pessoa, indicam os sinais característicos e o que a pessoa pretendia pedir”, nota Elsa Rodrigues.

Desde finais do século XIX até à década de 30 que o Brasil era o destino de quem queria sair. Ainda a missão de reconstruir França não estava sequer avaliada.

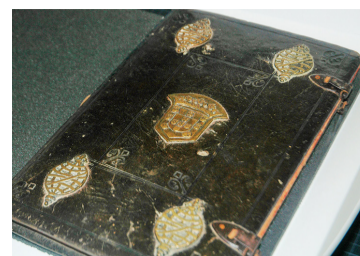
Preservar o suporte em papel e salvaguardar a informação noutros suportes é a missão do arquivo, que vem adaptando as práticas à tecnologia. Além dos dois depósitos que permitem ter a temperatura e humidade controladas (a temperatura terá de se manter 24 horas por dia entre os 18 graus de mínima e os

22 de máxima) equipados com estanteria fixa e rolante (compacta), o arquivo tem também alguns equipamentos de última geração.

“Em 2011, conseguimos comprar equipamentos de digitalização” refere a responsável, passando por este processo as actas e a digitalização de projectos de arquitectura de operações urbanísticas. Para o efeito são utilizados equipamentos especiais, como é o caso do Planetário, um género de câmara que digitaliza a imagem. “Custou-nos mais de 30 mil euros”, esclarece a Técnica. Depois há ainda o Scanner de rolo, para os grandes formatos.

O Foral de Melgaço, a documentação em pergaminho, as Provisões Régias de D. Pedro, atribuídas aos moradores de Castro Laboreiro, em 1672 e as Actas das reuniões desde 1799 até 2010 ou mesmo os sete livros com as todas as actas de delimitação de fronteira, serão certamente atractivos para os investigadores. A mais recente doação da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço ao Arquivo Municipal adensa a pesquisa histórica.

“O depósito da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço veio enriquecer em muito o nosso arquivo, porque tem bastante documentação antiga e tem um valor informacio-



nal inestimável. Daí podem retirar-se inúmeras informações de muitos temas, social ou económico”.

“Tenho tido aqui investigadores em temas que eu nunca pensei vir a ter resposta para eles, mas a verdade é que se consegue”, nota ainda Elsa Rodrigues.

Estudantes, bolseiros e investigadores pedem um novo formato de consulta, mas a responsável diz que as práticas mais antigas poderão ser mais vantajosas para o investigador. “Queixam-se todos que Melgaço fica longe, que se nos tivéssemos tudo digital era óptimo. É difícil colocarmos tudo em formato digital e muitas vezes o facto de virem cá e falarem connosco, conseguimos canalizar a pesquisa para os documentos mais objectivos.

A hipótese de criação de um portal agregador dos arquivos do Alto Minho são já discussão nos grupos especializados, mas para já o arquivo de Melgaço está a dar passos na aproximação do seu arquivo nas plataformas *online*.

Através de um novo *software*, o município melgacense irá disponibilizar um site que reunirá a informação do arquivo Municipal. Esta base informativa estará disponível para consulta já no mês de Julho, com os registos migrados das bases

de dados anteriores, com as descrições de documentos e, explica a técnica do Arquivo, “alguns deles já vão ter o documento digital”.

A página dedicada ao Arquivo Municipal de Melgaço na rede social *Facebook* dará nota do lançamento oficial do novo *software* de consulta.

Para nos compilar a história, alguns trabalhos como os das obras completas de Augusto César Esteves, Bernardo Pintor ou mesmo o recentemente regressado à publicação anual Boletim Cultural, são obras de referência concelhia. E também o jornal “A Voz de Melgaço” com todas as edições dos seus já 70 anos de vida.

Terminemos com uma boa notícia relativamente às imagens históricas do concelho. As imagens do passado cativam hoje muitos públicos. A recém-adquirida colecção de 200 postais por parte do município ao coleccionador Óscar Marinho, virá satisfazer a curiosidade de muitos e colmatar a necessidade do arquivo. “Para o arquivo vai ser de muito valor porque em termos de imagem, do início do século XX não temos praticamente nada e esta colecção tem muitos postais do início do século [XX].

João Martinho

Clínica
OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078
www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com

Consultas de **OSTEOPATIA**
Dra. Cátia Rocha Afonso

Consultas de **ORTOPEDIA**
Dr. José Ratola Teixeira

Consultas de **PSICOLOGIA**
Dra. Vanesa Alvarez

FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272

Agrião Nariz Torcido

O agrião, *Nasturtium officinale*, é uma planta pequena, que atinge de 15 a 30 cm de altura. Possui um caule tenro e oco, onde brotam 2 tipos de raízes: as finas e brancas que surgem nas axilas das folhas, e as principais que fixam a planta na terra. Possui folhas partidas de coloração verde-escura, muito intenso e flores brancas e pequenas, com quatro pétalas. Floresce na Primavera e Verão. É uma planta semiaquática usada como alimento desde a existência humana, pois é o mais antigo vegetal conhecido e consumido por seres humanos. Com um sabor peculiar e levemente picante, este alimento é riquíssimo em vitaminas e benefícios para a saúde. Além de alimento, possui propriedades medicinais. *Nasturtium officinale* é um alimento básico desde a existência humana e tem sido comercializado e cultivado em todos os continentes do mundo. Os faraós do Egito administravam sumo de agrião aos escravos para aumentarem a sua produtividade. Para os romanos, o agrião-de-rio era um remédio essencial e para os persas um alimento importante para as crianças. O termo *Nasturtium* deriva do latim *nasus* (nariz) e *tortus* (torcido) e tem a sua origem no facto do aroma picante, desta planta, irritar o nariz. Oriundo do sudeste da Ásia, o cultivo no Norte da Europa foi tardio, tendo sido cultivado pela primeira vez na Alemanha no séc. XVI e no Reino Unido no início do séc. XIX.



Quando eu era criança, na minha aldeia, em Melgaço, era uma planta desconhecida. Mais uma vez foi o meu pai que o levou de Viana para as águas das entradas das minas e "poças" onde ele crescia. Ensinou-nos a apanhá-lo e comê-lo sem qualquer tempero, fazendo tanto elogio àquela planta tão frágil, como se fosse o espinafre, elixir da força descrito nas aventuras de Popeye.

Onde atualmente vivo, junto à nascente do rio Lis, em Leiria, o leito do rio está coberto por esta planta, que infelizmente não se deve comer por poder ser veículo de vários tipos de doenças. Sim este rio, que no seu curso inicial é rio subterrâneo, transporta com ele todos os poluentes que os algares do modelado cársico recebem daqueles que para lá despejam todo o tipo de material e nasce já doente da barriga da sua mãe.

O Agrião é excelente fonte de vitaminas e minerais, tais como: vitamina C, ácido fólico, vitamina A, vitamina B6, vitamina B12, cálcio, ferro, magnésio, fósforo e outros nutrientes que são necessários para a manutenção de uma boa saúde! Os Benefícios incluem o aumento da imunidade, a prevenção do cancro, a importância para o funcionamento da tiroide por possuir iodo, a ajuda na formação de ossos e dentes, o evitar da fadiga mental e a sua importância na produção de glóbulos vermelhos do sangue por possuir ferro.

O sumo de agrião, fervido com leite, em partes iguais, dá excelentes resultados contra problemas respiratório e contra a bronquite, quando misturado ao mel. Pelas suas propriedades tónicas e estimulantes, o agrião tem o poder de abrir o apetite. Assim, deve ser, sempre, servido como primeiro prato, em forma de salada, principalmente nos dias quentes, quando se torna muito refrescante.

Assim como a maioria das verduras de folha, o agrião é um vegetal de baixo teor calórico. Fornece 22 calorias em cada 100 gramas e toda a planta pode ser aproveitada, estando no seu talo a maior concentração das propriedades benéficas, inclusive iodo.

Outra forma de usufruir de todos os benefícios é por meio do chá feito com as folhas e talos do agrião. O chá é ótimo para tratar a tosse produtiva e alguns sintomas da gripe.

Teresa Tábuas

Melgacenses em Braga João Magno, bancário com passado em África



João Carlos Magno Pereira de Castro nasceu em Galvão a 6 de Março de 1945, reside em Braga há sessenta e oito anos, casou por procuração em 1971 com a cabeleireira Maria de Jesus, sua conterrânea, por ele se encontrar a trabalhar em Angola, onde cumpriu o serviço obrigatório.

João Magno Pereira de Castro é membro de uma das mais antigas famílias melgacenses – os do Solar de Galvão –, edifício nobre datado de 1637.

Profissional bancário com especialização na microfilmagem e a gozar da reforma, em Braga é habitual vê-lo passear-se com dois ou mesmo quatro atractivos canídeos brancos, felpudos, sob trela, Avenida da Liberdade abaixo ou acima quando, neste caso, regressa ao Largo João Penha, área da sua residência.

Resume o passado em Melgaço para onde se desloca com regularidade, mas é o recordar da sua vivência em África que, efectivamente, o entusiasma. E do período sombrio preenchido por cenários de guerra, em que foi um dos protagonistas no terreno, como atirador, sublinha a expressão da sua gratidão para com um conterrâneo seu, um melgacense que o surpreendeu logo que ele chegou, num camião militar que o despejou no palco do fogo, em S. Salvador. A presença ali, inesperada, do então bagumestre Seixo Durães, o "Jim" que jogou à bola no Melgacense foi, seguramente, dos momentos mais emocionais da sua vida. Jim suavizou-lhe os tormentos desse período difícil em que o reabentamento de bombas e os disparos sucessivos e mortíferos de metralhadoras soavam como música aterradora, sangrenta, numa procura de mais e novas vítimas.

"Gostei muito de Angola. Se não fosse o 25 de Abril ainda lá estava" – desabafam numa pausa. Não está lá ele, em Luanda, mas está sim um dos seus dois filhos, o Carlos.

DA INFÂNCIA À JUVENTUDE COM BAILES DA D. TAMAR

A sua infância viveu-a em Braga, frequentado primeiro o Colégio S. Geraldo, que se situava na Rua de Santa Margarida. A meados dos anos 50, ele era um dos alunos do Liceu Nacional Sá de Miranda. Dois anos depois, transferiu-se para o Colégio D. Diogo de Sousa, encontrando lá jovens melgacenses que também ali estudavam, nascidos sobretudo em Roussas e Castro Laboreiro. Entre eles o Armandino "Cabano" e o Manel "Mareco".

Mais tarde, um problema de saúde obrigou-o a regressar a Melgaço. Passou a fazer parte da lista dos alunos da geração 60, do Colégio, então dirigido pelos professores Armando Cortes e Sidónio Silvestre.

Nesse tempo as aulas recomeçavam em Outubro. A memória aventureira da juventude transporta-o ao passado com especial animação melgacense, aos bailes regulares e bem animados no Hotel Rocha (Peso), promovidos pela Dona Tamar. Grande é a lista dos amigos locais que os frequentavam.

Hoje vai regularmente a Melgaço onde se entretém a limpar o terreno em redor da sua Casa de Galvão.

Atualiza-se nos contactos tidos com os locais.

DOIS FILHOS ECONOMISTAS E UM NETO A CAMINHO

Concluído em 1969 o serviço militar em Angola, regressou à terra natal no ano seguinte. Com a dificuldade em arranjar emprego no continente, voltou à ex-colónia no ano seguinte, bancário em Luanda. Em Melgaço ficara a namorada, a Maria de Jesus de Sousa Pereira de Castro, com a qual está casado desde 1971, ela que é neta de Amália Félix e sobrinha do empresário local Aprígio Cerqueira, com estabelecimento comercial na Calçada. Maria de Jesus já nessa altura era cabeleireira com salão próprio nessa zona da vila.

O casamento com a Maria de Jesus, por procuração, foi a 31 de Outubro de 1971, porque nessa altura



João estava a trabalhar em Luanda. No Minho, a cerimónia religiosa realizou-se na igreja dos Capuchos de Monção.

O casal tem dois filhos, ambos economistas: Sofia, de 40 anos é, desde há seis anos, gestora de projectos na IBM, Holanda, embora o seu local de trabalho seja, habitualmente, em Portugal, deslocando-se regularmente à sede da empresa naquele país sempre que necessário; Carlos, de 38 anos, trabalhou em conhecidas empresas internacionais até fixar-se em Luanda. É o actual director-geral da "Cafés Delta".

"Vou ter um neto!" -- exclama, radiante, orgulhoso e sem se conter.

O seu Irmão, major Alberto Pereira de Castro, nascido em 1940, foi comandante da GNR em Valença (1966-1986) e Viana do Castelo (1986-1992), e que entre 1994/1998 desempenhou o cargo de presidente da Câmara Municipal de Valença. Fernanda e Maria José são as suas duas irmãs.

CASA NOBRE DE GALVÃO PARA TURISMO DE HABITAÇÃO

Classificado imóvel de interesse municipal, o Solar de Galvão tem uma história que remonta ao século XVII, ostentando na porta principal um escudo com as armas da família Castro. "Aquela casa é de 1637" – esclarece-nos João Magno, antes de nos referir a possibilidade de inclusão da moradia nobre no turismo de habitação.

"O meu cunhado, casado com a minha irmã Zé, desistiu dessa hipótese. O projecto exigia ter a família lá, mas os dois filhos da Zé, ambos engenheiros (Luís Miguel e Ricardo). Ambos estiveram a trabalhar em Angola. O Luís Miguel, que é electrotécnico, está neste momento na IBM, na Checoslováquia".

O projecto para a inclusão do solar de Galvão no turismo de habitação terá, pois, de esperar por melhores dias.

*Luís Filipe Fernandes
(Escrito na antiga ortografia).*

Uma aplicação que coloca um concelho "na palma da mão"

O projecto AppMonção é o percurso normal de expansão da entremaos.pt, marca criada por Ana Esteves e Bruno Alves, um casal a residir na Covilhã, onde também trabalham a AppCovilhã, mas com uma enorme ligação a Monção, visto a proprietária ser uma monçanense de berço e ambos com profundos conhecimentos do concelho, costumes e fortes laços familiares na região.

A AppMonção é um novo conceito de marketing, comunicação e divulgação que surge em Monção baseado nas novas tecnologias. É uma aplicação para smartphones disponível nas lojas PlayStore e AppStore e de descarga gratuita, que tem como intuito promover o concelho e a Vila em todas as suas vertentes dentro e fora de portas.

Destaques, Promoções, Alojamento, Cultura, Gastronomia local, Negócios e Empresas são alguns dos tópicos que poderá encontrar nesta aplicação que tem como objectivo principal aproximar todas as entidades envolvidas à sociedade monçanense.

"A AppMonção foi concebida de forma a que os utilizadores recebam notificações Push nos próprios telemóveis com informação dos nossos parceiros, pondo assim directamente a informação na 'palma da mão' de todos os que fazem a descarga da aplicação", esclarecem os criadores da app.

"A nível Turístico, Cultural e de Lazer queremos com esta aplicação exportar e dar a co-



EntreMaos.pt



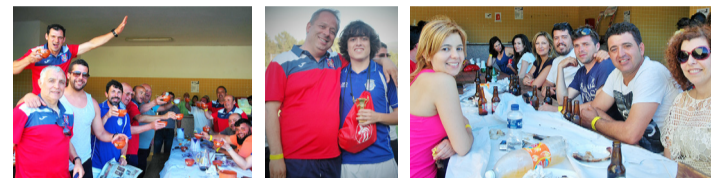
nhecer Monção a todos aqueles que façam a descarga da aplicação, chamando cada vez mais gente ao concelho e ao mesmo tempo divulgar os eventos que irão acontecer. Temos a certeza de que será um excelente guia turístico digital que oferecemos aos monçanenses e a quem visite Monção!", explicam ainda, em comunicado.

A coordenar este projecto, em conjunto com os administradores da AppMonção, está Ana Catarina Pires (proprietária das lojas EsqueçoPapel), que consideram "uma escolha acertada, visto ser o espelho do empreendedorismo e da inovação em Monção e com créditos confirmados no mundo empresarial do Minho".

João Martinho

"Esta festa tem de virar tradição no SC Melgacense"

Atletas e familiares conviveram no final da época desportiva 2016/17



No dia 11 de Junho, os atletas, sócios e familiares do Sport Clube Melgacense reuniram-se para a festa de encerramento da época 2016/2017. Representantes de todos os escalões de formação de futebol do clube, mas também de algumas das modalidades juntaram-se no relvado do Centro de Estágios para disputar entre escalões, entre pais e filhos ou mesmo entre jogadores e treinadores, colocando à prova as aprendizagens da época, em ambiente descontraído.

Cerca de 150 pessoas responderam à chamada, com destaque para a presença de grande parte do plantel Veterano do SC Melgacense, que participa pela primeira vez neste convívio desportivo com os restantes escalões.

"É um balanço muito positivo, ficamos satisfeitas", nota Estefânia Rocha, uma das mentoras deste convívio que teve o ano passado a primeira edição. Perante a evolução participativa da família desportiva melgacense, as organizadoras querem que esta festa seja "tradição" e se possa, no final de cada época desportiva, "recompensar os atletas que representam o clube, de todos os escalões, desde os mais pequenos aos Seniores. Até mesmo os Veteranos!, atira ainda a organizadora.

"Fomos convidados a estar presentes. Somos um dos pilares do Sport clube Melgacense, sempre levamos o Melgacense muito a sério" realçou Vítor Cardadeiro, presidente dos Veteranos.

"Ainda bem que houve e continua a haver gente no Melgacense com capacidade, lealdade e com amor pelo clube. Foi por isso é que o Melgacense nunca acabou, porque por alguns já teria acabado. Felizmente há quem continue a lutar pela permanência", atirou o representante dos Veteranos.

No final do dia, após futebol e convívio no recinto adjacente ao relvado, houve ainda entrega de medalhas e taças aos atletas dos diversos escalões que se destacaram na época finda.

Recorde-se que, além do futebol, nos escalões de formação, Sénior e Veterano, o Sport Clube Melgacense soma ainda outras modalidades, como a patinagem e o basquetebol.

João Martinho

Espumante

Quinta do Regueiro



Medalha de Ouro em
LONDRES

Contactos: Sede - Alvaredo | Telem. 966 854 542 | E-mail: comercial@quintadoregueiro.com

AGRADECIMENTOS

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Olinda da Gloria Cerqueira da Rua Val - Chaviães | 79 Anos

A Família da Saudosa extinta vem por este meio agradecer muito penhoradamente ao pessoal do I.C.C.I, Cuidados Continuados, Centro Paroquial de Chaviães e a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à sua última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António Domingues Paderne | 78 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel Augusto Alves S. Paio | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Nelso Lindo Dias Paderne | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria do Carmo Oliveira Salgado Chaviães | 65 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Alfredo Augusto Pires Fiães | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Que Deus vos receba em seus braços e o Manto de Luz de Maria vos cubra das bênçãos que a boa Mãe sabe dar aos seus filhos.

AGÊNCIA Funerária Mira

DISTINGUIMOS-NOS PELA LONGA EXPERIÊNCIA,
COMPETÊNCIA E ACOMPANHAMENTO

**TODOS OS SERVIÇOS FUNERÁRIOS
E DE ARRANJOS PARA OS CEMITÉRIOS,
BEM COMO DESLOCAÇÃO
NOS CASOS DE CREMAÇÃO**

RUA DR. AFONSO COSTA, 42 · MELGAÇO
Tels: 963 095 087 · 251 404 014 · 251 416 237

CENTRO FUNERÁRIO DO ALTO MINHO

António José Gomes Gramuinha - Paderne | 55 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Teresa Rodrigues de Moraes Midão - Paderne | 71 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Puresa Cândida de Araújo Barraço - Chaviães | 92 Anos

A filha Maria Hermínia e o filho José Alberto, cujo pai era conhecido como o Manuel "Vitória", de Chaviães, vêm por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar por ocasião do falecimento da sua querida mãe, nascida em Roussas em 22 de Setembro de 1924 e sepultada em 27 de Abril de 2017. Agradecem ainda a todos aqueles que a acompanharam à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto em sufrágio da sua alma.



Maria Celeste Táboas Quingostas - São Paio | 88 Anos

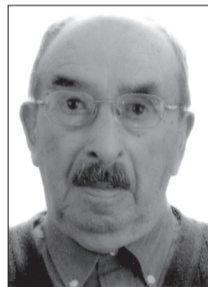
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



No dia de entrada na verdadeira Vida

Manuel Joaquim Rodrigues

Em 17 de Março completou 100 anos de existência terrena e ainda pôde ver a família mais próxima e amigos a cantar-lhe os parabéns. Na madrugada de 15 de Junho, dia da Festa do Corpo de Deus, o Pai quis abraçá-lo para todo o sempre e recebê-lo na eterna glória. Dificilmente haveria um dia mais bonito para encontrar Deus e entrar na felicidade eterna que só ele pode dar.



Já viúvo, pai de dois filhos, duas netas e 3 bisnetos, este bom homem, carpinteiro de profissão, sempre foi prestável para as pessoas e mormente em tudo o que dissesse respeito a trabalhos na Igreja paroquial para qualquer das capelas da freguesia.

Era pessoa muito estimada pelos vizinhos, pois tinham nele um verdadeiro amigo. O seu funeral constituiu uma impressionante manifestação de pesar pelo seu desaparecimento, mas também de acção de graças ao Senhor por tudo o que de bem e de bom lhe permitiu realizar na sua longa vida terrena. Poucos são abençoadas com uma vida tão longa.

A família agradece a presença amiga no funeral e nas preces de sufrágio.

Descanse em paz.



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/07/2017

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia nove de junho de dois mil e dezassete, exarado a folhas sessenta e cinco e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número Um - M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual JOSÉ GONÇALVES, NIF 189298758 e mulher MARIA OLINDA GONÇALVES, NIF 200600770, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ambos da extinta freguesia de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Rodeiro, União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, deste concelho declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, dos seguintes imóveis, todos situados no lugar de Rodeiro, na citada União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, não descritos na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

Verba um: Prédio Rústico, denominado "Canda", composto de terreno de mato, com a área de oitocentos e vinte metros quadrados, a confrontar de norte e nascente com Junta de Freguesia, de sul com António Fernandes e de poente com António Rodrigues, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 4695, que corresponde ao artigo 3216 da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de €3,85.

Verba dois: Prédio Rústico, denominado "Lama", composto de terreno de lameiro, com a área de duzentos metros quadrados, a confrontar de norte com Manuel José Esteves, de sul com Ermezinda Alves, de nascente com Leonel Esteves e outros e de poente com Aníbal Rodrigues, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 5186, que corresponde ao artigo 3730 da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de €22,76.

Verba três: Prédio Rústico, denominado "Canda de Cima", composto de terreno de mato, com a área de oitocentos e vinte metros quadrados, a confrontar de norte e nascente com Junta de Freguesia, de sul com Filipe Domingues, e de poente com Domingos Rodrigues, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 4696, que corresponde ao artigo 3217 da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de €3,85.

Verba quatro: Prédio Rústico, denominado "Canda Grande", composto de terreno de pastagem, com a área de dois mil quinhentos e oitenta metros quadrados, a confrontar de norte, nascente e sul com Aníbal Rodrigues e de poente com Junta de Freguesia, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 4693, que corresponde ao artigo 3214 da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de €18,09.

Verba cinco: Prédio Rústico, denominado "Canda", composto de terreno de mato, com a área de oitocentos e vinte metros quadrados, a confrontar de norte e nascente com Junta de Freguesia, de sul com Carlos Gonçalves e poente com António Fernandes, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 4697, que corresponde ao artigo 3218 da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de €3,85.

Verba seis: Prédio Rústico, denominado "Prado da Canda", composto de terreno de pastagem, com a área de três mil cento e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte com Manuel Figueiredo, de sul com Junta de Freguesia, de nascente com Caminho e de poente com Maria Enes, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 4703, que corresponde ao artigo 3226 da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de €22,05.

Que desconhecem os artigos da anterior matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade.

Que entraram na posse dos citados prédios, já no estado de casados, da seguinte forma:

Quanto aos prédios indicados sob as **verbas um e dois**, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa cinco, por compra e venda verbal que não chegou a ser formalizada, feita a Domingos Rodrigues e Maria Rosa Alves, residentes que foram no referido lugar de Rodeiro, quanto aos prédios indicados sob as **verbas três e quatro**, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa e seis, por compra verbal que não chegou a ser formalizada, feita a Alfredo Augusto Rodrigues, solteiro, residente no mencionado lugar de Rodeiro; quanto ao prédio indicado sob a **verba cinco**,

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

em dia e mês de Maio de mil novecentos e noventa e sete que não conseguem precisar, por compra verbal, que não chegou a ser formalizada, feita a **Filipe Domingues**, no estado de viúvo, residente no mencionado lugar de Rodeiro; e quanto ao prédio indicado sob a **verba seis**, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa e a quatro, por doação verbal, que não chegou a ser formalizada, feita pelos pais da justificante mulher **Carlos Gonçalves e Ilda Esteves**, residentes no mencionado lugar de Rodeiro.

Que, portanto, há mais de **vinete anos** se encontram os justificantes na posse e fruição dos mencionados prédios, procedendo à sua limpeza, semeando e cortando a erva para alimentação do gado, roçando o mato, usufruindo, portanto, de todas as suas utilidades, e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos prédios conduziu à sua aquisição por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.
Melgaço, nove de junho de dois mil e dezassete.
O Notário,
Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/07/2017

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no **dia vinte e nove de maio de dois mil e dezassete**, exarado a folhas **quarenta e nove e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **Um - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **CAETANO PIRES**, NIF 162968841, divorciado, natural da freguesia de Parada do Monte, concelho de Melgaço, residente na rua José Cândido Gomes de Abreu, nº 131, 3º Dto., União de Freguesia de Vila e Roussas, concelho de Melgaço declarou:

Que é dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem, dos seguintes imóveis, **não descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

Verba um: **Prédio Rústico**, denominado "Campo de Corgas", sito no lugar de Corgas, freguesia de **Paderne**, composto de terreno de cultivo de erva, com a área total de seis mil cento e vinte metros quadrados, a confrontar de norte e poente com Caetano Pires, de sul com Herdeiros de António Manuel Gonçalves Torres e de nascente com António Cláudio Abreu Rodrigues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 8167**, que teve origem no artigo 8167 da freguesia de Paderne, com o valor patrimonial e atribuído de **€710,00**.

Verba dois: **Prédio Rústico**, sito no lugar de Corgas, freguesia de Paderne, composto de palheiro de rés-do-chão e primeiro andar, com a área total de oitenta e dois metros quadrados, a confrontar de norte, nascente e poente com Caetano Pires e de sul com Herdeiros de António Manuel Gonçalves Torres, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 8168**, que teve origem no artigo 8168 da freguesia de Paderne, com o valor patrimonial e atribuído de **€440,00**.

Verba três: **Prédio Rústico**, denominado "Coutada do Mourim", sito no lugar de Mourim, União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, composto de terreno de mato, com a área total de quinhentos e sessenta metros quadrados, a confrontar de norte com Caminho Público, sul com Junta de Freguesia, nascente com Adriano Domingos e poente com Justino Pires, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 6092**, que corresponde ao artigo 3040 da extinta freguesia de Parada do Monte, com o valor patrimonial e atribuído de **€2,56**.

Verba quatro: **Prédio Rústico**, denominado "Coutada do Amial", sito no lugar de Amial, União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, composto de terreno de lameiro, com a área total de seiscentos e sessenta metros quadrados, a confrontar de norte com Junta de Freguesia, sul com Rosa Pires, nascente com Eduardo Rodrigues e poente com José Maria Pires, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 8699**, que corresponde ao artigo 5253 da extinta freguesia de Parada do Monte, com o valor patrimonial e atribuído de **€11,56**.

Que desconhece os artigos da anterior matriz rústica, o que declara sob sua responsabilidade.

Que entrou na posse dos citados prédios da seguinte forma:

Quanto aos prédios indicados sob as **verbas um e dois**, em dia e mês que não consegue precisar do ano de mil novecentos e noventa e quatro, já no estado de divorciado, por compra verbal, que não chegou a ser formalizada, feita a Domingos Fernandes, residente que foi no lugar de Crastos, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço; quanto aos prédios indicados sob as **verbas três e quatro**, em dia e mês que não consegue precisar do ano de mil novecentos e noventa, já no estado de divorciado, por partilha verbal com os demais herdeiros que não chegou a ser formalizada, feita por óbito de seu pai, Manuel Pires, residente que foi na extinta freguesia de Parada do Monte, atual União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão;

Que, portanto, há mais de **vinete anos** se encontra o justificante na posse e fruição dos mencionados prédios, cultivando-os, cortando a erva para alimentação do gado, procedendo à sua limpeza, recolhendo a lenha, que aproveita, usufruindo das suas utilidades e pagando os seus impostos e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos prédios conduziu à sua aquisição por **usucapião**, que invoca para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.
Melgaço, vinte e nove de maio de dois mil e dezassete.
O Notário,
Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/07/2017

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no **dia dezassete de junho de dois mil e dezassete**, exarado a folhas **setenta e sete e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **Um - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MANUEL DOMINGUES**, solteiro, maior, natural da extinta freguesia de Parada do Monte, concelho de Melgaço, residente na Estrada da Igreja, nº 1220, freguesia de Fiães, titular do CC nº 01754869 1ZY5, válido até 11/06/2019 **na qualidade de presidente da FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SANTA MARIA DE FIÃES**, NIPC 501839488, com sede no lugar de Terreiro, da dita freguesia de Fiães, declarou:

Que a **FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SANTA MARIA DE FIÃES**, com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora dos seguintes imóveis, todos situados na citada freguesia de **Fiães**, **não descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

Verba um: Prédio urbano, denominado "Capela da Senhora do Alívio", sito no lugar de Pousafoles, composto por capela e rossios, com a área coberta de sessenta e nove metros quadrados e descoberta de duzentos e noventa e sete metros

quadrados, a confrontar de norte com Fernando Marques, de sul e nascente com Caminho Municipal, e de poente com Caminho Público, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 473**, com o valor patrimonial e atribuído de **€47 945,03**;

Verba dois: Prédio urbano, denominado "Capela da Senhora do Socorro", sito no lugar de Soutomendo de Cima, composto por capela e rossios, com a área coberta de setenta e dois vírgula nove metros quadrados e descoberta de cento e sessenta e um vírgula sete metros quadrados, a confrontar de norte com Narciso Esteves, de sul com António Domingues, de nascente com Caminho Municipal, e de poente com Manuel Luís Marques, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 474**, com o valor patrimonial e atribuído de **€48 323,35**;

Verba três: Prédio urbano, denominado "Capela de Santo António" composto por capela e rossios, sito no lugar de Adedela, com a área coberta de cento e sessenta e sete vírgula seis metros quadrados e descoberta de mil e catorze vírgula seis metros quadrados, a confrontar de norte e nascente com Caminho público, de sul com Álvaro Domingues e de Poente com Caminho Municipal, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 475**, com o valor patrimonial e atribuído de **€120 961,75**;

Verba quatro: Prédio urbano, denominado "Capela da Senhora dos Milagres", sito no lugar de Alcobaca, composto por capela e rossios, com a área coberta de cento e noventa vírgula sete metros quadrados e descoberta de quatrocentos e quarenta e nove vírgula noventa e nove metros quadrados, a confrontar de norte e nascente com Caminho Público, de sul com Álvaro Domingues e de poente com Caminho Municipal, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 476**, com o valor patrimonial e atribuído de **€123 548,68**;

Verba cinco: Prédio urbano, denominado "Capela da Senhora da Vista", sito no lugar de Porto Carreiro, composto por capela e rossios, com a área coberta de cento e cinquenta e oito metros quadrados e descoberta de trezentos e vinte e um vírgula cinco metros quadrados, a confrontar de norte com Manuel Joaquim Pinto, de sul e poente com Caminho Municipal e de nascente com Manuel Dantas, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 477**, com o valor patrimonial e atribuído de **€101 841,00**;

Verba seis: Prédio urbano, denominado "Capela de São João Batista", sito no lugar de Porto Carreiro, composto por capela e rossios, com a área coberta de dezassete metros quadrados e descoberta de trinta e dois metros quadrados, a confrontar de norte e nascente com Caminho Público, de sul com António Rodrigues Bravo e de poente com António Rodrigues Bravo e outros, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 478**, com o valor patrimonial e atribuído de **€10 930,53**;

Verba sete: Prédio rústico, denominado "Costa da Adedela", sito no lugar de Adedela, composto por terreno de mata de carvalhos, pinhal e três castanheiros, com a área de dois mil e oitocentos metros quadra-

dos, a confrontar de norte com Junta de Freguesia, de sul com Escola Primária, de nascente com Estrada e de poente com Caminho, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1719**, com o valor patrimonial e atribuído de **€140,06**;

Verba oito: Prédio rústico, denominado "Prado do Teso", sito no lugar de Porto Carreiro, composto por terreno de mata de carvalhos, mato e pastagens, com a área de trinta e seis mil metros quadrados, a confrontar de norte e sul com Ribeiro, de nascente com Vala da Sonja e de poente com Joaquim da Assunção Rodrigues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1925**, com o valor patrimonial e atribuído de **€171,58**;

Que a sua representada desconhece os artigos da anterior matriz rústica e não dispõe de documento que lhe permita proceder ao registo destes prédios na referida Conservatória, mas após conversas com as pessoas mais idosas da referida freguesia de Fiães e consultas aos documentos existentes na paróquia, se infere que os prédios urbanos tenham sido construídos pela comunidade paroquial da Santa Maria de Fiães **há mais de cem anos** e os prédios rústicos foram doados em **tempos imemoriais** à Igreja Paroquial de Santa Maria de Fiães por pessoas cuja identidade já não é possível identificar, pelo que esta não é detentora de qualquer título formal que legitime a sua posse.

Que, não obstante a falta de qualquer título formal, desde tempos imemoriais que a sua representada através dos sucessivos párocos da Paróquia de Fiães entrou na posse e fruição dos imóveis, em nome próprio, posse que reiteradamente e à vista de toda a gente tem mantido, até hoje, sendo reconhecida como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao pleno exercício do direito de propriedade, ocupando-o e afetando-o à prática religiosa, realizando obras de manutenção quando necessárias, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição, quanto aos urbanos, e nos rústicos limpando-os e cortando o mato, administrando-os sempre com ânimo de quem exercita direito próprio;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos prédios **há mais de cem anos** conduziu à sua aquisição por **usucapião**, que a sua representada invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.
Melgaço, dezasseis de junho de dois mil e dezassete.
O Notário
Marco Paulo Lima Gonçalves

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/07/2017

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no **dia vinte e oito de junho de dois mil e dezassete**, exarado a folhas **oitenta e nove e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **Um - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **NORBERTO ALVES**, NIF 142509370, casado sob o regime de comunhão geral de bens com Dulcelina Bernardo Alves, NIF 211202819, naturais, ele da extinta freguesia de Castro Laboreiro, ela da extinta freguesia de Lamas de Mouro, ambas do concelho de Melgaço, residentes no lugar de Igreja, na União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, concelho de Melgaço declarou:

Que é dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem, do seguinte imóvel, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, sito no lugar de Cainheiras, União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro:

Prédio urbano composto por uma casa de morada com dois pavimentos e rossios, com a área coberta e descoberta de sessenta metros quadrados e área total de cento e vinte metros quadrados, a confrontar de norte com Rosa Gonçalves e de sul, nascente e poente com Caminho inscrito na respetiva matriz predial sob o artigo **12743**, que corresponde ao artigo 820 urbano da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€12 220,00**; Que entrou na posse do citado prédio em dia e mês que não consegue precisar do ano de mil novecentos e oitenta e seis, ainda no estado de solteiro, por partilha verbal que não chegou a ser formalizada, feita com os demais herdeiros, por óbito da sua avó Maria Rosa Gonçalves, residente que foi no lugar de

Portos, na extinta freguesia de Castro Laboreiro;

Que há mais de vinte anos se encontra o justificante na posse e fruição deste prédio, exercendo sobre ele todos os poderes de facto inerentes ao direito de propriedade, na qualidade de seu dono, como coisa sua e nessa convicção, habitando-o, ocupando-o com diverso equipamento doméstico, sem pagamento de qualquer renda, usufruindo de todas as utilidades possíveis em nome próprio e sem oposição de ninguém, pelo que exerceu uma posse pacífica, contínua e pública, sem interrupção e ostensivamente com conhecimento de toda a gente, adquirindo o seu direito por **usucapião**.

Que, não tendo possibilidade de comprovar a posse do citado imóvel pelos meios extrajudiciais comuns, o justifica para fins de inscrição a seu favor na competente Conservatória do Registo Predial.

Que, nos termos do número três do artigo cento e doze do Código do Registo Predial, embora o referido prédio ofereça semelhança com o descrito sob o número quinze mil setecentos e oitenta e sete, lavrado a folhas cento e setenta e uma do livro B - trinta e oito, da citada extinta freguesia de Castro Laboreiro, não existe qualquer relação entre os mesmos.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e oito de junho de dois mil e dezassete.

O Notário,
Marco Paulo Lima Gonçalves

Cláudia Barreiros

Cartório Notarial de Valença

«A Voz de Melgaço» 01/07/2017

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no **dia vinte e três de Junho de dois**

mil e dezassete, exarado a folhas **duas e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **Cento e Cinco - A** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JENI DA CONCEIÇÃO RODRIGUES NÓVOAS GONÇALVES**, NIF 189 298 782, e marido **JOAQUIM MANUEL PEREIRA GONÇALVES**, N.I.F. 144 161 451, casados sob o regime de comunhão de adquiridos, naturais, ela da freguesia de Penso, concelho de Melgaço, ele da extinta freguesia de Monção, concelho de Monção, residentes no lugar de Bairro Grande, freguesia de Penso, concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, **com exclusão de outrem** dos seguintes imóveis, **omissos** na Conservatória do Registo Predial:

Verba um: **Prédio rústico**, composto por terreno de pastagem, denominado "Barroca ou Pelo", sito no lugar de Bairro Pequeno, freguesia de **Penso**, concelho de **Melgaço**, com a área de dois mil novecentos e noventa metros quadrados, a confrontar do **norte** com Rio, do **sul** e do **nascente** com caminho público e do **poente** com Alberto Marques, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 125**, com o valor patrimonial de **€17,96** e o **atribuído de igual valor**.

Verba dois: **Prédio rústico**, composto por terreno de cultura e vinha em ramada, denominado "Campo de Baixo" sito no lugar de Canhotos, freguesia de **Penso**, concelho de **Melgaço**, com a área de mil seiscentos e sessenta metros quadrados, a confrontar do **norte** com Ricardo Esteves Cordeiro (cabeça de casal da herança de), do **sul** com Orlando da Rocha, do **nascente** e do **poente** com Manuel Rodrigues de Oliveira, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 233**, com o valor patrimonial de **€252,09** e o **atribuído de igual valor**.

Verba três: **Prédio rústico**, composto por terreno de pinhal e mato, denominado "Choqueiros", sito no lugar de S. Bartolomeu, freguesia de **Penso**, concelho de **Melgaço**, com a área de três mil e novecentos metros quadrados, a confrontar do **norte** com Junta de freguesia, do **sul** com Manuel Rodrigues de Oliveira, do **nascente** com José Alberto Cordeiro e do **poente** com Manuel Rodrigues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 344**, com o valor patrimonial de **€76,32** e o **atribuído de igual valor**.

Verba quatro: **Prédio rústico**, composto por terreno de pastagem, denominado "Pinhal da Fraga", sito no lugar de Paradela, freguesia de **Penso**, concelho de **Melgaço**, com a área de seiscentos metros quadrados, a confrontar do **norte** com caminho público, do **sul** com Marcelino da Rocha, do **nascente** com Junta de Freguesia, do **poente** com Vitorino Alves de Lima, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2431**, com o valor patrimonial de **€3,59** e o **atribuído de igual valor**.

Verba cinco: **Prédio rústico**, composto por terreno de cultura arvense de regadio e vinha em ramada, denominado "Canhotos", sito no lugar de Canhotos, freguesia de **Penso**, concelho de **Melgaço**, com a área de dois mil seiscentos e noventa metros quadrados, a confrontar do **norte** com Manuel Augusto Ferreira, do **sul** com Maria Rodrigues, do **nascente** com caminho público, do **poente** com Humberto NÓVOAS, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3297**, com o valor patrimonial de **€419,19** e o **atribuído de igual valor**.

Que desconhecem os artigos da anterior matriz rústica, segundo declararam.

Que os citados prédios não correspondem aos que foram encontrados por semelhança na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e aí

descritos sob os números duzentos e quarenta e nove, duzentos e cinquenta e um, duzentos e cinquenta e quatro, duzentos e cinquenta e cinco e duzentos e cinquenta, todos da freguesia de Penso, tudo segundo declararam sob sua inteira responsabilidade.

Que entraram na posse dos citados prédios em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa, já no estado de casados, por doação verbal, que não chegou a ser formalizada, feita por Maria Augusta Rodrigues e marido José Augusto NÓVOAS, residentes que foram no lugar de Bairro Grande, da dita freguesia de Penso. Que há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição dos citados prédios, exercendo sobre eles todos os poderes de facto inerentes ao direito de propriedade, na qualidade de seus donos, como coisa sua e nessa convicção, cortando o mato e a lenha, que aproveitam, cultivando-os e regando-os, aproveitando o pasto para os animais, procedendo à sua limpeza, usufruindo de todas as utilidades possíveis em nome próprio e sem oposição de ninguém, pelo que exerceram uma posse de boa-fé, pacífica, contínua e pública, sem interrupção e ostensivamente com conhecimento de toda a gente, adquirindo o seu direito por **usucapião**.

Que, não tendo possibilidade de comprovar a posse dos citados imóveis pelos meios extrajudiciais normais, os **justificam** para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

OS SEGUNDOS OUTORGANTES DECLARARAM:

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Valença, 23 de Junho de 2017.

O Notária,
Cláudia Sofia Vieira Barreiros

RETRATOS QUE SE APANHAM Justificar o Injustificável – eis a questão

“A gente cresce, cresce!... E julga que é Alguém”!...

Crescemos em idade!...

Vamos ultrapassando algumas metas que o próprio meio em que vivemos nos impõe!... Atingimos então um patamar (ou pensamos que chegamos a esse patamar)!... É chegada a hora da prova!...

Se queremos ser Alguém temos que nos consciencializar que somos nós que fazemos as nossas escolhas e que não há desculpas pelo mal que causamos a terceiros para nos evidenciarmos!... O Bem é sempre aceite por todos. Não precisa de afirmação.

Atirar a pedra e esconder a mão é a técnica utilizada pelos fracos que passam a vida a defendem-se dizendo mal dos outros!...

Mas lá vem o dia (mais tarde do que cedo, pelos vistos) que enfrentamos as consequências dos nossos actos. A verdade vem sempre ao de cima!...

Panos quentes não são solução para as enfermidades crónicas!...

A maioria quer sair da concha mas tê-la à mão de semear para culpabilizar terceiros pelo desconforto que a realidade do nosso carácter projecta.

O egoísmo é atroz!... Principalmente quando há quem pense que tudo lhe é permitido e que a boa educação dos outros deve desculpar tudo e todos pela medida grande!...

Acordar para a vida não é fazer dos outros sacos de pancada!...

Acordar para a vida é respeitar para ser respeitado. É saber que há limites que não podem, nem devem ser ultrapassados. É acolher com o coração o que a todos diz respeito.

Depois do mal feito nem o silêncio justifica o injustificável, quanto mais as palavras!...

Depois do copo cheio o excesso precipita-se!... O impingir já era!...

Como é bom crescer em sabedoria!...

Helena Matos

Allianz

Liberty
Seguros

LUSITANIA
Grupo Montepio

AXA

MCA- Mediação de Seguros Lda

Isp nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Consulte-nos sempre – Com certeza ficará satisfeito

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 966747834

Protocolos de Seguros
Forças Militares (GNR, PSP, etc)
Professores, Função Pública
Médicos, Dentistas, Veterinários

Legalizações automóveis
Regime Geral
Regime de emigrante
Pergunte sobre o seu caso em especial

Melgaço voltou a Lisboa para a 3ª edição do Alvarinho Wine Fest

Autarquia diz que as expectativas foram superadas e quer continuar com a campanha de promoção na capital



A montra de Lisboa veio para ficar. A garantia é do presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista, que decidiu arriscar uma terceira edição do Alvarinho Wine Fest mesmo quando o município parceiro de Monção abandonou o projecto conjunto iniciado há três anos.

A desistência de um dos parceiros obrigou à alteração de programa e de local do evento, mas as circunstâncias acabaram por colocar o evento no seu melhor contexto. Mais de dez mil visitantes terão passado pelo Pavilhão Carlos Lopes durante os dias 2 e 3 de Junho, onde tiveram a oportunidade de conhecer de perto os vinhos alvarinhos, o fumeiro, os queijos, a doçaria tradicional, o pão e as compotas do município de Melgaço.

Durante os dois dias do evento, foram realizadas 19 provas comentadas de vinho alvarinho, junto de todos os produtores presentes. João Chambel, sommelier do Grupo Estado de Alma, e Rodolfo Tristão, sommelier do Grupo Avillez, foram os convidados a orientar a prova.

De Melgaço, uma excursão com cerca de meia centena de pessoas, entre elas alguns confrades da Real Confraria do Vinho Alvarinho, rumou a Lisboa para brindar com os visitantes e entidades que ao longo dos dois dias passaram por aquele espaço. Os confrades e restantes melgacenses visitantes foram por isso também parte da assistência que encheu o espaço onde decorreu a abertura oficial do evento e um estímulo aos expositores conterrâneos.

Com a contagem de visitantes a dar nota de um aumento gradual a cada ano, foi ao terceiro ano que o Alvarinho Wine Fest passou a barreira das dez mil visitas. A abertura do evento contou com a presença

do Vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Castro, e dos deputados José Manuel Carpinteira e Sandra Pontedeira.

“No momento em que quase se colocou em risco a realização desta terceira edição, achamos que ela não deveria ser abandonada e não foi. Reduzindo custos, conseguimos alavancar o Alvarinho Wine Fest e com números muito bons”, observava o autarca de Melgaço, em declarações a este jornal.

“Os números são óptimos. Os produtores dizem que tem sido uma oportunidade para fazer negócios”, notou ainda Manoel Batista.

Com relativo sucesso em relação às edições anteriores, o Alvarinho Wine Fest, realizado num pavilhão de linhas nobres, em espaço adjacente ao Parque Eduardo VII, onde decorria a Feira do Livro de Lisboa, acabou por ser motivo de interesse dos visitantes da feira. Para os produtores, alguns já sem stock no segundo dia do evento, a apresentação do produto foi de facto conseguida.

Relativamente aos custos da campanha de promoção do Alvarinho e da sub-região, Manoel Batista esclarece que “não há mais despesa do que aquela que houve nas edições anteriores”. “Foi preciso encontrar um novo espaço, mas também aí fomos felizes. Estávamos um pouco agarrados ao espaço da segunda edição e achávamos que era o espaço que se deveria manter. As circunstâncias obrigaram a repensar um espaço mais barato e claramente este é o espaço adequado pela qualidade, pela forma como as pessoas comunicam com o espaço, pela localização, foi importante e conseguimos todos os objetivos”.

Quanto ao público que visitou o evento, o autarca diz que este perfil trará mais atenção e consumo em torno do alvarinho “O público deste ano é mais interessante. É um público que gosta de livros, gosta de vinhos, é interessado, quer saber mais sobre os vinhos e a re-

gião onde são produzidos, por isso estamos satisfeitiíssimos com os resultados”.

No dia da abertura, Carlos Castro, Vereador da Câmara Municipal de Lisboa, acompanhou Manoel Batista na cerimónia protocolar e na visita aos expositores, acompanhado pelos deputados José Manuel Carpinteira e Sandra Pontedeira.

Conhecedor da região alminhota, Carlos Castro diz que esta “marca importante da região” deve valorizar-se e proteger a sua origem. “Este produto tem uma origem concreta, é bom que essa identidade e originalidade se mantenham e sejam realçadas”.

“É a identidade do concelho e a dinâmica económica e social que estes produtos têm que são fundamentais no desenvolvimento local. É um grande exemplo que a Câmara Municipal de Melgaço está a dar com esta promoção aqui em Lisboa e até com capacidade de a promover além-fronteiras”, realçou o vereador.

Dentro ou fora de portas, Carlos Castro reconhece que a produção portuguesa não tem escala para a produção e massa e só a valorização pela excelência pode valorizar os trabalhadores do sector. “Esta capacidade de Melgaço estar a valorizar, até internacionalmente, o seu produto, é estarmos a dar um grande apoio e incentivo a muito boa gente, aos empresários e trabalhadores que fazem no dia-a-dia este trabalho.

Sobre o eventual regresso do Alvarinho Wine Fest a Lisboa, Manoel Batista assume ter nos planos voltar com a quarta edição no primeiro fim-de-semana de Junho. “E também estamos convencidos de que é para continuar aqui, vamos ver se rapidamente tratamos dessa questão”.

Na terceira edição do Alvarinho Wine Fest estiveram 19 produtores de Alvarinho: Casa de Midão, Casa de Canhotos, Castaboa, Castros de Paderne, Dom Ponciano, Dona Paterna, Encostas de Paderne, Lua



Cheia em Vinhas Velhas, Memória a S.Marcos, Poema, Alvaianas, Quinta do Mascanho, Quinta do Mentainas, Quinta do Regueiro, Quintas de Melgaço, Reguengo de Melgaço, Soalheiro, Terras de Real e Valados de Melgaço; seis de produtos locais: Fumeiro Tradicional de Castro Laboreiro, Delícias do Planalto, Casa do Ramo Sabores, Melgaço em Sabores, Prados de

Melgaço e Bebipedala, que se deslocaram-se à capital para darem a provar o delicioso néctar e os produtos confeccionados com Alvarinho. O evento completou-se com momentos musicais, no espaço lounge, e com a distinção do restaurante Solar dos Presuntos como tendo a melhor carta de Vinhos Alvarinho em Lisboa.

João Martinho

Adega sabino

Largo Hermenegildo Solheiro, n.º 46 - Melgaço
Tlf. (+351) 251 404 576 | Tlm. (+351) 963 452 031
E-mail: restaurante.sabino@sapo.pt

ESPECIALIDADES:


- CABRITO DO MONTE
- BACALHAU COM BROA
- ARROZ 'PICA-NO-CHÃO'
- LAMPREIA E SÁVEL*

* (NA ÉPOCA)



42° 6' 46" N / 8° 15' 32" W

RESTAURANTE



tripadvisor

É de origem melgacense a última marca que A Flor da Selva está na Madragoa

Chega-se lá pela chaminé. A Travessa do Pasteleiro, no coração da Madragoa, em Lisboa, é uma rua como as que vemos nos postais. A forma como as casas se alinham, a aparente paz que parece isolar o bairro do coração de Lisboa das artérias hiperactivas da 'zona nova' da capital tornam este nicho um enclave especial entre épocas.

A Flor da Selva não nos parece nada uma empresa, daquelas com grandes montras de vidro e com anúncio, para serem chamativas. A entrada é discreta e, enquanto fazemos o exercício de perceber se é mesmo ali, alguém nos interrompe o processo: "Oh vizinho, é melhor entrar, olhe a cabeça!".

Uma senhora, do outro lado da rua (ali a dois passos) chama-nos a atenção para um balde que vem a descer, preso por uma corda. Talvez o piso de cima em obras, e à falta de grua, circulava o balde à força de braço. Agradecemos mas não lhe retribuimos o trato por vizinha, que isto das distâncias de vi-

zinhança é relativo, mas como moramos a mais de 400 quilómetros dali, talvez seja forçar a geografia a uma falsa proximidade.

Entramos e era ali. O cheiro a café denunciou logo o ramo de actividade e os sacos de café também. Jorge Monteiro, sócio-gerente desta empresa familiar, recebe-nos e, em menos de nada, estamos a desfiar o rosário de penas e memórias deste filho de melgacenses que vingaram na capital do país.

O pai de Jorge, Manuel Alves Monteiro, fundou a marca de cafés Flor da Selva em Outubro de 1950, mas antes de se lançar em tamanha empresa e entrar na corrida do café, começou por trabalhar e estudar desde cedo na capital.

Foi um tio materno, o conhecido fotógrafo Manuel Alves San Payo, que o levou de Melgaço para a capital, logo após a instrução Primária. Aí, a vida começou a dar-lhe trabalho, mas profícua. Estudava no Ateneu Comercial de Lisboa durante a noite e durante o dia ocupava-se com trabalhos que

ia arranjando em mercearias.

A expansão do café estava a acontecer naquela altura. Das províncias ultramarinas vinha o melhor café e por cá as torrefacções, lideradas por entusiastas da arte do café, vinham apurando a fórmula que acabaria por dar fama ao país. Manuel Alves Monteiro não queria ficar fora da corrida e depois de alguns anos a trabalhar em sociedade, de uma quota que tinha na Flor Africana, outra loja dedicada aos cafés, decidiu criar a sua própria marca.

Assim, a meio do século XX, em Outubro de 1950, criava a Flor da Selva, uma unidade de torrefacção e venda de cafés. Por essa altura, ainda predominavam as misturas em lata, com o café, cevada e a chicória, mas em alguns círculos já se caminhava para o café puro, que vinha em generosas quantidades e de qualidade de Angola e São Tomé. Era o momento.

Neste processo, Manuel Alves Monteiro casou-se. Veio a Melgaço, arranjou mulher e casaram,



tinha ele 21, a mulher 20 anos de idade. "Foi companheira de trabalho dele", recorda Jorge Monteiro.

E tudo aconteceu rápido. "Criei uma loja própria, na Rua da Esperança, com um visual muito avançado para a época. Ao mesmo tempo arranjou um armazém numa rua adjacente, na Travessa do Pasteleiro, onde estamos actualmente, onde colocou uma máquina de torrefacção pequena, de 25 quilos, que dava apoio à loja", explica o actual responsável da Flor da Selva.

Com o incremento do café puro, criou aquela que seria a primeira cadeia de lojas (hoje talvez lhe chamassem franchising) e estabeleceu a primeira rede de máquinas de venda de cafés nas salas de espectáculos de Lisboa.

Comprou uma série de máquinas de saco e espalhou-as pelas salas, permitindo que nos intervalos das sessões, os espectadores pudessem tomar um café puro no tempo de intervalo, o que obrigava a um sistema engenhoso e elaborado. Os equipamentos, num sistema quase idêntico às máquinas de balão, misturavam um pacote de 125 gramas de café a um litro de água, misturando e filtrando o café. "Lembro de muitas noites em que ajudava a minha mãe a fazer esses

sacos, para colocar nas máquinas", diz Jorge Monteiro.

Anos mais tarde, e perspectivando a colocação dos irmãos mais novos no negócio, foi alargando a rede de lojinhas pela cidade. O que aconteceu, foram migrando para Lisboa e iam estagiando naquele meio. "Foi instalando os irmãos em várias lojas espalhadas pela cidade, com os irmãos e outros colaboradores, num total de dez casas. Tínhamos uma rede de lojas que era abastecida pela nossa marca", descreve ainda o filho do visionário melgacense.

Jorge Monteiro partilha com o irmão a gestão da empresa, mas é a si e ao seu filho que cabe a maior parte da missão de tornar a marca rentável e diferenciadora. A passagem de testemunho de pai para filho foi natural, já que foi ao filho Jorge que couberam algumas das missões mais intrincadas.

A montagem da fornalha de torrefacção, um colosso com fama de ser "o Mercedes" dos equipamentos a trabalhar no sector dos cafés, deveu-se à determinação de Jorge Monteiro e à inoperacionalidade de um técnico alemão que nunca apareceu. "As pessoas que venderam a máquina tinham dito que viria um técnico da Alemanha para proceder à montagem, mas como talvez fosse um processo demasiado oneroso para eles, acabou por nunca mais vir o técnico e a máquina estava aqui em caixotes, era preciso montá-la e pôr isto a funcionar. Um dia agarrei nos desenhos e com uma equipa de seralheiros, pessoas já familiarizadas com este tipo de equipamentos, nós próprios fizemos a montagem. Ainda hoje é a mesma", conta. E já lá vão mais de quarenta anos. Substituir, só algumas peças que, com as altas temperaturas, sofrem algum desgaste.

O mercado dos cafés mudou muito desde a fundação da Flor da Selva, há 67 anos. Hoje, as multinacionais que metem o café



MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437

rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437

malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



Cartório Notarial
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o **251 096 297** e o e-mail é **cnmelgaco@gmail.com**.

Continua na pág. seguinte

ainda sabe fazer o famoso Café Português mas vende café para o mundo

Continuação da pág. anterior

em cápsulas, em sacos e em embalagens onde o design é metade da campanha, ganham pela proximidade que conseguem do consumidor. Jorge Monteiro garante-nos que nenhum café que é apenas café aguenta mais do que 30 dias após a torrefacção sem perder qualidades.

Tem clientes espalhados um pouco por todo o país, mas é no mercado de proximidade que garantem mais volume de vendas. Hoje, é possível enviar para qualquer ponto do país e até da Europa em dois, três dias, o que convém para manter a qualidade dos cafés Flor da Selva. "É um café que tem de ser vendido e consumido rapidamente. Não é estabilizado, nem

do o café que vinha das províncias ultramarinas era muito e de boa qualidade. "Chegamos a produzir 30 a 40 toneladas por mês, o que era bastante para uma casa desta dimensão. Actualmente estamos nas 7 toneladas e a trabalhar com tempo repartido, dois meios dias de torrefacção por semana. Antigamente fazíamos todos os dias. Nessa altura chegamos a ter vinte trabalhadores em permanência, hoje somos só cinco".

A última marca a fazer o famoso Café Português

"Portugal tinha uma produção enorme de café. Em termos de Robusta éramos o segundo maior

produtor no mundo, exportávamos café para todo o lado. Nessa altura, com os cafés que tínhamos disponíveis, criamos uma harmonia, um lote. Todas as pequenas torrefacções que havia em Lisboa tentavam aperfeiçoar o seu lote e criar um paladar distinto, o café genuinamente português", explica Jorge Monteiro.

Era este blend de cafés, que misturava entre outras, Robusta e Arábica, que criou o sabor distinto e famoso em Portugal e fora

de portas. Hoje, só as empresas de dimensão e tradição mais familiar como a Flor da Selva têm o cuidado de manter a fórmula e o sabor desta fórmula vencedora. "Nós fazemos questão de preservá-la, porque é um património cultural. A maior parte das empresas

dessa época, como a nossa, agora estão completamente descaracterizada. As famílias abandonaram o negócio e todo este conhecimento empírico, que passa de pais para filhos, foi-se perdendo. Nós ainda somos dos poucos, senão os únicos, que conseguimos preservar essa tradição do que se pode denominar o café português", ressalva o proprietário.

"Desde que saímos de Angola, o café angolano perdeu muito em qualidade"

Com a independência dos territórios que estavam sob domínio português, as relações comerciais com esses países tornaram-se tumultuosas e, não raras vezes, impossíveis. Mas, na altura de contabilizar os prejuízos, Jorge Monteiro diz que alguns dos territórios outrora férteis e prósperos, se tornaram solos improdutivos e sem carisma, pelo que não foram só os portugueses que perderam com a retirada. O café, uma das grandes fontes de rendimento do território angolano, será hoje um mercado de menor valor para a população.

"Em Angola, tudo o que eram grandes produções agora são produções irrisórias, as plantas estão abandonadas. Perdeu-se muito em quantidade e em qualidade então nem se fala, são cafés com uma qualidade muito baixa. É muito difícil arranjar-se café de boa qualidade em Angola. Enquanto os portugueses lá estavam, era um colosso a produzir café e de qualidade, tinha fama por todo o mundo", explica o proprietário da Flor da Selva.

Hoje, só com uma selecção um pouco por todo o mundo se pode construir um stock de qualidade, garante. "De Cabo Verde ainda se vai arranjanho uns bocados, com muita dificuldade, porque agora é um processo mais complexo man-



Foto da fornalha, onde é feita a torrefacção

dar vir café de lá. De Timor, conseguimos arranjar com facilidade, porque a República da Indonésia tem tomado conta de todo o processo de tratamento e comercialização do café, por isso conseguimos ter aqui sempre bom café. De São Tomé é difícil de conseguir. É o mais cobiçado e fica num ponto em que o transporte onera o custo. Estamos à espera de receber algum, mas vem de avião e o transporte acaba por ser mais caro que o próprio café".

Na produção, na torrefacção ou na embalagem, é a matéria humana que faz a diferença. Talvez isso explique o toque especial e a existência da Flor da Selva, no seu nicho de qualidade e mercado. Na fornalha a lenha, que tem de ser constantemente vigiada e alimentada, na verificação da torra dos grãos, na embalagem, todo o processo é feito por mão de obra humana. "A componente humana está acima de todos os processos. Não há aqui nenhum processo exclusivamente automático, é tudo liderado pela mão humana.

Em Melgaço ainda não há café Flor da Selva, mas há algum sentimento em que em alguns espaços, essa vontade em ter um produto feito "com amor" por um filho da terra possa ser apreciado.

"Gostaria que os estabelecimentos melgacenses pudessem ter este produto, mas a nossa política nunca foi empurrar o produto às pessoas, sempre foi fazer uma coisa de que gostamos e oferecer às pessoas que o saibam apreciar. As pessoas que realmente tem gosto por aquilo que fazemos, procuram-nos e sabem dar valor ao que fazemos".

Finalmente, Jorge Monteiro ainda tem em Melgaço muito de si e dos seus. "Ainda tenho em Melgaço muitos primos. As minhas raízes estão todas lá. Certamente tenho lá família que já não conheço e que gostaria de reencontrar. Mantenho ligação com alguns, estamos sempre a par das novidades. Tenho um tio materno com o qual falo com regularidade. E a minha mãe é assinante d'"A Voz de Melgaço", também sabe das notícias", esclarece Jorge Monteiro Amante dos passeios por terras melgacenses, assume-se um admirador do concelho, da vila à montanha. "Gosto muito de ir ao Peso, passar lá uns dias; ir a Castro Laboreiro, subir ao Castelo e descer até Portos. Também gosto de ir à Peneda, fazer a via-sacra, e ao Coto da Meadilha. Fiães, onde tenho um primo, é um local de peregrinação. Tudo aquilo faz-nos sentir no topo do mundo".

João Martinho



lhe é adicionado nada, é totalmente natural e é perecível, não tem uma durabilidade muito extensa".

O armazém, ainda que pequeno, já trabalhou a todo o gás – ou a toda a lenha, já que é com madeira que se alimenta o fogo da fornalha que torra os grãos de café – quan-



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138



Sabores Castrejos
de Judite Rodrigues

Fumeiro 100% artesanal,
feito com as mais genuínas receitas castrejas

Portelinha N.º207 - Castro Laboreiro
Melgaço

Tlf: 251 465 452
Tlm: 925 145 305
e-mail: saborescastrejos@gmail.com

Siga este símbolo para encontrar o
nosso fumeiro em
Portelinha - Castro Laboreiro

Encontro anual de antigos alunos do Seminário de Braga realizou-se em Melgaço



Foto do grupo diante da Igreja de Paderne



O encontro anual de antigos seminaristas iniciados nos Seminários de Braga em 1980 realizou-se em Melgaço.

Realizados desde 1995 sem interrupções e pelas localidades de cada aluno, no ano transacto a data comemorou-se no Estádio do Vitória de Guimarães, uma vez que um dos alunos daquele ano é o vice-presidente do clube vimaranense, Armando Marques.

Desta forma, no dia 10 de Junho de 2017 mais de meia centena de antigos alunos do Seminário rumaram à freguesia de Roussas, onde prestaram homenagem a um condiscípulo já falecido, António Manuel Esteves Martins.

Após a chegada dos seminaristas à Igreja de Roussas, provenientes das mais variadas paróquias da arquidiocese de Braga e de Viana do Castelo, houve missa em homenagem ao colega António Martins, presidida pelo padre Albano, pároco de Rossas, Vieira do Minho, (que será o local do próximo encontro). Seguiu-se a visita ao cemitério de Roussas e depósito de flores em homenagem ao António.

O grupo de cerca de 60 elementos seguiria depois para o Solar do Alvarinho, onde houve um brinde com Alvarinho de Honra, e daí para a Tasquinha da Portela, em Paderne, onde a gastronomia e os vinhos e espumantes locais foram estrelas desta mesa onde se chegou a cantar o Gaudeamus Igitur a 4 vozes, "como nos tempos do Orfeão", lembraram alguns.

Em ambiente de convívio, os ex-seminaristas recordaram ainda os quatro professores de Melgaço, nomeadamente o padre Lobato (Paços), o padre Carlos Nuno Vaz e a professora Maria do Rosário Vaz (Roussas) e o Dr. António Luís Esteves (este já falecido).

O convívio finalizou pelas 19 horas, com uma breve visita às Termas de Melgaço.

João Martinho

Santa Casa da Misericórdia de Melgaço deposita documentos de "inestimável" valor histórico no Arquivo Municipal

A Santa Casa da Misericórdia de Melgaço assinou um contrato de depósito do seu arquivo histórico no Arquivo Municipal concelhio. O espólio da instituição solidária reúne documentos com cerca de 500 anos que tem "um valor incalculável" em termos de relevância histórica para o concelho.

O contrato de cedência foi assinado no dia em que se assinalou o Dia Internacional dos Arquivos, a 9 de Junho, o que permitirá aos serviços de arquivo da autarquia salvaguardar e catalogar a informação até agora reservada à Misericórdia de Melgaço.

"A condição em que se encontrava o arquivo preocupava-nos já há algum tempo e à medida que fomos tendo conhecimento do seu valor histórico, essa preocupação adensou-se. Achemos melhor pedir ajuda porque não teríamos condições para salvaguardar o melhor estado daquela documentação", referiu o Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, Jorge Ribeiro.

"Entendo que é um bom serviço que é prestado à história do município e às instituições. Tive oportunidade de visitar o Arquivo Municipal e de facto o que envolve em termos de condições, equipamentos e máquinas é impensável para qualquer instituição. É um bom serviço a Câmara poder prestar este apoio às instituições", frisou ainda o Provedor.

Para a autarquia, este depósito reforça o valor histórico daquele arquivo, dado que ambas as instituições têm uma amplitude arquivística praticamente contemporânea. Note-se que o documento mais antigo depositado no Arquivo Municipal é o foral de Melgaço (1513), enquanto que a Santa Casa da Misericórdia de Melgaço tem em seu poder, desde 1517, os estatutos que



regem aquela IPSS.

"Tem documentos com uma antiguidade que nem o próprio Arquivo Municipal tinha e parece-me que é um património muito importante de ser devidamente acautelado. É um dia feliz para o município, que assim vê o seu Arquivo Municipal enriquecido", referiu Manoel Batista.

"Tudo faremos nas instalações dos nossos arquivos, nestas ou noutras quando tivermos oportunidade de reequipar os serviços com outras instalações, para que o espólio que hoje nos é entregue seja acautelado e divulgado", assegurou ainda o autarca.

São cerca de 119 livros e 40 maços de documentos que agora passam para a gestão do Arquivo. A antiguidade dos documentos obrigou a Misericórdia melgacense a escolher a alternativa mais viável para a conservação da sua história. "Documentos com 500 anos necessitam de tratamento e de condições de arquivo que a nossa instituição não tem".

A instituição solidária, além da sua história enquanto "organizadora" da acção social que já existia no século XVI, guarda também informações sobre a vida social e demográfica do concelho.

João Martinho

PASSAGENS NACIONAIS E INTERNACIONAIS • HOTEIS EM TODO MUNDO • PACOTES VACACIONAIS • CRUZEIROS

EsquicoPapel
RNAV:2802

251 648 078
00351 966 548 246 24H
monção@viagens360.pt

VIAGENS 360° RIO PARK

ESCAPADINHAS DE FIM-DE-SEMANA • VISTOS • VOOS LOW COST • PREÇOS MAIS ACESSÍVEIS • APOIO AO CLIENTE

Compre aqui os seus Livros Escolares!

Vale 15%

De 30 de Junho até 30 de Setembro

* Artigos Papelaria/Escolar

ELEIÇÕES EM FRANÇA E INGLATERRA Macron tem as mãos livres e Teresa May amarrada à UE



Entre o mistério Macron, que toca piano e fala francês, que tem educação jesuíta e não é "nem de esquerda nem de direita" mas diz que não é "socialista", e a Marine Le Pen, venha um gaulês e escolha. E os franceses escolheram quem toca piano e tem educação jesuíta...

Com uma maioria absoluta, apesar do grande lastro da abstenção (superior a 52%), o presidente francês Emmanuel Macron pode aplicar o seu programa neo-liberal com uma frágil oposição parlamentar.

O seu movimento A República em marcha (REM) conseguiu 350 (precisava apenas de 289) deputados na segunda volta das eleições legislativas celebradas no dia em Portugal estava mergulhado nas maior tragédia de sempre.

Por isso, as eleições passaram incólumes aos comentaristas portugueses, o que não lhes retira a importância vital que têm para o nosso País, uma vez que a França continua a ser o país com maior número de emigrantes portugueses, e em 2011 ultrapassou o meio milhão (592,281).

A pior notícias deste acto eleitoral é a abstenção que foi valorizada pelo primeiro ministro Édouard Philippe cujas maiores tarefas são uma nova reforma laboral ou uma lei anti-terrorista.

Após a eleição, começou o tempo da acção — assegurou Édouard Philippe e tem condições para ela, uma vez que o presidente Macron dispõe de poderes totais, face a uma oposição minoritária e desagregada. Os Republicanos são o maior grupo mas estão numa situação difícil, uma vez que Philippe saiu das suas fileiras há um mês.

Macron não ficou satisfeito e ainda foi buscar três ministros socialistas, mais três da direita republicana, para lhes ocupar o espaço e desbaratar a utilidade destas forças que alimentaram o decadente bipartidarismo gaulês.

Para a Esquerda não podia ter havido notícia mais trágica, com os socialistas a obterem apenas 46 deputados, o pior resultado na história da Quinta República. Tinha 288 eleitos.

A única consolação para a esquerda está nas mãos dos 26 deputados de Jean-Luc Mélenchon (líder da França Insubmissa) com militantes comunistas e ecológicos.

Para estes existe um largo espaço de crescimento, uma vez que a "abstenção é uma energia disponível que se deve levar ao combate".

Para marcar distâncias com o PS e consolidar o seu movimento, a França Insubmissa rejeitou aliar-se com a ala esquerda do PS, os verdes e os comunistas que antes tinham apoiado Mélenchon nas presidenciais.

A França Insubmissa quer "fazer emergir uma sociedade alternativa, composta pelas forças sociais, políticas e culturais", através das redes sociais e solidárias.

Na Direita, o alarme soou com o partido da Frente Nacional — de Marine Le Pen — a limitar-se a oito deputados, sem poder constituir um grupo parlamentar (mínimo de 15) com todas as consequências financeiras negativas para o partido.

Segue-se agora um tempo de graça para Édouard Philippe com a confirmação, em finais de Julho, dos plenos poderes de Macron que deseja aprovar a nova lei laboral em meados de Setembro, a qual favorece as negociações sindicais dentro das empresas em prejuízo dos acordos colectivos de trabalho.

Esta nova lei permite aos empresários acordar com os sindicatos de cada empresa o horário de trabalho e condições de despedimento.

Como demonstram os resultados eleitorais, com elevadíssima abstenção, Macron preside a uma França anestesiada como prova a falta de mobilização dos trabalhadores por parte dos sindicatos que caíram também em descrédito.

Alguns sectores tentam criar uma nova força social e sindical mas não terá tempo nem força para fazer Macron travar o caminho neo-liberal e a nova lei laboral. Macron é "um génio", como anteviu Nicolas Sarkozy?

TERESA MAY "PERDE GÁS"

Após uma campanha baseada apenas na sua figura, Theresa May vive os piores pesadelos para quem dois meses antes convocara eleições antecipadas a pensar que dava uma goleada (com 25% de vantagem nas sondagens).

Oito dias depois da vitória com sabor a derrota, May não tinha conseguido assinar acordo com Unionistas de Belfast e a sua popularidade andava de rastros.

A gestão que ela fez da tragédia de Grenfell, com mais de 60 mortos confirmados, é cada vez mais criticada. Há protestos na rua e



pedidos de demissão. "A liderança requer coragem, imaginação e empatia. Ela não conseguiu mostrar nenhuma destas qualidades".

Centenas de pessoas concentraram-se junto à residência oficial da primeira-ministra britânica, pedindo mais explicações sobre o trágico incêndio que destruiu por inteiro a Torre Grenfell.

São muitos os que pedem a sua saída do cargo e teve mesmo de sair à pressa de uma igreja que visitava e onde voluntários organizavam os muitos donativos que têm sido recolhidos para apoiar quem ficou sem nada. "Cobarde", vergonha", "exigimos justiça" foram algumas das palavras de ordem gritadas por dezenas de pessoas furiosas com Theresa May.

O voto jovem é a chave que permite explicar os resultados, além da mobilização contra os cortes sociais e a rejeição de um "Brexit duro".

Com uma maioria minoritária, naquela noite longa, May enfrenta agora a possibilidade de alteração do calendário das negociações com a União Europeia.

Se os conservadores esperavam uma maioria, surpreendente foi a recuperação dos Trabalhistas de Jeremy Corbyn num dia mau para os Nacionalistas Escoceses pois arrefece a ideia de um segundo referendo independentista. A boa notícia foi para os liberais que recuperaram alguns lugares perdidos.

Os politólogos justificam a derrota de May em dois momentos: primeiro, na tentativa de ir buscar votos aos trabalhistas, e, segundo, numa campanha demasiado centrada na "Queen Theresa" arrogante que fugiu aos debates e passou a ser vista por adversários e eleitores como covarde e impreparada.

Preferiu aparecer sentada ao lado do marido no sofá em programas como "The One Show", da BBC, onde discutiu sapatos, viagens e tarefas domésticas ("Lá em casa, sou eu quem põe o caixote do lixo na rua", anunciou o marido, Philip May).



"O partido deixou de pensar na educação, impostos e no Serviço Nacional de Saúde, pensando que o foco e a prioridade dos eleitores era obter um governo forte e estável que implementasse um Brexit de forma limpa e rápida", diz Jean-Paul Salter, professor no King's College London.

Corbyn deslocou a ideologia e propostas da sua agenda mais à esquerda, almejando atrair a população com menor participação política, como são os jovens.

O atentado de Londres foi outro argumento esgrimido contra quem tinha comprometido a segurança do país ao executar cortes na polícia e no Serviços Secretos, nos últimos dois anos.

Mas havia mais, nesta caminhada eleitoral desgraçada: a proposta corajosa em que os cidadãos ou as suas heranças passassem a pagar a assistência domiciliar recebida pelos doentes de Alzheimer e por doentes inválidos.

A rejeição popular foi enorme. Quatro dias depois, Theresa May dá uma pirueta e cancela a medida, de modo a evitar males maiores.

Agora, será mais difícil para May apresentar-se em Bruxelas com o seu pacote de medidas para sair da Europa. Ela aparece aos europeus como uma mulher fustigada pelos seus próprios conterrâneos.

Além das eleições, houve os casos da Ponte de Westminster, Arena de Manchester, Ponte de Londres, incêndio na Torre Grenfell e atropelamentos em frente à

mesquita de Finnsbury Park. São tragédias britânicas que ocorreram num intervalo de um mês, o "mensis horribilis" de Theresa May.

O Brexit é apenas mais um dos percalços do mês horrível da primeira-ministra britânica, que tinha uma popularidade comparável à da dama de ferro, Margareth Tatcher, 26 anos antes. Agora contabilizava 63% de rejeição entre os britânicos, segundo uma pesquisa divulgada antes do inferno na torre Grenfell.

Esta desconfiança enraíza-se nas sucessivas inversões de marcha que a imprensa britânica se tem dedicado a encontrar. O Financial Times, por exemplo, contou nove mudanças de opinião relevantes nos últimos 12 meses.

O diário financeiro recorda como May defendeu, durante a campanha para o referendo, que o Reino Unido deixasse de ser signatário da Convenção Europeia dos Direitos do Homem, porque o acordo "ata as mãos do parlamento, não nos torna mais prósperos e torna-nos menos seguros". Mas, quando concorreu à liderança do partido, tinha mudado de ideias e o programa não prevê qualquer alteração.

Acresce que, na primeira reunião do Brexit, a UE e o Reino Unido acordaram as prioridades da negociação e o calendário dos próximos dois anos. Deste primeiro encontro, extrai-se que os negociadores britânicos capitularam ante as principais reivindicações europeias.

O jornal "Público" escrevia há uma semana que Theresa May tentava sobreviver no corredor da morte... política, ou a perder gás. Resta a esperança da sua promessa aos Conservadores: "Meti-vos nesta confusão, mas vou tirar-vos dela".

Nota: o autor não escreve conforme o acordo ortográfico.

N.R.: A Voz de Melgaço passa a contar com a colaboração regular do consagrado jornalista, Dr. António Costa Guimarães, antigo director do Correio do Minho, durante vários anos.

A. COSTA GUIMARÃES
(Jornalista)



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Doentes de Esclerose Múltipla reuniram-se em convívio em Melgaço

Melgaço recebeu o II Encontro do Alto Minho de doentes com Esclerose Múltipla, uma doença crónica que afecta o sistema nervoso central, com maior incidência do género feminino e no jovem adulto (entre os vinte e os quarenta anos de idade).

A iniciativa insere-se nas comemorações do Dia Mundial da Esclerose Múltipla 2017 e é organizada pela Equipa de Enfermagem da Unidade de Neurologia da Unidade Local de Saúde do Alto Minho (ULSAM), EPE que escolheu Melgaço pelo contexto histórico e pelas características do Centro de Estágios, que tornam o concelho com as condições ideais para a prática de actividade física /desportiva".

A iniciativa decorreu a 15 de Junho, começando com uma visita ao centro histórico e ao museu Memória e Fronteira. O almoço convívio decorreu na zona arborizada do Monte de Prado, aproveitando todo o contexto turístico daquela envolvente.

A prática de exercício físico e uma alimentação saudável são fundamentais para a promoção da qualidade de vida à pessoa com Esclerose Múltipla. Esta doença afecta mais de 2,3 milhões de pessoas em todo o mundo e tem como principais sintomas a fadiga intensa, visão turva, dormência ou formigueiro nos membros e problemas de força e coordenação.

Para a enfermeira Paula Pereira, da Unidade de Neurologia da ULSAM, a escolha dos locais tem de cumprir os requisitos que torne atractivo o apelo à actividade física e ao convívio. "O elemento principal desta actividade é o convívio. Alguns utentes isolam-se muito, outros não aceitam a patologia, outros têm dificuldade de locomoção e não querem sair".

Neste II Encontro do Alto Minho, mais de uma centena de doentes marcaram presença, provenientes de Viana do Castelo, Ponte de Lima, Melgaço e Monção, sendo este último o que regista um número considerável de casos diagnosticados.

Paula Pereira estima em cerca de 200 os casos de Esclerose Múltipla no distrito de Viana, diagnosticados em doentes entre os 20 e os 40 anos, "o que dificulta a vida a estas pessoas, porque surge numa fase da vida activa e reprodutiva, porque é gente que trabalha e tem filhos, por isso é uma doença que nos sensibiliza mais", refere.

Ainda que susceptível de limitar ou não o doente após cada surto, a enfermeira da ULSAM refere um exemplo que pode estimular outros à vida activa, a programar coisas novas. "É uma doente que está em cadeira de rodas, mas ainda assim, veio de Ponte de Lima até Melgaço de carro, com a filha, e ainda vai aos concertos do Tony Carreira".

"A actividade física vai melhorar muito a vida. Temos casos de doentes que praticam actividade física há dois anos e estão muito melhores", reitera.

Relatos de quem vive com a Esclerose Múltipla (EM):

Marco Gonçalves, Melgaço, diagnosticado com EM há 22 anos

Já tive muitos surtos. Ficam sempre algumas sequelas, mas ajuda-me o facto de estar num trabalho adaptado. Faço uma vida praticamente normal. Faço os tratamentos três vezes por semana, com medicação que vem do Hospital de Viana do Castelo. Só tenho mesmo de ir ao Hospital quando é para fazer os corticóides, que é um santo para a esclerose múltipla. Quando se acaba de sentimo-nos como novos.

Os médicos dizem que quando se está cansado devemos parar. Eu sempre fiz o contrário do que os médicos diziam. Proibiram-me de andar ao sol, ao frio, de tomar café, e eu sempre fiz o contrário. Tento não abusar, não cometer excessos, mas tenho uma vida completamente normal".

Carla Sousa, Monção, diagnosticada com EM há 8 anos

"Tive o primeiro surto há doze anos, mas só me foi diagnosticado há cerca de oito anos. Estou a habituar-me à doença e ao tratamento. Praticamente está tudo igual. Trabalho na mesma, só tenho de ir às consultas e tomar a injeção, dia sim, dia não.

Teresa Cardoso, Monção

Já tive muitos surtos, estive várias vezes internada no Hospital, em Viana e já tive dois surtos em Lisboa [de onde é Natural]. Estou de baixa, deixei de conseguir aguentar a laboração, porque trabalhava numa fábrica. Mas já cheguei a sair do Hospital e ir trabalhar no dia seguinte. Sempre gostei do que fazia.

Comecei a ter menos força, tonturas, alterei o ritmo. Trabalhava 14 horas por dia, para mim mudei tudo. Deixei de ter trabalho, que era a minha vida quase a 90 por cento, e passei a estar em casa todos os dias, o que acabou por trazer coisas boas. Pude dar assistência ao meu filho, que quase não via. As notas dele melhoraram, pude dar apoio à casa e a coisas que já não fazia há anos. Começamos a ver a vida de um modo diferente e a começar a fazer tudo o que podemos fazer. Posso não ter doença nenhuma e ser atropelada ao sair de casa e morrer. Com esta doença posso durar mais cinco ou dez anos, ou mais 40, ninguém sabe. A melhor coisa é viver o dia-a-dia e usufruir de tudo aquilo que se puder e conseguir".

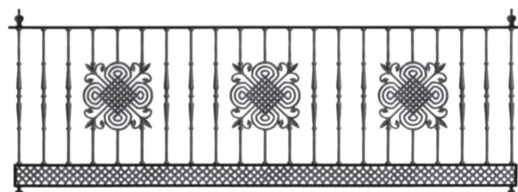
Inês Cunha, Monção, diagnosticada com EM há dois anos

"Lido bem com a doença. Depois de se descobrir, tem de se saber lidar com ela, porque se não não soubermos, ela avança. Já tive vários surtos, e perdi o andar, tive de fazer fisioterapia mas não me limitou em nada, agora ando normalmente, salto, faço tudo".

João Martinho



SERRALHARIA BOAVISTA
DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista - Rouças | Telefone 251 403 567
4960 MELGAÇO

Livro sobre Senhora-a-Branca apresentado Francisco Senra Coelho: "um subsídio

O livro "Senhora das Neves a Branca" é um "subsídio esplêndido com fundamento científico para o estudo do Povo de Deus, uma realidade representada nesta Igreja que é fonte de espiritualidade e de solidariedade" – garantiu o Bispo Auxiliar de Braga, D. Francisco Senra Coelho, quarta-feira, em Braga.

O Prelado falava na sessão solene e muito musical de apresentação do novo livro do padre Carlos Nuno Vaz que assinala os 500 anos daquele templo em que "muita gente fica na história da história da Senhora-a-Branca", como sublinhou o jornalista Costa Guimarães

A sessão, com a Igreja cheia, começou com a execução de peças de órgão por Costa Gomes e a entoação de cânticos pelo grupo Coral dirigido pelo padre Júlio Vaz, preparando o auditório para uma "breve visita guiada" à evolução desta antiga ermida

que hoje acolhe a Irmandade da Senhora-a-Branca, fundada em 1516.

O bispo auxiliar de Braga, sagrado há três anos, recordou as "peugadas na estrada que o padre Carlos Vaz empreendeu para nos dar a conhecer um Povo de Deus que brota do Baptismo, se alimenta da Eucaristia" através da história da irmandade, com "os seus dias de sol e os seus dias de sal".

Francisco Senra Coelho centrou a sua intervenção na Comunidade de todos os irmãos que precisa de "recontar a história da Igreja e não pode ficar encerrada num castelo" de negociações entre Papas e Reis, entre Papas e Bispos e entre Bispos e padres.

"A história do Povo de Deus está por fazer mas não é fácil porque o povo não deixou documentos nos arquivos nem tinha chancelarias", mas "é onde nós encontramos com uma multidão imensa que construiu a Igreja".

Os documentos das irmandades testemunham a "religiosidade popular, as devoções, os ex-vo-



Maestro Júlio Vaz, Padre Carlos Nuno, Bispo D. Francisco e Costa Guimarães (jornalista)

tos, as promessas cumpridas e as crenças mais simples como a do medo do purgatório" mas elas são "os primórdios dos movimentos que levam aos grandes Montepios mutualistas" — acrescentou o Bispo Auxiliar de Braga.

Partindo do livro de Jean Deluneau, "História vivida do Povo de Deus", Francisco Coelho de-

safia ao estudo da vida e obras do "grosso volume de fiéis anónimos que são a Igreja". Hoje, a santidade é uma chamada universal, em contraponto aos tempos medievais em que "a santidade era apanágio exclusivo das ordens religiosas" e mesmo dentro dos mosteiros existiam vários escalões.

A RESPIRAÇÃO DOS POBRES

Daí que o Bispo Auxiliar de Braga destaque este estudo do padre Carlos Nuno Vaz porque a história da Irmandade "é um caminho clarividente que nos mostra a realidade viva do povo bracarense, as Confrarias eram



Um aspecto da assistência



Dr. Costa Gomes, tocou duas peças de órgão; Nuno Monteiro, organista do coro da Senhora-a-Branca e maestro Júlio Vaz



Farmácia Vale do Mouro

A cuidar de si todos os dias!

— Melgaço —

251 403 312 / 961 197 872
melgaco@farmaciavaledomouro.pt
Rua Dr. Augusto César Esteves,
Nº 213 / 4960-402 Melgaço

— Monção —

251 565 821 / 969 993 870
moncao@farmaciavaledomouro.pt
Urbanização Quinta das Andorinhas,
Loja 9 / 4950-850 Monção

www.farmaciavaledomouro.pt

na sua Igreja em Braga esplêndido"

uma proposta de caminho da santidade para os simples que dava atenção à piedade, incluía os testamentos, os sufrágios".

O prelado lembrou a vitalidade das confrarias civis — como a da alheira, da morcela, dos vinhos ou do pudim — quando "sentimos as nossas Irmandades a asfixiar, apáticas. Estamos a falar da respiração espiritual dos pobres, da fraternidade de pobres com pobres e de coisas marcadas com sangue, suor e esperança".

Uma vez que agora ninguém pode ignorar — com este livro do Carlos Nuno Vaz — D. Francisco Coelho fez um apelo ao "apoio à Irmandade da Senhora-a-Branca, pela sua história e pelo património imaterial que representa para Braga".

O bispo auxiliar de Braga não esqueceu "esta família de sacerdotes — Cónego António Vaz, padre Júlio Vaz e os sobrinhos Carlos Nuno e Júlio Vaz — que tem um compromisso umbilical, de ordem genética, com o concílio Vaticano II".

D. Francisco não esqueceu as "cicatrices e caminhos difíceis que eles percorreram na fidelidade, muitas vezes em silêncio e em sofrimento".

Coube ao jornalista Costa Guimarães a apresentação do livro que se afirma como "um combate à amnésia programada" através de 570 páginas sobre 500 anos do belíssimo exemplar que acolhe a primeira obra de André Soares (o sacramento).

Trata-se do resultado do exaustivo trabalho de seis anos de estudos de cerca de duzentas fontes documentais distintas, e de muita dedicação que nos apontam momentos, actos, sentimentos, palavras, gestos que calaram fundo e nos ajudam a ter outra perspectiva sobre a importância deste templo na cidade e concelho de Braga.

"Com estas 570 páginas, das quais devemos destacar uma excelente colecção de imagens que falam mais que as nossas palavras, o padre Carlos Nuno Vaz ajuda-nos, através de um trabalho que esconde um enorme amor, a aprofundar a história de Braga para a apreciarmos ainda mais" — prosseguiu Costa Guimarães, lembrando que a receita dos 1600 exemplares reverte a

favor das obras da Igreja porque as rendas são muito diminutas face ao que eram outrora...

Estamos perante um contributo de muitos que foram coordenados por Carlos Nuno Vaz... como Franklim Neiva Soares (As visitas de S. Vítor), o espólio da Confraria de S. Pedro (unida 15 nos à da Senhora A branca, cedido pelo padre José Paulo Abreu), ou de outras como a Senhora do Ó, do Hospital, da Boa Nova (Arco da Porta Nova), do Bom Despacho, nas Carvalheiras, (que fazem da Senhora a Branca um quatro em um).

Outra lembrança e agradecimento vai para o Doutor José Marques, que forneceu o documento que comprova a existência do nome «Senhora-a-Branca» numa transacção de 1485 e, além disso, verteu para grafia mais acessível a introdução ao Livro dos Brasões, colocada no início do cap. XI.

De Ernesto Português veio o contributo da União com a Irmandade de S. Pedro, enquanto Eduardo Pires Oliveira facilitou a colecção dos brasões dos Arcebispos desde D. Diogo Sousa, em 1516.

UMA PRENDA PARA BRAGA

O jornalista assinalou que é "uma ótima prenda que Carlos Nuno Vaz oferece também a Braga, porque sendo mais que um livro de história, é uma parte ímpar da história de Braga, fora dos muros medievais, quando não havia a Igreja de S. Vítor, mas apenas a Capela de S. Vítor Velho, como mostra bem o Mapa de Bráunio, em 1594, a meio caminho entre a Avenida Central e a Capela de S. Vítor-o-Velho".

A implantação e prestígio da irmandade alargavam-se de tal jeito que, em 1587, os recebimentos atingiram os 62.667 reis, o que permitia a renovação de alfaias, missais e outro mobiliário decorativo e religioso.

Costa Guimarães deu algumas pinceladas sobre os principais momentos da História da Irmandade que, após séculos de crescimento e crescimento, entrou em declínio e

quase morte na primeira metade do séc. XX.

"Este livro de Carlos Nuno Vaz também canta essa gente que fica na história da história da Senhora-a-Branca, esses padres e leigos que passaram nas vidas de tantos para os marcar com a sua dedicação e trabalho e não para causar cicatrizes" — sentenciou Costa Guimarães, antes de lembrar com alguma emoção alguns obreiros do renascimento da Senhora-a-Branca: os padres Manuel Rodrigues de Azevedo, António Sousa Fernandes e os irmãos Vaz "marcaram a nossa juventude pela sua coragem para afrontar poderes eclesiais hipócritas e castradores da formação da juventude".

LEMBRAR OS PADRES VAZ

É a estes que a Irmandade deve o seu renascimento desde 1969 até hoje: o padre António Sousa Fernandes, o Cónego António Luís Vaz com o seu irmão Padre Júlio Hilarião Vaz. Os sobrinhos dos padres Vaz — Carlos Nuno Vaz, como capelão — o irmão Júlio, Director do Grupo Coral que anima as celebrações desta Igreja, continuaram a renovação.

"Eles acreditaram, com gestos, dedicação, palavras e acções, desde há décadas, naquele grito do papa Francisco em Fátima, no passado 13 de Maio: Temos Mãe. Acreditaram quando, em alguns momentos, a Mãe Igreja se comportou como madrasta e os olhou de soslaio" — lembrou Costa Guimarães.

Eles são os construtores desta "nova centralidade especial da Senhora das Neves a Branca que devemos conhecer mais — através da leitura deste livro — para a amarmos melhor".

"Mais que perpetuar, o padre Carlos Nuno Vaz aviva a memória e dá a conhecer tantas coisas...ricas de humanidade e devoção que há dentro destas paredes. Ninguém ama aquilo que não conhece. Com esta obra deixamos de poder invocar a nossa ignorância. Já não temos desculpa para não amar tanto este templo" — concluiu o jornalista.

C.G.

Da Cidade do Cabo à Ilha de Zanzibar

ÁFRICA SOBRE RODAS... DE COMBÓIO – I

Uma aventura incomum: escolher o comboio como principal meio de transporte em África, torna esta viagem numa aventura diferente e pouco usual, com uma expectativa grande, perante a ausência de relatos comparativos entre amigos ou conhecidos.

Na verdade, viajar nos antigos comboios ingleses, da época colonial, e que ainda hoje circulam, com os seus compartimentos de beliches e uma mesinha junto à janela, sentimos que recuamos ao tempo em que as janelas abriam, como nestes, a sentir a deslocação do ar e a perceber outro tipo de atmosfera..

Reviver a sensação de andar nestes comboios... sempre foram os meios de transporte preferidos para irmos de férias escolares: ir à janela a sentir a deslocação do ar e, na época das máquinas a vapor, levar nos braços e na cara com algumas faúlhas pretas do carvão que aquecia as caldeiras de água para produzir vapor, ouvir os apitos...Memórias inapagáveis de percursos que nos conduziam aos sabores da terra e cheiros de frutas e de vindimas transmontanas.

COMBOIOS: DE MANCHESTER PARA O MUNDO

Os ingleses desenvolveram e exportaram caminhos de ferro, entre outros destinos, para todas as suas colónias a partir de Manchester, um centro de investigação e desenvolvimento industrial notáveis, onde se construíram as primeira locomotivas a vapor, alimentadas a carvão. Nessa tecnologia integrava-se a circulação inglesa dos comboios pela esquerda que ainda hoje se mantem nas viagens sobre carris mesmo nos países em que na estrada se circule pela direita!

A Inglaterra, cresceu como enorme polo industrial desde o século XIX, exportou e instalou caminhos de ferro para todo o mundo. As antigas colónias britânicas da África do Sul e Rodésia ganharam grande progresso com essa opção de comunicação sobre carris, sem falar na Índia, onde ainda hoje o comboio é o principal meio de transporte.

Cecil Rhodes, um inglês com grande poder e iniciativa nesta parte de África, nos finais do séc XIX e início do séc XX dinamizou o desenvolvimento dos comboios e imaginou mesmo estabelecer uma linha férrea da Cidade do Cabo até ao Cairo. A vida dele foi relativamente curta, mas do seu apelido, Rhodes, derivou a palavra Rodésia, agora dois países distintos: a Rodé-

sia do Norte coincide com a actual Zâmbia e a Rodésia do Sul tomou o nome de Zimbabwe.

Depois da primeira Grande Guerra, o Império Britânico possuía poder político para completar a ligação por comboio do Cabo ao Cairo, mas questões económicas não permitiram a sua efectivação em tempo útil, ou seja, antes da Segunda Grande Guerra. Depois desta terminar, as convulsões políticas entretanto registadas, originaram as lutas dos povos africanos e a rebelião contra os colonialismos, minando os alicerces políticos para a sua realização. Mas nas vias férreas que chegaram a ser construídas ainda hoje se circula.

CIDADE DO CABO E CABO DA BOA ESPERANÇA

Capetown, uma bela cidade e a mais procurada pelos turistas na África do Sul. Tranquila, entre um horizonte de montanhas e a proximidade do mar, torna-se desejada pelo seu clima ameno, a proximidade do mar e uma paisagem variada.

No horizonte não escapa à nossa atenção a "Table Mountain", montanha em forma de mesa, uma imagem inevitável vendida aos turistas pelas agências de viagem. No nosso caso coincidiu com um sábado 31 de Dezembro, um sábado de fim de ano... As filas eram de tal ordem que entupiram completamente o acesso ao teleférico. Desistimos sem pachorra para esperar três horas numa fila!

Mais importante para nós, portugueses é, sem dúvida, o Cabo da Boa Esperança!

Bartolomeu Dias deixou o seu nome indelevelmente ligado a este extremo sul do continente africano ao conseguir provar que a costa de África, sempre uma referência do lado esquerdo das naus que se aventuravam pelo Atlântico para Sul. Por isso o lado esquerdo dos barcos ficou para sempre designado por bombordo. Sempre desse lado havia terra que os acolhesse ou referenciasse quando navegavam para Sul. Quando terminaria? Quando se descobriu que havia uma passagem para Oriente lá muito a Sul, oh que esperança.. Talvez por aí se conseguisse uma via para alcançar a mítica Índia.

Bartolomeu Dias no regresso a Lisboa traz uma fantástica notícia: encontrara um cabo para dobrar e seguir para Oriente! Apesar das muitas tempestades que caracterizam essa zona, onde se encontram o Oceano Atlântico e o Oceano Índico que notícia fantástica.

Continua na pág. seguinte

Da Cidade do Cabo à Ilha de Zanzibar

ÁFRICA SOBRE RODAS... DE COMBÓIO – I

Continuação da pág. anterior

O primeiro nome -Cabo das Tormentas- que sugeriu quem de lá trouxe a notícia, em breve mudou para Cabo da Boa Esperança, pois a El Rei D. João II surgia a forte esperança de por aí alcançar a Índia.

Hoje encontramos no local uma mensagem gravada sobre placas de madeira assinalando esse feito, embora escrita em inglês. Imperdível para portugueses...Irmos até lá a partir da Cidade do Cabo comovemos e orgulha-nos. Nunca se resiste a uma foto no local.

O cabo mais a Sul é logo a seguir, o chamado cabo Agulhas que verdadeiramente marca a separação entre os Oceanos Atlântico e Índico, zona sempre muito perigosa para rotas marítimas.

DESCOBRIR OS PINGUINS QUE ANDAM POR AQUI A BANHOS

Vai-se bem de comboio numa pequena viagem de comboio desde a Cidade do Cabo até Simon's Town a cerca de 40km para alcançar a praia dos pinguins: a Boulders Beach, de águas muito frias. Encontram-se aí muitas colónias de pinguins, que aí apareceram, pela primeira vez, na década de 80. Não se sabe como foram lá parar mas como procriaram o número foi crescendo. O interesse que despertaram levou a conceder a esta zona um estatuto de Reserva Natural para cuidar de não molestar a colónia de pinguins que tantos binóculos de turistas atrai!

Pelo sim pelo não, os pinguins africanos podem correr risco de extinção, apesar de serem actualmente cerca de 3000, e por precaução e atracção para os inúmeros turistas que aí se deslocam, a praia passou a ser uma reserva ambiental. Assim, a Boulders Beach, que significa Praia dos Rochedos, faz agora parte de um Parque Nacional perto da Cidade do Cabo, que inclui também a "Table Mountain". Felizardos pinguins! Nós vimo-los bem ao longe porque só deixavam descer para a praia um número muito limitado de turistas e havia um enorme quantidade de pessoas nas férias do Ano Novo candidatas a descer à praia! A conta gotas...Muito engenhosos são uma série de barris de plástico, deitados e meio enterrados na areia bastante acima do nível da praia onde podem os pinguins nidificar e chocar os ovos. E havia vários ocupados! A bem do turismo...

UMA ILHA IMPERDÍVEL AO LARGO DA CIDADE DO CABO

A cerca de sete km ao largo de Capetown a ilha designadapor

Robben Island tornou-se um ícone por na sua prisão Nelson Mandela ter permanecido durante 18 dos 27 anos a que fora condenado. Aliás, além de Mandela, que foi laureado com o Prémio Nobel da Paz, mais duas figuras que se tornaram presidentes da África do Sul, passaram por esta prisão, nomeadamente o actual presidente Jacob Zuma. Uma prisão que albergou alguém que veio a receber um Prémio Nobel torna-se uma situação singular.

Por todas estas razões esta Ilha pertence à lista dos Patrimónios Mundiais seleccionados pela Unesco.

DE COMBOIO NO SHOSHOLLOZA... ATÉ JOANESBURGO

O Shosholoza, um comboio icónico pelo seu nome que representa o início da canção que os mineiros cantavam a bordo dos comboios que os levavam para as minas, transportou-nos durante quase 1500km da Cidade do Cabo até Joanesburgo. Quase como de Lisboa a Paris.

Shosholoza é uma palavra zulu que significa "seguir em frente" e recorda também na sua cadência a onomatopeia do comboio a vapor em andamento. Tornou-se uma espécie de canção nacional, até em recintos desportivos.

As carruagens de origem inglesa, apresentavam uma estrutura sólida, os compartimentos tinham quatro beliches, o vagão restaurante também era um espaço de lazer e as janelas abriam, o que era ótimo para correr o ar.

Quase todos os passageiros eram populações tranquilas, do país, com pouca comunicação efectiva. Muito bem cuidados e educados a cuidar da sua vida.

O mais extraordinário eram os penteados femininos, nas cores e na imaginação da composição. Por vezes ficávamos na dúvida se seriam reais e tratados ou adquiridos...Para destoar apenas vislumbramos dois mochileiros tipo nórdicos e um casal de sul coreanos.

Atravessamos muitas savanas e florestas, vislumbravam-se um pouco ao longe os animais da savana, nas longas paragens nas estações muitos vendedores com produtos locais. E macacos a tentar furtar o que podiam.

Até Joanesburgo!

Nota: Para integrar um pouco estas vivências sul africanas, se puderem procurem na internet este interessante coro de jovens e crianças: The Drakensberg Boys Choir – Shosholoza.

M. J. Lobo
Julho de 2017



A imagem de Bartolomeu Dias e Vasco da Gama... Sentimo-nos em casa!



Paragens intermédias, em nenhures...NO fim chegávamos duas ou três horas atrasados...



O Shosholoza segue a linha azul...



Os pinguins em África, bem ao longe dos veraneantes, na praia de Boulders



Onde os naufrágios se sucederam...



O shosholoza apresenta um colorido criativo e inesperado